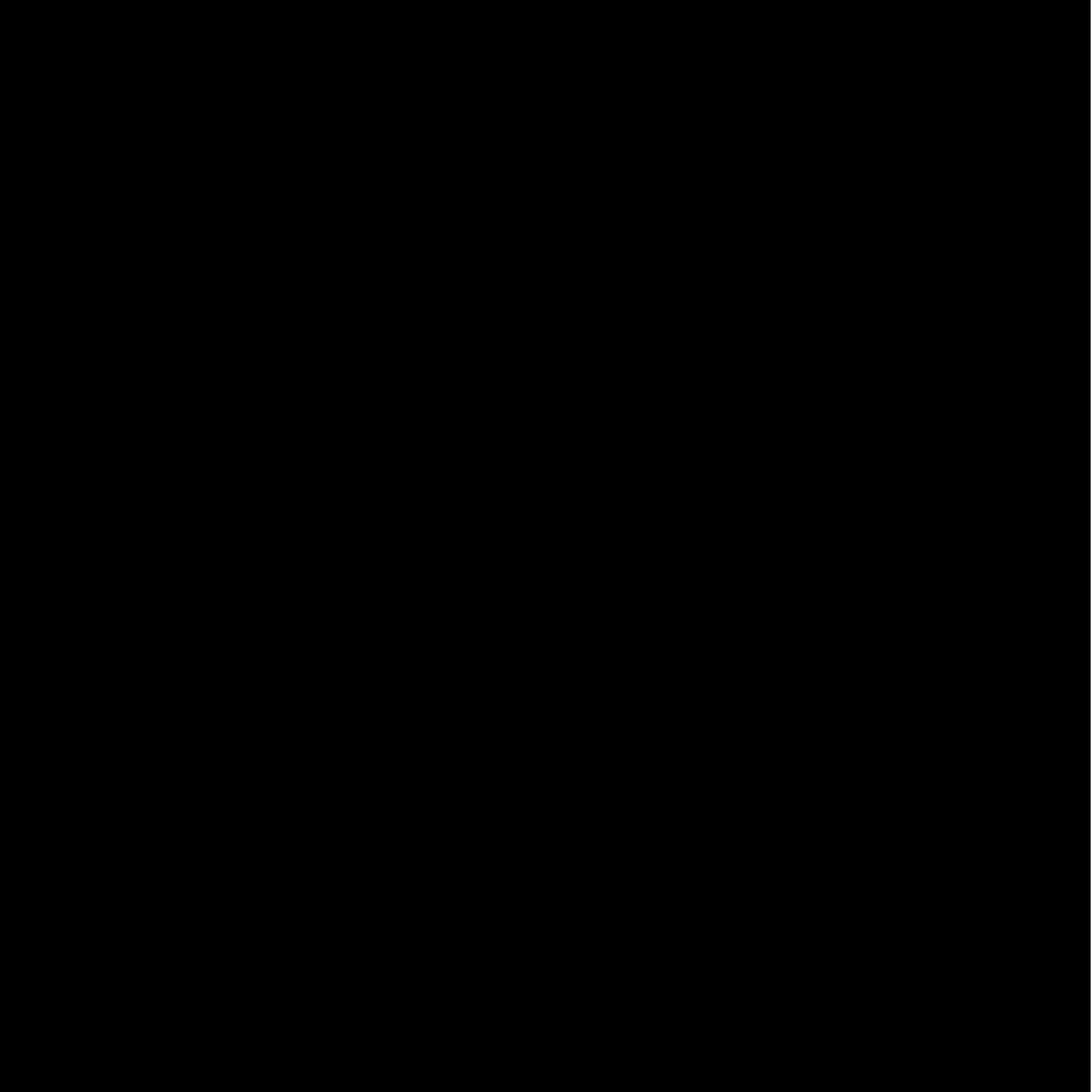


A ARQUITETA APRENDIZ E O CONHECIMENTO ENCARNADO

notas para pensar as implicações do corpo como lócus da
aprendizagem na formação em arquitetura e urbanismo

MARIANA RIBAS CORDEIRO | ORIENTAÇÃO: XICO COSTA





UFPB - Universidade Federal da Paraíba
CT - Centro de Tecnologia
PPGAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo



A ARQUITETA APRENDIZ E O CONHECIMENTO ENCARNADO

**notas para pensar as implicações do corpo como lócus da aprendizagem na formação
em arquitetura e urbanismo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB), como requisito para obtenção do título de doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Francisco de Assis da Costa

João Pessoa, 2023

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C794a Cordeiro, Mariana Ribas.

A arquiteta aprendiz e o conhecimento encarnado :
notas para pensar as implicações do corpo como lócus da
aprendizagem na formação em arquitetura e urbanismo /
Mariana Ribas Cordeiro. - João Pessoa, 2023.

238 f. : il.

Orientação: Francisco de Assis da Costa.

Tese (Doutorado) - UFPB/CT.

1. Teoria da arquitetura. 2. Experimentação
pedagógica. 3. Ensino de arquitetura e urbanismo. I.
Costa, Francisco de Assis da. II. Título.

UFPB/BC

CDU 72.01(043)

Elaborado por GRACILENE BARBOSA FIGUEIREDO - CRB-15/794

“A ARQUITETA APRENDIZ E O CONHECIMENTO ENCARNADO - Notas para pensar as implicações do corpo como lócus da aprendizagem em arquitetura e urbanismo”

Por

Mariana Ribas Cordeiro

Trabalho de pesquisa aprovado em 04 de setembro de 2023

Prof. Dr. Francisco de Assis da Costa
(Orientador/Presidente – PPGAU/UFPB)

Documento assinado digitalmente



CAROLINA SILVA OUKAWA

Data: 07/09/2023 15:15:38-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Carolina Silva Oukawa
(Avaliadora Interna - PPGAU/UFPB),

Documento assinado digitalmente



PEDRO DULTRA BRITTO

Data: 09/09/2023 09:36:35-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Pedro Dultra Britto
(Avaliador Externo - UFPB)

Prof.^a Dr.^a Maria de Jesus de Brito Leite
(Avaliadora Externa – UFPE)

Prof. Dr. Ney de Brito Dantas
(Avaliador Externo – UFPE)

João Pessoa-PB - 2023

RESUMO

A tese discute o lugar do corpo na formação do arquiteto e urbanista na medida em que considera que a condição para aprender é inseparável da experiência corpórea vivida por quem aprende, bem como das possibilidades de transformação de si promovidas por estas experiências.

Para pensar sobre corpos, afetos, experiências e conhecimento, toma como guia filosófica, ideias preciosas de Michel Foucault, Baruch de Espinoza e Jorge Larrosa. Onde o corpo é o lócus da construção do conhecimento, onde este conhecimento é o maior dos afetos, onde estes se dão a partir dos encontros.

Desde o ponto de vista pedagógico, este arranjo é articulado a partir do pensamento de Paulo Freire e bell hooks, onde a educação e a aprendizagem são atos amorosos e implicados, que requerem a construção compartilhada de estados de presença e cuidado mútuo. A esta ética amorosa, agregamos as falas aterradas de Luiz Rufino em busca de mover-nos em um diálogo situado.

A partir destas provocações, aborda-se a formação como um processo em que o sujeito se constitui a si mesmo na medida em que encontra outros corpos, e também constitui, o outro e o mundo. Pressupõe-se, desta forma, a arquitetura enquanto sujeito incorpóreo, igualmente capaz de afetar e de ser afetado.

A pesquisa apoia-se em uma série de experimentações pedagógicas que tem a corporeidade como dispositivo constituinte e aponta possibilidades de aprendizagem através dos encontros situados no corpo, no tempo e no território, onde estudantes e também professores constituímos corpos em fluxo, borrados, desejantes e, portanto, aprendizes.

Palavras-chave: Ensino de Arquitetura e Urbanismo; corpo; encontro; afeto; experiência pedagógica, aprendizagem.

ABSTRACT

The doctoral thesis discusses the place of the body in architecture and urban planning teaching as it considers that learning is inseparable from the bodily experience lived by those who learn and the possibilities for self-transformation promoted by these experiences.

In order to think about bodies, affections, experiences, and knowledge, I take precious concepts from Michel Foucault, Baruch de Espinoza, and Jorge Larrosa as philosophical guides. The body is the locus of knowledge construction, where this knowledge is the greatest of affections, and these come about through encounters.

From a pedagogical point of view, I base my argument on Paulo Freire's and bell hooks's scholarships, in which education and learning are loving and involved acts that require the shared construction of mutual care and states of presence. To this loving ethic, I add Luiz Rufino's grounded speeches in an attempt to guide us through a situated dialogue.

Based on these provocations, I approach apprenticeship as a process in which the subjects constitute themselves as they encounter other bodies while constituting the other and the world. Architecture is thus assumed to be an embodied subject, equally capable of affecting and being affected.

I base my research on pedagogical experiments with corporeality as a constituent device. I point to learning possibilities through encounters in the body, time, and territory, where students and teachers constitute bodies in flux, blurred, desiring, and, therefore, learners.

Keywords: Teaching Architecture and Urbanism; body; encounter; affection; pedagogical experimentation, learning.

THE ARCHITECT LEARNER AND THE EMBODIED KNOWLEDGE: appointment to think about the implications of the body as a locus of learning in undergraduate architecture and urbanism

RESUMEN

La tesis discute el lugar del cuerpo en la formación de arquitectos y urbanistas, en la medida en que considera que la condición para el aprendizaje es inseparable de la experiencia corporal vivida por quien aprende, así como de las posibilidades de auto-transformación promovidas por esas experiencias.

Para pensar cuerpos, afecciones, experiencias y saberes, toma como guía filosófica conceptos de Michel Foucault, Baruch de Espinoza y Jorge Larrosa. Para ellos el cuerpo es el locus de la construcción del conocimiento y este conocimiento es la más importante de las afecciones que surgen a través de los encuentros.

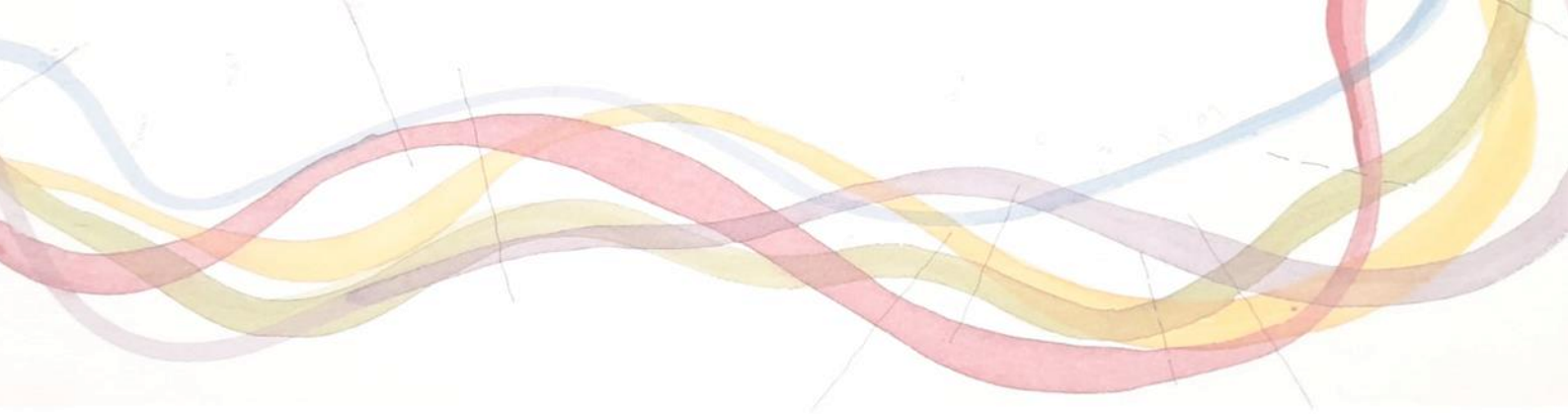
Desde el punto de vista pedagógico, esta disposición se articula a partir del pensamiento de Paulo Freire y bell hooks, donde la educación y el aprendizaje son actos amorosos e implicados que requieren la construcción compartida de estados de presencia y cuidado mutuos. A esta ética amorosa, sumamos los discursos fundamentados de Luiz Rufino en un intento de movernos a un diálogo situado.

A partir de estas provocaciones, la formación se plantea como un proceso en el que el sujeto se constituye a sí mismo al encontrarse con otros cuerpos, y también constituye al otro y al mundo. Así pues, también la arquitectura se asume como un cuerpo otro, capaz tanto de afectar como de ser afectado.

La investigación se basa en una serie de experimentos pedagógicos que tienen la corporeidad como dispositivo constitutivo y apuntan a posibilidades de aprendizaje a través de encuentros situados en el cuerpo, en el tiempo y en el territorio, donde los estudiantes y también los profesores constituyen cuerpos en flujo, desdibujados, deseantes y, por lo tanto, en aprendizaje.

Palabras clave: Enseñanza de Arquitectura y Urbanismo; cuerpo; encuentro; afecciones; experimentación pedagógica, aprendizaje.

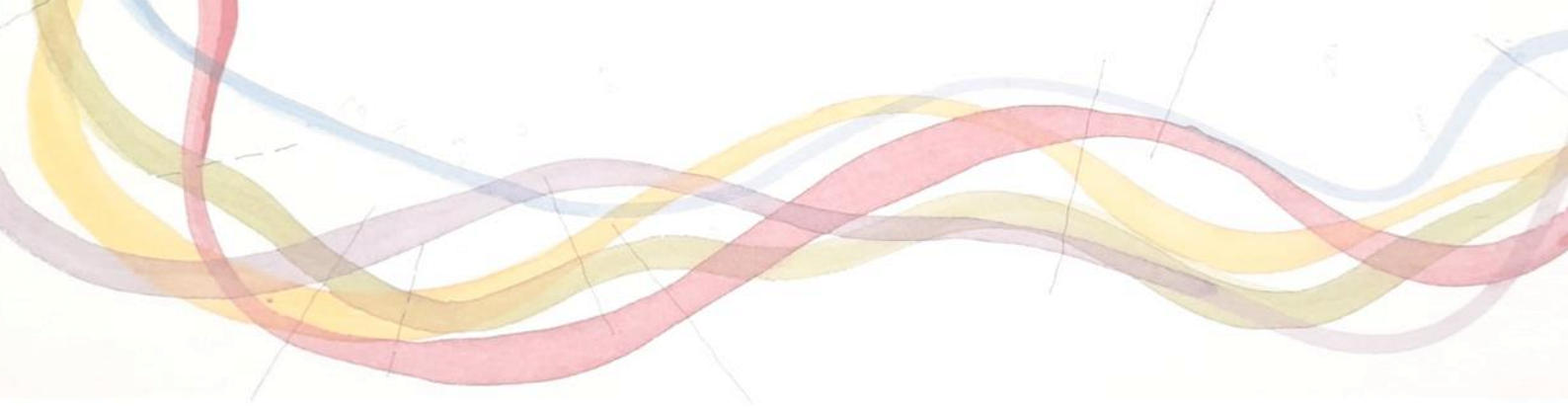
LA ARQUITECTA APRENDIZ Y EL CONOCIMIENTO ENCARNADO: notas para reflexionar sobre las implicaciones del cuerpo como lugar de aprendizaje en la formación en arquitectura y urbanismo



à minha mãe, encantada

às que vieram antes, às que virão depois

com amor e esperança



amor enquanto ética

esperança enquanto verbo

Com o título e algumas passagens propositadamente escritas no genérico feminino¹ esta pesquisa, **A ARQUITETA APRENDIZ E O CONHECIMENTO ENCARNADO: notas para pensar as implicações do corpo como lócus da aprendizagem na formação em arquitetura e urbanismo**, argumenta em favor de um desarranjo nas lógicas de pensar o ensino de arquitetura tomadas como norma. Considera que em nenhum caso a construção do conhecimento, do ensino, da linguagem e dos objetos construídos é neutra visto que envolve, desde seu princípio, uma série de fluxos e de forças. Busca, antes de tudo, fomentar o debate em favor da importância de experiências pedagógicas críticas e dos pequenos aprendizados que afetam nosso corpo a cada encontro, neste

¹ O uso do genérico feminino se dá para declarar que não existe apenas um modo de dizer as coisas. Não implica na descontinuidade ou da negação do genérico masculino tido como padrão. É antes uma possibilidade de trazer ao campo da linguagem e das gramáticas normativas uma relação de equivalência entre gêneros e de sobreposições. Trata-se ainda de uma subversão contemporânea dentro da norma, que não é apenas uma regra culta, mas implica numa maneira de ver e constituir as coisas visto que flexibiliza o lugar do pesquisador, intelectual e acadêmico, como orienta a antropóloga Debora Diniz (2012). Compreendemos que o uso do genérico feminino não implica que a referência seja exclusivamente feminina, assim como o uso do genérico masculino nos dias atuais não deixa de incluir mulheres na questão em que se referencia.

processo tão instigante que é aprender a ser arquiteta e a ser professora de arquitetura no mundo contemporâneo.

Ao atravessar tempos de embolhamento social e psíquico imposta período pandêmico e pós pandêmico me restou escrever a narrativa que introduz esta tese tomando meu lugar de aprendiz em meio a um turbilhão de afetos. O uso da experiência pessoal como partida para explicar e dar um tipo de sentido encarnado à implicação dos afetos na construção de quem somos e de quem nos tornamos, não torna esta travessia individual e isolada. Ao contrário, revela a ideia de que estamos intimamente conectados às coisas e aos seres a nossa volta num desenho entramado que reconhece as potências destas conexões em maior ou menor intensidade. Visto que nosso corpo só é porque outros corpos são nele.

Esta tese foi desenvolvida com o apoio da CAPES, no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba e tem orientação do mestre Xico Costa. Sua elaboração contou com a preciosa colaboração de toda equipe do Grupo de Pesquisa Visões Urbanas, do qual somos parte, onde compartilhamos inquietações e questionamentos comuns aos que insistem na necessidade deslocar-se um pouco para conseguir enxergar o campo da arquitetura e o urbanismo por outra perspectiva.

primeiro movimento

DAS ESCOLHAS.....	22
RE-MEMORAR E ESCREVIVER PARA COMPOR A SI	26
A ARQUITETA DESCONFORTÁVEL E A PROFESSORA INQUIETA.....	43
CARTOGRAFIA DOS CORPOS MISTURADOS	83
POSSÍVEIS CAMINHOS DE LEITURA.....	99

segundo movimento

UMA BALIZA PARA PENSAR O CORPO.....	116
EXPERIÊNCIA ENCARNADA NA EDUCAÇÃO	129
DESLOCAR E RECONHECER <i>situar no corpo</i>	137
APROXIMAR E CUIDAR <i>situar no tempo</i>	152
CONECTAR E ENVOLVER <i>situar no território</i>	164

antimovimento

INTERLÚDIO EM SUSPENSÃO 179

CARTA AO ARQUITETO DO PÓS-FIM-DO-MUNDO 182

terceiro movimento

EXPERIÊNCIA DUM CORPO DISTANCIADO 199

RE-SITUAR 207

DEVIR-COM ARQUITETA APRENDIZ

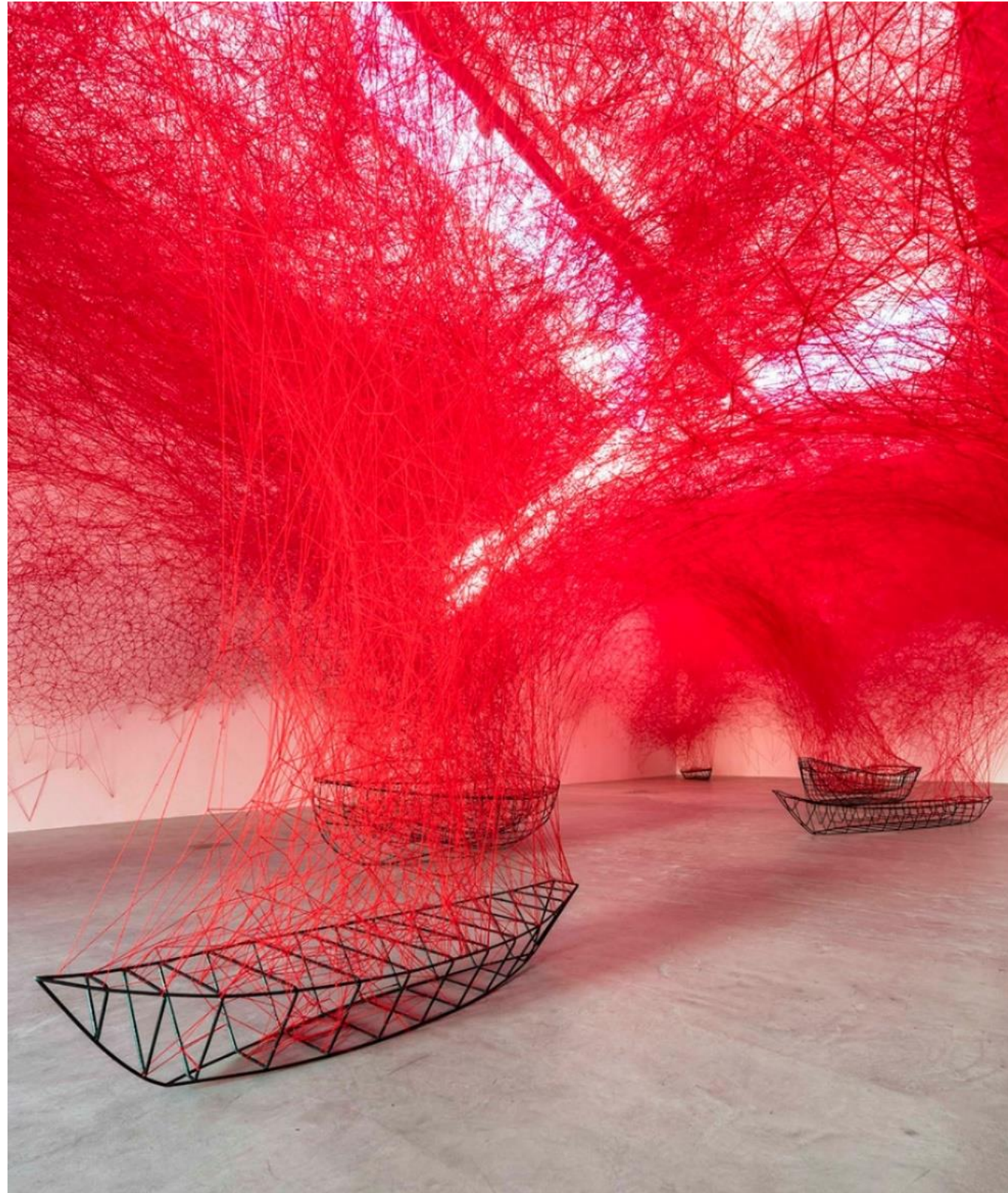
OU QUATRO FUNDAMENTOS PARA DANÇAR COM O PORVIR 216

AGRADECIMENTOS 223

ÍNDICE DAS IMAGENS 228

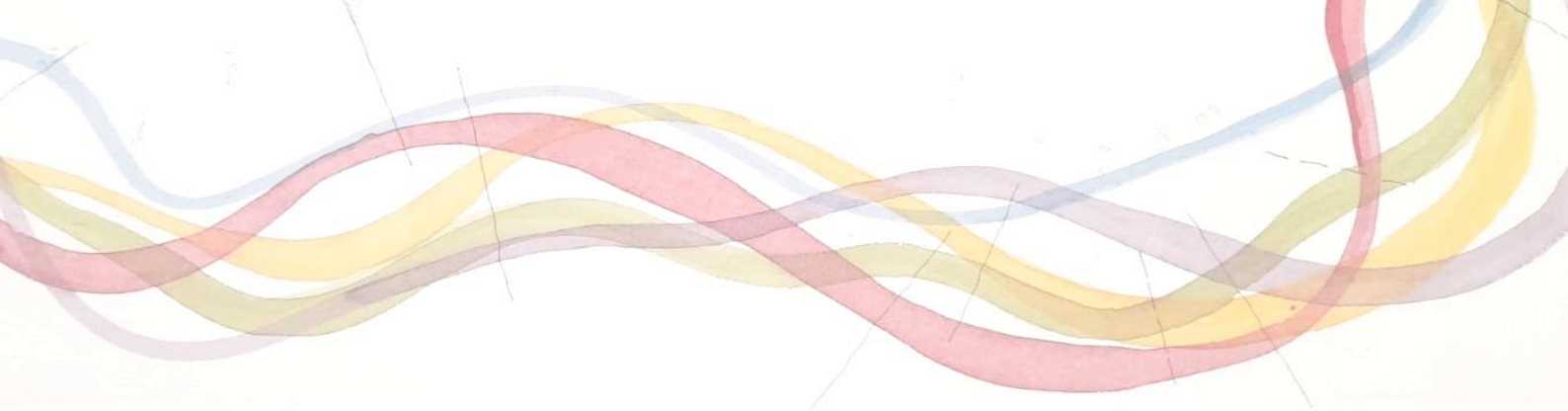
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 230

Imagem 1 – O grande discurso da tese. Fotografia da obra Uncertain Journey da artista Chiharu Shiota, foto: Christian Glaeser, 2010



**Escrever [viver] é um caso de devir,
sempre inacabado, sempre em via de fazer-se,
e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.**

(Gilles Deleuze, Crítica e Clínica)



primeiro movimento

DAS ESCOLHAS

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo universo da ciência é construído sobre o mundo vivido [...].
(MERLEAU-PONTY, 1999)

Nestes dias, fui tomada por uma inquietação que ora ou outra me visita com constância: será que somos nós escolhidos por nossos temas ou será o inverso?

Minha reflexão sobre a corporeidade e sobre como ela impacta nos nossos modos de pensar, de sentir, de projetar arquiteturas e de fazer cidades, bem como das implicações do corpo vivo e dinâmico no desenvolvimento de abordagens pedagógicas encarnadas é uma questão relativamente recente em minha prática. Vamos dizer assim, que seja algo de doze anos pra cá. Isso é muito ou pouco tempo? Talvez seja pouco tempo para quem vivia atravessada por outras circunstâncias, talvez seja muito para aquele que tenha esta preocupação na centralidade de suas atividades. Mas também há a possibilidade em que, de tão envolvida com a questão, não se veja o tempo passar. De

fato, a temporalidade é uma dimensão percebida de acordo com a disponibilidade que o sujeito tem de se envolver.

Antes de tomar ciência de que a história da construção do saber também é a história da construção do corpo, eu estava apenas ocupada em entender que tipo de arquiteta eu era e o que seria possível fazer a partir disto. E, obviamente, pensar sobre que profissional eu era não foi suficiente para me manter como arquiteta de escritório operando exclusivamente no mercado da construção civil, tal qual meus colegas de turma da faculdade. Enquanto mergulhava mais intensamente na prática arquitetônica, mais e mais perguntas se me apresentavam e compreendi que seria necessário acessar outros lugares e ampliar os sentidos daquela ideia de arquitetura que eu carregava.

Nos tornamos aquilo que somos na mesma medida em que concebemos a nossa ideia de mundo. Nesse caminhar, que é ação de deslocamento e construção do nosso *corpo próprio*², conectado ao espaço físico, mas também existencial, nos encontramos com outros corpos igualmente em construção e neste fluxo de afetos mútuos, nos compomos. O corpo-próprio é este corpo que me dá a condição de experimentar a mim mesma, ao outro e ao mundo.

Escolher o modo de narrar essa travessia, apontando arranjos e desarranjos próprios de uma busca imersiva e que me é cara, demarca uma responsabilidade situada sobre o

² Corpo-próprio aqui é entendido no sentido de Merleau-Ponty, onde há um imbricamento entre mente, corpo e mundo: “Ser corpo [...] é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 205).

discurso que se empreende neste trabalho de tese. É dizer que minha posição como pesquisadora jamais poderia ser neutra porque, antes de tudo, esta pesquisa me atravessa e revela um certo modo de ser, pensar, conhecer e gestar o mundo.

Durante este **primeiro movimento**, percorreremos a narrativa de *re-memoração* do lugar que me constitui como a ***arquiteta desconfortável e a professora inquieta*** que tenho me tornado ao longo dos anos. As ***cartografias*** que concebemos dentre os saltos acontecimentais desta caminhada nos acompanham em compasso. Junto com elas, antes e também depois, serão apresentadas motivações, questionamentos, justificativas, argumentos e pressupostos que organizam e circunstanciam a ideia proposta nesta pesquisa. A tudo isto, se misturam às condições de escritura da minha própria história narrada, vivenciada, experienciada e re-experienciada, tal como uma rede de relações, arranjos e confluências entramadas em que a temporalidade cronológica se desmancha. Ao final, a introdução propriamente dita explicitando um ***caminho possível*** para acompanhar a construção narrativa e deambulatória deste volume.

Não é demais falar que a trajetória do meu trabalho como arquiteta e professora de projetos se confunde com meu percurso de constituição como a mulher que me tornei, através de toda sorte de experiências, afetações, memórias e registros em meu corpo sou a Mariana que aqui se imprime. Não obtive sucesso para separar as personas e

tampouco sei se tal feito seria possível. Em quantas caixinhas nos decompomos? Ou será que são apenas estados de corpo inacabados que se sobrepõem e contam um pouco da nossa experiência na composição de nosso ser através dos pequenos aprendizados?

RE-MEMORAR E ESCREVIVER PARA COMPOR A SI

O risco de escutar uma estória é que ela nos obriga a ramificar as teias que não podem ser conhecidas antes de nos aventurarmos pela miríade de fios que as constituem.
(HARAWAY, 2023)

A pesquisa para o projeto desta tese teve início com uma investigação que não era impregnada em meu corpo. A ideia de que o professor também era parte deste processo e que eu precisaria me perceber como professora que é parte deste aprendizado ainda não estava clara. A princípio, buscava entender se, e de quais modos, professores de projeto de arquitetura conseguiam utilizar pedagogias e metodologias de ensino que fossem emancipadoras e promotoras de autonomia nos estudantes da graduação em arquitetura e urbanismo. A intenção era buscar princípios singularizadores para o ensino de projeto de arquitetura. Tentando delinear um enquadramento metodológico, com procedimentos para o ensino de projeto que fosse menos reprodutivistas e reificadores dos cânones racionalistas, mas ainda tentando construir parâmetros reguladores para esta aprendizagem.

Pedagogias emancipatórias e promotoras de graus de autonomia seriam aquelas que oferecem oportunidades para que um aprendente, a partir do reconhecimento do que já sabe e carrega em si, busque seu caminho e consiga, através de sua vontade, uma emancipação intelectual na construção do conhecimento. Procurei, entretanto, circunstanciar esta discussão dentro do campo da Teoria do Ensino da Arquitetura e do Urbanismo e do Ensino do Projeto, que é onde essa pesquisa se insere. A ideiação sobre o que imaginava ser procedimentos singularizadores de ensino tinham a ver com formas de investir na formação individual e coletiva dos estudantes e contribuir para a construção de sujeitos portadores de uma consciência crítica e criadora.

Ao longo desta travessia, e de toda sorte de coisas que vieram junto com ela, fui me deparando com questões que deixavam claro que não fazia sentido construir parâmetros para desenvolver procedimentos metodológicos prescritivos e, em consequência, amarrar o diverso e mediar possíveis vieses singularizadores nos estudantes. Enquadrando-os dentro de um ideal do que deveriam ser e não do que de fato poderiam vir a ser em suas dimensões possíveis.

Enquanto professores de arquitetura e urbanismo, principalmente entre aqueles cuja prática docente está focada no ensino da concepção projetual, de certo modo inconsciente, irreflexivo e não autônomo, introjetamos como natural a reprodução das ideias e dos modos de ensinar a aprender nos quais fomos modelados enquanto estudantes. O ensino, de modo geral, ainda carrega em si uma ótica cartesiana sobre a concepção de um saber que é destacado da corporalidade, das emoções e dos afetos. E

ainda detém uma lógica que acaba por privilegiar o pensar ao sentir, concebendo o conhecimento como um procedimento fundamentalmente mental. Os corpos dos estudantes ou dos professores não possuem papel epistemológico relevante dentro dos processos de aprendizagem tradicionais.

Dentro da sala de aula (e também fora dela), a partir do encontro, da conversa e troca com outros professores, atenta às suas falas, relatos e ou incômodos, percebi que o eu, que o corpo, pensamentos, afetos e ideias também eram parte neste percurso constitutivo da aprendizagem. Assim como deles, esse processo era meu também.

Compreendi que pensar o corpo estudante na sala de aula em suas construções e reconstruções era pensar através de seus encontros em composições emocionais, sensíveis, afetivas, imaginárias, técnicas, tecnológicas, sociais, culturais, políticas, dentre tantas outras dimensões corporais possíveis. Era pensar suas possibilidades de transformar algo enquanto transformava-se a si mesmo. Nos compreender neste lugar de aprendizes é uma grande oportunidade para nos constituirmos juntos, uns com os outros e com tudo que carregávamos dentro de nós. Deste momento em diante, a ideia de que nós professores somos parte nesta matéria inacabada de mutações e rearranjos tomou lugar.

Neste ponto, tive acesso a alguns textos da educadora americana bell hooks e me detive durante muitos meses em especificamente três livros: *Ensinando a transgredir*, *Ensinando o pensamento crítico* e *Tudo sobre o amor* (HOOKS, 2017, 2020, 2021). Sua

perspectiva contemporânea, negra e feminista sobre a pedagogia freireana³ e um modo de ensinar e aprender de forma empática, amorosa e situada, me ensinou, entre outras coisas, que antes de tudo era necessário estar presente para construir uma comunidade de aprendizagem em sala de aula.

Estar presente não é estar simplesmente no ambiente construído em presença física. É preciso estar integralmente presente e pessoalmente implicada na construção e no fortalecimento desta comunidade. Para ela não há dissociação entre teoria e prática, o conhecimento é também uma forma de autoconhecimento, ao mesmo tempo em que é prática cotidiana, é uma ação responsiva.

bell hooks também ensina que nossas ações pessoais importam diretamente na forma como o aprendizado acontece. É dizer que o modo como nos portamos e nos envolvemos e o modo como carregamos e contamos nossas histórias funcionam como um convite para a criação de vínculos e também um modo de dizer que nos importamos. Nos implicamos verdadeiramente nos modos de afetar e ser afetados nestes encontros dentro e fora de aula. Para ela, esta disponibilidade para troca é imprescindível para construir comunidades de aprendizagem visto que o pessoal é político e não podemos

³ bell hooks desenvolveu algumas práticas de Paulo Freire a propósito de uma educação para autonomia e, de modo crítico, registrou suas ressalvas a respeito de alguns posicionamentos de caráter machistas que impregnaram a obra do autor, imerso em seu tempo. Ela conta que teve a oportunidade de conversar pessoalmente com ele, tendo boa recepção para seus questionamentos e indicando que o pensamento de Freire era capaz de seguir se construindo através da aprendizagem contínua entre aprendentes e mestres. (HOOKS, 2017)

nos separar de nós mesmos. Nos rastros dela, de Rufino e de Nêgo Bispo, compreendi que

[...] a educação também se expressa como ato amoroso, uma inscrição afetuosa e solidária que sente e vibra no tom da partilha, reconhece o dom da vida como evento cíclico e ecológico e, por isso, se envolve ao invés de se desenvolver. Mesclando amor e fúria, se trançam no tempo atos responsáveis da daqueles que foram e vão ao campo de batalha roçar esperanças da descolonização como um horizonte de busca permanente pela liberdade. (RUFINO, 2021, p. 35)

Somos seres relacionais e nos afetamos mutuamente na medida em que vivemos. Afeto aqui não diz respeito ao gesto de cuidado sentimentalista. Nos afetamos porque somos afetados no sentido amplo do termo, por afetos bons e afetos ruins. Somos atingidos no corpo ao encontrar com outros corpos, no sentido de Espinosa (SPINOZA, 2021), por afetos alegres e tristes, que contribuem para um viver melhor que cerceiam nossa existência, agindo respectivamente no aumento ou na diminuição de nossa potência. Mais adiante, durante o **segundo movimento**, conversaremos melhor sobre a importância das experiências e afetações na construção do conhecimento e também na constituição de nós mesmos.

Ao olhar a importância das afetações neste lugar de ser e de se constituir, na condição de aprendiz que sou, decidi fazer uma rememoração de minha caminhada enquanto docente para compreender como meu próprio corpo foi atravessado. Eu não fazia a menor ideia de que este mergulho poderia me trazer com mais intensidade para o

presente e tampouco sabia de onde partir. A ideia de revisitar os lugares que passei tomou outras dimensões quando precisei escrever meu memorial acadêmico, ao participar do concurso para professora adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, no segundo semestre de 2022.

A ideia do texto, antes presente apenas em suspensão dentro de meu campo etéreo, só tomou forma na medida em que fui impelida a revirar meus arquivos e buscar referências sobre modos de escrever memoriais. Li memoriais acadêmicos para concurso de diversos amigos e colegas professores e, em sua grande maioria, traziam uma dureza objetiva e protocolar que não me convocava. Passei a entender que escrever memorial também era debulhar memórias e não há como acessar o que se vive ou pensar sobre o que se viveu sem ser envolvida pelas emoções e afetações que estas memórias carregam junto. Mas como escrever?

Durante o Seminário de Tese I, no fim de 2017, Xico Costa propôs dois pequenos exercícios literários como parte das atividades da disciplina: *Um conto de aproximação* e *A tese num conto*. Para ele, “a ficção é um potente dispositivo de estímulo e suporte metodológico no desenvolvimento de investigações e trabalhos científicos” (COSTA, 2022). A proposição era fazer uma leitura relacional das obras de literatura como forma de distanciamento das questões objetivas específicas de nossos projetos de tese para que pudéssemos ter mais clareza e dar mais foco ao objeto de pesquisa em si. Pensar através deste afastamento, que a princípio pode parecer desarranjador demais, ajuda

“não apenas a entender as questões em pauta, de forma metafórica, mas ajuda no posicionar-se diante do estado da questão” (COSTA, 2022).

Apoiei-me no conto *Amor* de Clarice Lispector (LISPECTOR, 1998) e escrevi um outro conto sobre o arrebatamento experimentado quando fui atravessada por intensos acordes de uma guitarra flamenca, tocada por um músico basco, numa apresentação em Salvador. Ser atingida pelos ouvidos me levou a lugares inesperados que associavam uma série de acontecimentos paralelos vividos em outros momentos ou simplesmente ficcionados. Sentada e aparentemente imóvel, fragmentos de diversas cenas passaram a me orbitar, entrecortados e misturados, apresentando uma ágil fruição sobre os usos dos sentidos e prazeres. Ao abrir os olhos pude perceber que a forma como me percebia naquela pequena sala de concertos, e também o modo como via as outras pessoas, havia mudado. Meu corpo já não era mais o mesmo e a partir do que podia enxergar, os outros corpos também não eram. Restava decidir o que fazer com aquilo, tal como Ana – a Ana de Clarice – em sua epifania, assim o fez. Era meu big bang sensório-afetivo pessoal.

Aquele foi o primeiro momento em que pude experimentar narrar e ficcionar um acontecimento. Um acontecimento funciona como uma guinada em nossa relação com a realidade e, ou, uma mudança radical desta realidade em si. O acontecimento é um encontro arrasador. Žižek nos ajuda a pensar: “Num acontecimento, as coisas não apenas mudam: o que muda é o próprio parâmetro pelo qual avaliamos os fatos da mudança, ou seja, um ponto de inflexão muda todo o campo no qual os fatos aparecem”. (ŽIŽEK, 2017, p. 165)

Escrever também é colocar-se em risco, visto que aciona dimensões que não estavam dadas anteriormente ao conectar e relacionar acontecimentos, fatos e afetações a nossos modos de pensar mundo. Ao escrever nesta hibridação de fluxos, inevitavelmente ficcionamos algo.

Assim com o argumento trazido por Xico para a realização das atividades textuais no Seminário de Tese I, onde a ficção é meio para provocar distanciamentos enquanto exercício exploratório junto a nossos objetos de pesquisa, ficcionar é algo especialmente útil para o fazer científico. Donna Haraway nos diz que a ficção tem a capacidade de associar relatos de fatos com a narração de estórias⁴ (imaginadas ou não) e nos ajuda a pensar a “modelagem de padrões de mundo e de tempos possíveis” vividos e também aqueles que ainda estão por vir. Para ela, é de fundamental importância pensar de que modo contamos nossas estórias e este seria um processo implicado e não inocente de comprometimento. (HARAWAY, 2023)

Neste movimento de aproximação com narrativas, contos, fabulações e ficções especulativas, na tentativa de correlacionar experiências vividas - a partir do levantamento feito para a escrita de meu memorial acadêmico (que depois tomou vida

⁴ A autora opera a distinção da grafia entre a *história* dada pela narrativa historiográfica e tomada como “A História” dos grandes feitos, conquistas e construções heróicas falocêntricas da humanidade ocidentalizada e a *estória* em que se referencia às narrativas inacabadas, em devir, onde são mesclados fatos e fabulações. Aqui usaremos apenas o termo *história* quando o argumento não estiver explicitamente relacionado à uma fala de Haraway. Nossa distinção se dará apenas com o uso de letras maiúsculas e minúsculas. Ver mais em Ficar com o problema: fazer parentes no chthuluceno. (HARAWAY, 2023)

própria) e as reflexões sobre os desdobramentos que estas experiências provocavam é que nasce o primeiro ensaio deste volume. ***A arquiteta desconfortável e a professora inquieta*** é um derrame introdutório sobre as afetações que tomaram curso em meu corpo e é um texto narrativo, atravessado por ideias e teorias que nos ajudam a pensar juntos.

Ao me mover por entre as veredas do espaço-temporal das memórias e afetações, percebi que algumas problemáticas me perseguiram desde quando eu era estudante de arquitetura e urbanismo, ora de modo latente e ora mais evidentes, e funcionavam como um tipo inconsciente de guia orientativo de percurso. Depois de algumas passagens, me dei conta de que carregava um padrão crítico e questionador sobre a Teoria do Ensino da Arquitetura e do Urbanismo e do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, que hoje são matéria da minha prática docente.

De algum modo, essa problemática me persegue há anos e sei também que ela não se encerra nesta pesquisa. O texto acabou tomando outros caminhos e ganhou mais densidade à medida que reconheci nele a permanência de algumas obsessões e cismas. Ao escrever⁵ acabamos invariavelmente falando de nossas obsessões, de questões que

⁵ Neste processo de escrita, três livrinhos me deram leme: Escrevendo com a alma (GOLDBERG, 2008); Sobre a escrita: a arte em memórias (KING, 2015); e A arte de escrever (SCHOPENHAUER, 2013).

nos perseguem, que nos assombram, que nos movem e as histórias que trazemos dentro de nós (GOLDBERG, 2008).

Outro amparo de extrema importância para dar forma ao modo de escrever que este trabalho apresenta foi a *escrevivência*. A escrevivência busca despertar a memória de fatos vividos que, ao relacionarem com o presente recebem outra roupagem. Um modo de ficcionalizar vivências, valorizando as subjetividades e apresentando as percepções de quem escreve ao longo do processo de construção do texto. A professora e escritora brasileira Conceição Evaristo, foi quem pensou sobre a necessidade da escrita nestes termos, a partir de sua experiência como mulher-negra-periférica-do-sul-global que precisava ter voz própria e revolver o modo de contar histórias e construir o saber a partir da sua vivência encarnada. Como a própria Conceição nos explica em *Becos de Memória* (EVARISTO, 2018):

experimento em construir um texto ficcional com(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez, [...] mesmo de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir um modo de *escrevivência*. [...] Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. [...] E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção.

Mas como lidar com a imperfeição da memória, com o natural esquecimento de certas nuances e sentimentos envolvidos? Ou, como se pergunta e soluciona a autora: “como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os

vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras”. Talvez esta seja uma preocupação que tenha seu lugar, mas antes é importante pontuar que “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2018).

Este deslocamento temporal é o que nos dá condições para assentar e refletir sobre o vivido e ainda, nos dá a oportunidade de viver a experiência através do olhar que vestimos no presente. Ao “escrever-vivências” e viver enquanto escreve, a escrevivência carrega uma ideia de tempo cíclico onde presente e passado se entramam numa narrativa que se dá a partir da experiência do sujeito que escreve, mas que ao mesmo tempo se confunde e carrega as vivências do corpo coletivo no qual é parte.

Podemos dizer que a escrevivência tomou rumos para além da escrita literária onde foi originalmente criada. Ela buscava valorizar a produção intelectual de mulheres negras subalternizadas e silenciadas, em um meio a uma série de apagamentos epistêmicos carregados de preconceitos de raça e de gênero. Hoje é também um modo de fazer ciência que entrelaça a observação de uma realidade vivida e experimentada pela pesquisadora como chave para a abertura de discussões.

Esta prática, que é antes de tudo, uma ferramenta metodológica na produção do conhecimento e tem sido aos poucos apropriada por pesquisadoras de diversos campos do saber e na produção de trabalhos acadêmicos a fim de se desviar das lógicas

hegemônicas de produção do conhecimento. Aqui, a escrevivência é tomada como uma categoria analítica e uma via metodológica para promover uma aproximação mais afetiva com a teoria do ensino da arquitetura e do urbanismo na experiência do corpo encarnado que aprende enquanto vive a experiência do aprender implicado.

Ao longo dos tempos aprendemos que enquanto acadêmicas era necessário nos afastar das nossas experiências pessoais, encontrando eco em algum sujeito indireto, de fala desincorporada, em busca de uma pretensa objetividade científica para que nossos escritos tivessem validação. O que Conceição Evaristo propõe é exatamente o inverso: é a incorporação da existência vivida que invariavelmente evoca toda coletividade que agrega e carrega consigo.

Pensar com Donna Haraway e Conceição Evaristo me leva a outras autoras e autores que invocam o poder da experiência pessoal enquanto ato de encarnação na escrita. Grada Kilomba, nos traz que a língua carrega em si uma dimensão política que é capaz de “criar, fixar e perpetuar relações de poder” visto que elas nos situam e determinam o lugar de uma identidade. No livro derivado da sua tese de doutorado, *Memórias da Plantação*⁶, ela discute este lugar de poder e quais discursos são válidos para o fazer

⁶ *Memórias da Plantação* discute, a partir de narrativas biográficas, as violências cotidianas do racismo que está vinculado a um passado colonial, mas que permanece como realidade vivida. Para este trabalho me interessa especificamente a oportunidade da tomada da palavra pelos sujeitos enquanto agentes de sua própria realidade, em seus próprios nomes, e não mais como objetos da análise de outros. É através deste movimento contra-hegemônico que a autora questiona quem pode falar e quem pode produzir conhecimento: “Pode a subalterna falar?” (KILOMBA, 2019).

científico tido como “verdadeiro” e universal, derivados de um saber colonialista dominante.

Grada Kilomba nos orienta para a construção de “uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros” (KILOMBA, 2019). Seu texto traz narrativas biográficas e reconhece que o discurso possui a capacidade de ser tão político quanto pessoal e poético e esta pode ser a via para a construção de um conhecimento que seja emancipatório e descolonizado⁷.

Acessar o debate sobre outros modos do fazer científico e acadêmico que não coadune com o reforço de um saber estabelecido como verdade a partir de uma perspectiva de mundo euro-cristão me fez perceber o quanto estamos imersos num campo de disputas de narrativas dentro do campo da arquitetura. É certo que quem está operando na

⁷ “Descolonização refere-se ao desfazer do colonialismo. Politicamente, o termo descreve a conquista da autonomia por parte daquelas/es que foram colonizadas/os e, portanto, envolve a realização da independência e da autonomia” (KILOMBA, 2019). Para José Rufino, descolonização seria como “atos paridos nos vazios daquilo que se arroga o único curso possível. Defesa, ataque, ginga de corpo, malandragem que contraria, esculhamba, rasura, transgride, desmente e destrona o modelo dominante. Folha que se canta para extrair o remédio e o veneno. O remédio para recuperar sonhos, firmar a liga, fechar o corpo, irmanar o velho e o novo que farão guarda de proteção à palmeira que sustenta a aldeia. Veneno para azeitar o ferro, soprar pó e fumaça que quebram a maldição. Prática cotidiana implicada com a diversidade e o caráter ecológico das existências. Capacidade de responder com vida a um sistema de mortandade. Atos guerreiros que honram e comungam das aspirações de liberdade e justiça, e combatem o esquecimento.” (RUFINO, 2021). Para Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, pensador quilombola piauiense, antes de tudo é necessário ser *contracolonial* (SANTOS, 2023).

hegemonia, dificilmente vai ter disposição para construir e apoiar narrativas contra-hegemônicas. Não dá para se eximir desta responsabilidade na construção de uma epistemologia que conceba a confluência de saberes na amplitude de diversidade que lhe é própria e que seja capaz de alargar as subjetividades.

Reconheço, entretanto, meu lugar de privilégio nessa caminhada. Mesmo sendo a primeira, no total de duas pessoas, dentre meus parentes de primeiro e segundo graus a acessar a pós-graduação, pude ter muito mais oportunidades que outras pessoas. A posição de onde observamos e experimentamos os fatos também são importantes para reconhecer a sobreposição de marcadores interseccionais de raça, gênero e localização sobre as violências cotidianas na produção científica e da colonização do saber. Como lembra Luiz Rufino, em seu livro *Vence-demanda: educação e descolonização*:

Àqueles que têm a experiência colonial como marca demanda-se uma atitude responsável em relação à vida. Essa atitude, a meu ver, é parte de um refazimento de si, um reposicionamento em relação aos tantos outros que existem e dão o tom de que somos seres inconclusos e que estamos a atravessar a existência na relação com tudo que aqui faz morada. (RUFINO, 2021, p. 10)

Em conversa pessoal com a professora-pesquisadora-historiadora, Manuela Arruda, compreendi que se hoje temos a possibilidade de discutir a ideia de virada epistemológica é porque há quarenta anos atrás, teóricas negras americanas puderam se levantar para jogar as cartas na mesa e pavimentar este debate enquanto outras

pesquisadoras avançavam com suas investigações e consigo carregavam outros modos de compor realidades.

Nós brasileiros, cuja história se dá imbrincada com a própria ação colonialista dos corpos e dos saberes, mesmo tendo retardado os reconhecimentos e ações para minimizar desigualdades históricas, conseguimos avançar a partir de políticas afirmativas. Esse encontro, que é também acontecimental, rompe com a apatia e o distanciamento das questões cotidianas e corpóreas da população periférica, negra e indígena. Ao promover o acesso dessa população à universidade, a lei de cotas move o *status quo* acadêmico para ser capaz de incluir estes outros corpos e seus modos de pensar mundo, não sem estranhamento, não sem violências. Um certo grau de democratização do acesso à pesquisa e à informação acontecem e outras demandas começam a ser percebidas. O sentimento é o de estar dentro e estar fora ao mesmo tempo. É estar na universidade, mas não se ver como parte nas discussões e temas de estudo. Ao não se verem nem reconhecerem suas práticas nas pesquisas, passa-se a refutar aquele saber tido como global e a buscar outros caminhos.

Portanto, como orienta o filósofo recifense Filipe Campello (CAMPELLO, 2022) “é preciso reconhecer sujeitos não apenas como pessoas dotadas de dignidade e valor moral, mas como enunciadore de discursos que possuem relevância epistêmica para a correção e ampliação do nosso vocabulário político”. Somos compostos por uma multiplicidade de formas, léxicos e saberes que se esbarram e rangem a todo tempo. E,

pensar a partir dos afetos traz a vantagem de lembrar que somos afetados pelo outro, mesmo quando a experiência desse outro excede a nossa gramática. Pois o exercício real de descolonização do pensamento passa pela compreensão de como narrativas são, muitas vezes, portadoras de outra gramática. (SAFATLE, 2022)

Estamos tendo a oportunidade para gerar outras formas de pensar e de se produzir conhecimento no Brasil. É muito bom saber que a partir desse movimento podemos enxergar saídas para este quiprocó pseudohegemônico colonial e, obviamente, desigual. Ademais, “a Arquitetura sempre foi um mecanismo de controle territorial” e “a missão civilizatória embutida em nossa profissão vem com uma camada de colonialidade da qual precisamos estar primeiro conscientes e depois subverter” (LARA, 2020).

Como nos lembra Ana Paula Baltazar em seu texto *não existe arquitetura decolonial porque não existe ensino de arquitetura decolonial porque não existe arquitetura decolonial*. Esta provocação em *loop* infinito, é quase o equivalente arquitetônico no debate sem saída pautado entre o ovo e a galinha. Apesar de sabermos que “a arquitetura nasce para representar o poder e não para lidar com o cotidiano” (BALTAZAR, 2020), é urgente pensar possibilidades de nos distanciar deste imbróglio de culpabilidade sobre quem é responsável por alimentar e resguardar os discursos paradigmáticos que determinam o que é e o que não é arquitetura em seu sistema especializado e excludente de valores prescritos e ditos inquestionáveis.

Parafraseando Rufino, não nos cabe mais contemplar essa história. É preciso escrever nossas próprias histórias. É preciso deslocar o já aprendido e deslocar a experiência para um lugar de enunciação que seja equivalente ao de onde podemos ser afetados, viver e narrar o vivido com toda potência que o estar vivo merece e contém.

A ARQUITETA DESCONFORTÁVEL E A PROFESSORA INQUIETA

A inquietude, contudo, começa no cérebro e mina nossa relação com o espaço, destruindo sua familiaridade e suas certezas, e convertendo-o em asfixiante. [...] Um dos sintomas da inquietude poderia se chamar de nostalgia dos espaços abertos. Quando isso ocorre, a pergunta essencial não é a inofensiva e narcisista “quem sou?”, e sim a perturbadora e perigosa “o que faço aqui?”. Por isso aqui, no limbo, o principal não é interrogar o que somos, e sim onde estamos. E isso para partir imediatamente. (LARROSA, 2015)

Do lugar onde estou já fui embora. (BARROS, 2016)

[1]

Cresci em meio a rolos de papel vegetal e potes com pontas de canetas nanquim mergulhadas em água. Às vezes um cheiro inebriante de benzina invadia a casa e eu e meus irmãos precisávamos ir ao quintal para evitar qualquer piripaque. Outras vezes, corríamos com o agonizante ruído da *gillette* raspando o papel vegetal porque aquilo arrepiava a face interna de todos os nossos órgãos. Só de lembrar tenho embrulhos no

estômago. Meus pais eram eletrotécnicos e por um período trabalhavam em um dos quartos, havia outros dois projetistas que também participavam desta dinâmica laboral e davam expediente em nossa casa. Os limites entre casa e trabalho eram muito borrados e sempre que podia, eu passava a tarde lá com eles. Assim me tornei uma exímia desentupidora de pontas e imitava meu pai no gesto de testar a caneta recém preenchida na unha do meu pequeno polegar. O que eu gostava mesmo era de sentar na banqueta giratória e manipular a prancheta Archimedes hidráulica. Bem, ao menos eu tentava. Em minha imaginação alcançava pressionar os pedais de uma vez e ainda segurar a barra daquele tampo verde imenso, ajustava a posição ideal e ia desenhar. Eu era a filha mais velha e a neta mais velha, naquele momento parecia natural seguir aqueles passos e ser desenhista. Depois de um tempo eles conseguiram alugar uma sala e o escritório se mudou, com eles se foram meus objetos de desejo.

Seguimos no fluxo da existência e a convivência na escola me apresentou outras possibilidades de expressão e linguagem. Aquela Mariana que fui era uma criança tímida, falava baixo e vivia no mundo da imaginação. A literatura me tangenciava constantemente e sempre que podia escalava o telhado ou os galhos do jameiro da casa da minha avó e me recostava na forquilha que já era meu assento cativo. Realmente não sei como conseguia subir com um livro, a Narizinho e uma almofada. Eu ficava fascinada com as histórias que alguns professores contavam em sala, especialmente com as da professora Marlêde. Ela era o tipo que tinha intimidade confessional com cada personagem e também com cada autor. Eu nem piscava, e olhe que nunca

funcionei muito bem antes das 9 da manhã. Emocionada e profundamente afetada, aprendia em cada aula de Marlêde o poder do encantamento.

Meu avô paterno era carpinteiro e a gente convivia naquele mundo de montanhas de pó de serra e máquinas verdes barulhentas. Dos 6 irmãos, meu pai foi o único que enveredou para outra profissão, mas ainda assim carregava o bichinho carpinteiro dentro de si e nos ensinava a sermos um tanto do faz-tudo que aprendeu a ser. Do outro lado, minha avó, minha mãe e suas irmãs, nos envolviam num vínculo quase congregacional entre afetos, ervas, garrafadas, rezas, comidas e conhecimentos funcionais apreendidos ao longo dos tempos. Era um tipo de miscelânea doméstica entre a Feira das Utilidades e a Feira da Fruição de Santo Agostinho. Envolvidas no inconfundível perfume do licor de jenipapo de vovó, elas ensinavam sem saber que ensinavam, eu aprendia sem saber que estava aprendendo. Estas práticas me atravessaram profundamente e compreendi que juntos podíamos fazer e construir qualquer coisa.

Cursando o que se chamava “científico”, cheguei àquela fase traumática de escolher para que lado seguir. Até então, eu andava explorando minha criatividade e habilidades manuais; cabia a mim a tarefa de desenhar ou confeccionar os painéis e maquetes dos trabalhos escolares. Achei que daria para publicidade. Entrei para o grupo de teatro da escola na tentativa de parecer menos tímida e, na sequência, enveredei em todas as comissões artísticas e representações que apareciam pela frente durante todo o segundo grau. Eu praticamente morava na escola, e vivia em meio a uma manada de

adolescentes se descobrindo gente. Infelizmente precisávamos decidir nossos rumos para enfrentar o que Rubem Alves chamava de “a máquina de moer carnes”⁸ e nos preparar para nos encaixar num possível mercado de trabalho.

Nesse ínterim reflexivo, meus pais iniciaram uma reforma em nossa casa com o amparo técnico de uma arquiteta que trabalhava em uma empresa para qual meu pai prestava serviços. Foi a primeira vez que vi um projeto de arquitetura. Até então só havia visto os abstratos diagramas unifilares que meus pais desenhavam. Metade da casa foi isolada e passamos dois longos anos morando entre o quintal, a cozinha e o único quarto que permanecera intacto. Tomei interesse pelo processo e meus pais começaram a me envolver nas questões da obra. Nas férias daquele ano resolvi acompanhá-los no escritório e recebia pequenas tarefas. Para a minha alegria, alcançava os pedais da Archimedes e logo aprendi a manipular o tecnígrafo de contrapeso. Minha função de aprendiz era normografar as legendas e fazer as margens nas pranchas. No ano seguinte, após um curso de informática básica, minha tarefa passou a ser digitalizar pequenos desenhos no *Autocad LT* que rodava no sistema Microsoft DOS.

⁸ A máquina de moer carnes era o equivalente ao vestibular pelo qual passamos, hoje substituído pelo ENEM. (ALVES, 1994)

[2]

Decidir fazer a graduação em arquitetura não foi algo difícil. Já havia rumores da greve da UFPE de 1998 e acabei ingressando na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco, a FAUPE, escola de arquitetura particular que era mantida pela Associação Latino Americana de Educação. Em meu primeiro semestre me tornei bolsista da instituição e passei a trabalhar na biblioteca da faculdade. Trabalhar na faculdade me deu um certo tipo de aval para pertencer àquele mundo que era um tanto distante do meu. Não compartilhava das aspirações de muitos de meus colegas de sala, nem conseguia acompanhá-los na maioria das atividades. Por ser a menina da biblioteca, foi natural uma aproximação maior com os professores e alguns estudantes de outras turmas. Foi naquele birô empoeirado que adquiri rinite, mas que tive acesso a livros, revistas e dicas preciosas, também aprendi a lidar com o diverso e praticar a escuta.

A FAUPE não oferecia pesquisa nem iniciação científica, e mantinha vínculos precários de trabalho docente. Os professores se dividiam entre seus escritórios e a sala de aula e, para muitos, aquela era a primeira experiência em docência. Apesar das dificuldades acadêmicas, nós tivemos professores inspiradores. Ficava claro que nossa formação era focada em nos preparar para sermos projetistas. Meus colegas, em sua grande maioria, assim seguiram.

Finalizamos a graduação no fim de 2002 e no início do ano seguinte montei um escritório com colegas da faculdade. Na sequência, fiz uma especialização em paisagismo para

ampliar nosso leque de atuação. Luciana, Renata e eu mantivemos o escritório com projetos diversos por uns quatro anos. Sempre tive a sensação de que faltava algo, e que aquela arquitetura que produzíamos, e/ou era publicizada em Recife, parecia esvaziada de sentido e reflexão. Acabei me tornando crítica do meu próprio trabalho, e meu limite chegou quando uma cliente pediu para que eu combinasse o puxador da cortina com o pingente da almofada. Não que eu creia que não seja válido investir o conforto e o equilíbrio estético no ambiente cotidiano, mas, naquele momento, aquele não era meu lugar.

Aproveitando o conhecimento técnico que havia adquirido com meus pais, procurei escritórios de luminotécnica para trabalhar e acabei parando numa loja de luminárias de referência que se apresentava como projetista da luz. Aquela seria uma oportunidade para aprender mais sobre o campo e, quem sabe, conseguir desenvolver trabalhos com meus pais no futuro. Lá, nunca consegui elaborar um projeto luminotécnico, mesmo sabendo fazê-lo. Não havia interesse nem tempo. Arquitetos nos telefonavam para informar que um cliente iria nos visitar e que deveríamos incluir equipamentos caros para que a comissão deles fosse maior. Para eles não importava a qualidade da ambiência: quanto mais equipamentos, melhor. Passei algum tempo em choque e percebi que esta era uma prática comum, eticamente reprovável, mas socialmente aceita. Pedi demissão e segui meu percurso.

Tornei-me colaboradora no escritório das minhas ex-sócias, e ingressei num grupo de debates dos Arquitetos Sem Fronteiras. Através deles consegui uma bolsa para um

Máster em Desenvolvimento Urbano e Territorial: Gestão e Transformação de Cidades em Países em Desenvolvimento na Universidade Politécnica da Catalunha. Fiz as atividades preparatórias e contactei colegas do curso para buscar moradia compartilhada, éramos três mulheres latino-americanas. Por sorte ou por azar, naquele ano o passaporte estava demorando meses para ser emitido. Pesou também o fato de o curso ser integral e minha bolsa ser de 50%. Não conseguiria me manter naquele país sem trabalhar e acabei deixando para outro momento.

Passado algum tempo, foi lançado um edital para Especialização em Desenho Urbano na Universidade Federal de Alagoas e me submeti à seleção. No mesmo período participei de uma seletiva para coordenar um escritório de arquitetura em Santa Cruz do Capibaribe, no Agreste pernambucano. Sem saber exatamente o que me esperava, fui. Pode parecer um tanto aleatória essa tomada de decisões, mas naquele momento eu buscava compreender o que era e para que servia ser arquiteta. Mais ainda, eu precisava entender que tipo de arquiteta eu era. Lembro que estávamos vivendo as expectativas de implementação do Estatuto da Cidade e dos programas desenvolvidos no âmbito do Ministério das Cidades e muitas urgências estavam em jogo.

[3]

Cheguei no agreste em outubro de 2006, o ano foi de poucas chuvas e a vegetação lindeira à estrada estava bastante seca. À medida que adentrava no estado, a paisagem

se transformava e uma angústia me tomava ao ver carcaças de gado e palma seca por toda parte. Não vou dizer que foi um período fácil, as condições de moradia e de trabalho eram bastante precárias e eu acabava assumindo várias funções operacionais no escritório.

Apesar das dificuldades, aquela experiência me aproximou de muita gente, gente diferente de mim, de quem eu fui e de quem conheci. Me fez atenta para ouvir os desejos e inseguranças das pessoas que juntavam suas memórias e economias para construir suas casas e um novo futuro. De gente que se reunia comigo na hora do almoço para falar sobre o projeto enquanto lutavam num malabarismo mágico em que a montanha de galinha assada com macarrão, feijão e farofa não poderia cair do prato *duralex* marrom na mesa de plástico do boteco. De gente que pagava projeto em dinheiro vivo à medida que fazia suas vendas de modinha⁹. De gente que eu levava pra abraçar as árvores do terreno na expectativa de sensibilizar quem achava que elas só faziam sujeira. Nunca projetei tantas casas quanto naquele período no agreste, nunca aprendi tanto sobre projetar para o cotidiano mais ordinário que é onde a vida acontece. Esta experiência me fez entender que a arquitetura devia ser uma prestação de serviço de acesso público e se distanciar da mística enraizada na publicização classista.

⁹ As fábricas de roupas do polo têxtil de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama são conhecidas como Facções de Modinha e, em sua grande maioria, fazem parte dos pavimentos térreos das residências de seus proprietários. Para compreender melhor a esta dinâmica, sugiro assistir ao filme “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” de Marcelo Gomes, lançado em 2019.

A especialização começou naquele mesmo semestre e, a cada quinze dias, eu saía de Santa Cruz para pegar o ônibus em Caruaru e seguir em direção à Maceió. Eu chegava às quintas na cidade e corria pra cheirar o mar, não conhecia ninguém em Maceió e a brisa me abraçava. As disciplinas eram bastante estimulantes e tivemos acesso a debates sobre o direito à cidade, espaço público, apropriação e vida urbana. Foi lá que conheci algumas ferramentas de análise urbana e projeto para ambientes responsivos.

Naturalmente me integrei aos colegas que vinham de fora, uma dupla de paraenses que tiveram que se mudar para lá e a uma sergipana. Passei a dormir no apartamento deles, nos tornamos uma equipe de trabalho e aumentamos bastante o nosso vínculo. Certa vez, receberam uma amiga paraense que estava fazendo mestrado na FAUFBA. O discurso que ela trazia e os livros que carregava me fascinaram. Acebei fazendo uma cópia da Estética da Ginga de Paola Berenstein Jacques e devorei na viagem de volta para o agreste. Aquelas palavras me pegaram e eu precisava saber mais sobre o que investigavam aquelas pessoas.

Fomos todos para a ENANPUR de Belém em 2007, era meu primeiro congresso acadêmico consciente e eu estava realmente eufórica. Era incrível ver e ouvir as pessoas que eu estava lendo em e ser apresentada a discussões que nem sabia que existiam. Me interessei pelo formato das sessões livres e fomos acompanhar a sessão que se chamava “Se suportar na cidade” de Robert Pechman. O grupo de estudantes da pós-graduação do IPPUR da UFRJ coordenado por ele iniciou a comunicação dizendo que “a tolerância não nascia em árvores” e na sequência entrecruzavam suas pesquisas sobre percepção,

experiência, afeto, cidade e usos coletivos com literatura e a poesia de Manuel de Barros. Aquilo soou tão ousado para mim, que explodi. É como se as coisas começassem a se encaixar em meu pensamento, mas um tipo de encaixe extrudado sem lugar e passei os dias flutuando. Me alimentei das falas de tantos outros conferencistas disruptivos que aterrar na especialização alinhada a uma perspectiva funcionalista me foi difícil.

Decidi participar da seleção para mestrado na FAUFBA e usei como base para o projeto de dissertação, meu projeto do trabalho de conclusão de curso da especialização que tratava da vida nas calçadas. Adaptei o texto às novas leituras e fui. Eu não tinha publicações, monitoria, iniciação científica e nunca tinha ido a Salvador. Carregava apenas cinco anos de experiência no ofício de projetar e muitas perguntas. Queria verdadeiramente aprender o que era arquitetura. Quem me entrevistou foi Pasqualino Magnavita. Ele pegou meu projeto de pesquisa, me olhou, perguntou como eu cheguei ali, e por que eu não abordava a experiência urbana no espaço público a partir de Deleuze. Minha cabeça girava, minhas mãos tremiam tanto que tive medo de que ele as escutasse batendo abaixo da mesa. Eu olhava incrédula para aquele senhorzinho de cabelo e barba branca, numa camisa de linho branca e suspensórios roxos. A pergunta “quem é Deleuze, meu senhor?” piscava como um letreiro com defeito na minha testa e depois de infinitos segundos, engoli seco e disse ser possível, mas eu precisaria de orientações para estudar o autor. Perguntei por onde deveria começar e ele me respondeu apenas “pelo meio”. Nem preciso dizer que saí atordoada de lá.

Viajei pra Maceió sentindo que a entrevista havia sido um fiasco. Fui direto para a UFAL apresentar o trabalho da disciplina de intervenções. Meu projeto não tinha torres residenciais de trinta pavimentos e não extrapolava o potencial construtivo. O partido previa uma expansão urbana para a gleba ilhada no tabuleiro da cidade a partir da morfologia existente e consolidada no seu entorno e tratava de não provocar contrastes relevantes. Os avaliadores criticaram fortemente o meu projeto e diziam ser uma grande perda de oportunidade já que o mercado imobiliário estava de olho naquele sítio. Voltei para Recife refletindo sobre toda aquela exposição e alguns dias depois soube que fui selecionada para o mestrado numa ótima posição e conseguiria uma bolsa do CNPq¹⁰.

Após o carnaval de 2008 me mudei para Salvador e decidi não finalizar a especialização. Fiz o dobro dos créditos em disciplinas que eu precisava na faculdade de arquitetura, educação, filosofia e belas artes. Pasqualino se tornou meu orientador e com ele aprendi a desaprender tudo que achava que sabia. Mais adiante, quando comecei experimentar a docência, ele me aconselhou a estar atenta e falou que os professores só deveriam ensinar aquilo que não sabem. Este conselho ecoou em mim e só foi tomando sentido e se enraizando lentamente em meu corpo ao longo das experiências em sala de aula.

Fazíamos parte da cooperativa de orientação do Laboratório Urbano e os encontros semanais eram transdisciplinares, com gente vindo dos quatro cantos do Brasil. As

¹⁰ CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico é uma entidade ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para incentivo à pesquisa no Brasil.

pesquisas abordavam a cidade e o urbanismo a partir de uma perspectiva teórica crítica com autores contemporâneos e muito distantes daqueles da minha formação pregressa. Tudo era muito novo pra mim e demorei assentar. Participei do primeiro e do segundo CORPOCIDADE – debates em estética urbana e pude conhecer colegas e pesquisas que me interessaram profundamente. Por estar perto da faculdade de arquitetura, o apartamento que dividia com mais quatro colegas havia se tornado um ponto de parada para momentos de pausa e deambulações entre chás, bolos e muitos afetos. Havíamos nos constituído como comunidade.

Passei a operar uma maciez perante a vida que não conhecia quando vivia em Recife visto o cotidiano *workaholic* do qual havia me submetido e até então considerava ser normal. Salvador me fez respeitar os tempos do corpo e estar atenta às experiências. Minha pesquisa acabou sendo intitulada *espaço-movimento: desestabilizações arquitetônicas na produção da cidade contemporânea* e eu discutia como a arquitetura era cooptada pelo poder hegemônico para reforçar suas ações reificadoras. E, com as novas lentes que construí naquele lugar, refletia se havia possibilidade para abertura do campo, para trabalhar com algum tipo de *arquitetura-que-vaze* e amolecer as matérias que circunscreviam a vida.

Pensar nesta perspectiva me fez perceber o quão mergulhada nossa formação estava na afirmação de um *status quo*. Mas também no reforço de um sistema de representações simbólicas que segregava a partir da ideia da criação de exclusividade. Era preciso aprender os signos, a entender como se mover dentro do círculo profissional, de

conquistar visibilidade e de introjetar um certo grau de ilusões para se manter vivo. Havia de ser melhor, maior e mais brilhante, havia de produzir impacto e ser espetacular, havia de ser “diferenciado” ou ao menos carregar ornamentos disfuncionais para ter mais olhares voltados pra si. No fim das contas o que importava mesmo era a imagem que se criava sobre o objeto arquitetônico: uma imagem publicitária, oca de gente. De tudo que havia aprendido a aspirar como arquiteta, na medida que criava exclusividade, excluía.

Quando apoiamos este modelo, acabamos por incentivar uma formação que homogeneíza. Percebe-se, que grande parte dos arquitetos e estudantes agem como se fossem guiados apenas pelo processo imagético difundido pela arquitetura e urbanismo, tencionando-a ao limite enquanto imagem-materialidade. Chegando ao *grau zero da arquitetura* (ARANTES, 2010) dentro das escolas, deliram estudantes e deliram professores, impressionados pela abundância da forma-imagem, pela arquitetura de alta-performance, se desdobram entre jogos de formas e ferramentas tecnológicas em busca de novidades. Dentro deste contexto, as simplificações da noção de arquitetura são inevitáveis. “Passa-se uma tábula rasa não somente sobre os territórios, mas antes, sobre a própria formação, construção do espectro de saberes desenvolvidos e reproduzidos no âmbito acadêmico”. (MARQUES, 2009, p.139).

[4]

Minha bolsa havia terminado e eu ainda não havia finalizado a dissertação. Não era uma opção voltar para Recife e comecei a buscar trabalho. Magicamente recebi um convite para integrar a equipe de arquitetos no escritório de Lelé, o Instituto Brasileiro de Tecnologias do Habitat de Salvador. Eles tinham uma demanda para finalizar o projeto executivo do Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região. Éramos dezoito arquitetos, engenheiros civis, sanitarista, desenhista mecânico, um designer e um administrador. Lelé era um arquiteto que fazia parte do meu imaginário e eu nunca havia imaginado a possibilidade de trabalhar com ele um dia. Foram meses de trabalho intenso e muita aprendizagem, menos romântico do que idealizei, mais feroz do que jamais havia pensado ser. Fomos contratados como pessoas jurídicas, arquitetos autônomos, que trabalhavam cerca de 12h por dia para cumprir os prazos do contratante. Acabei escrevendo um texto sobre esta experiência e chamava *arquitetura, capital e insônia*. Depois de um tempo compartilhei o texto e a experiência no congresso internacional sobre o imaginário e dinâmicas do segredo e rendeu muita, mas muita conversa deliciosa sobre o estado de desamparo em que nós arquitetos críticos nos encontrávamos.

A condição de precarização do trabalho do arquiteto foi o tema central do texto, carregado de relatos cansados sobre a exploração capitalística que se impunha sobre o nosso fazer arquitetônico e que atingia diretamente nossos corpos e nossos desejos. Independente da benevolência ou boa vontade do empregador, de ser ideologicamente

alinhado a pautas mais ou menos sociais, estávamos todos submetidos a um sistema de produção que se apropriava de nossa potência de vida e de nosso tempo de existência. Num sistema de sessenta horas semanais ou mais, visto que sábado também era dia de trabalho, não é possível mover um músculo além daquele esforço estritamente necessário para cumprir uma atividade operacional de sobrevivência. Num corpo exaurido e expropriado de si mesmo, não há lugar para criação.

A propósito de um sistema de trabalho que se organiza a partir de coerções cotidianas introjetadas que nos afasta de nós mesmos em nome de ideias falsamente emancipatórias, trago uma alerta de Eliane Brum quanto aos limites dum corpo que colapsa quando não suporta mais e acaba sendo taxado de inconveniente.

Estamos exaustos e correndo. Exaustos e correndo. E a má notícia é que continuaremos exaustos e correndo, porque exaustos-e-correndo virou a condição humana dessa época. E já percebemos que essa condição humana um corpo humano não aguenta. O corpo então virou um atrapalho, um apêndice incômodo, um não-dá-conta que adoece, fica ansioso, deprime, entra em pânico. E assim dopamos esse corpo falho que se contorce ao ser submetido a uma velocidade não humana. Viramos exaustos-e-correndo-e-dopados. Porque só dopados para continuar exaustos-e-correndo. Pelo menos até conseguirmos nos livrar desse corpo que se tornou uma barreira. O problema é que o corpo não é um outro, o corpo é o que chamamos de eu. O corpo não é limite, mas a própria condição. O corpo é. (BRUM, 2016)

[5]

Em 27 de julho de 2011 voltei para Recife a fim de integrar uma equipe para participar do concurso do Parque da Tamarineira e passamos dois meses desenvolvendo o projeto para submetê-lo à comissão julgadora. O Concurso era de âmbito Nacional e foi organizado pelo IAB-PE em parceria com a Prefeitura da Cidade do Recife e a Empresa de Urbanização da cidade. O projeto consistia na construção de um Parque Público no sítio da Tamarineira onde há o Hospital Psiquiátrico Ulysses Pernambucano, em funcionamento desde 1883. O conjunto é tombado pelo patrimônio estadual e se insere num imóvel de proteção de área verde. O escopo incluía, ainda, a qualificação dos espaços voltados para o tratamento dos usuários do sistema de saúde mental, emergência psiquiátrica e centros de apoio aos usuários de álcool e outras drogas e um equipamento cultural. Naquele momento, a luta antimanicomial estava a todo vapor, e se fazia importante reorganizar o destino do hospital, de seus internos e demais usuários do sistema de saúde mental.

Acabamos sendo premiados com o primeiro lugar no concurso e nosso projeto foi contratado pela Prefeitura. Além dos anteprojetos, projetos básicos licitáveis e executivos de arquitetura, paisagismo e urbanismo, éramos responsáveis por gerir o contrato e desenvolver todos os projetos complementares que totalizavam 26 volumes por etapa. A experiência do projeto da Tamarineira foi completamente desgastante e intensa. Éramos jovens arquitetos sem nenhuma experiência em gestão de projetos

complexos. Lidar com aquela quantidade imensa de produtos, empresas e profissionais foi um grande desafio.

Escrever sobre o Projeto do Parque da Tamarineira me levou ao Congresso Ibero-americano de Urbanismo, em Medellín. A conferência de abertura do evento era com Manuel Castells. Os textos dele haviam sido base para o ensino de planejamento estratégico durante minha formação, e eu ainda carregava um certo ranço das discussões formalistas e gentrificadoras advindas da especialização em desenho urbano. Para minha surpresa, Castells iniciou pedindo para que todos fizéssemos uma revisão crítica ao seu trabalho. Ao fim de sua fala, indicaria que os sujeitos e seus cotidianos deveriam ser o ponto de partida para qualquer pensamento projetual. Este viés focado na gente do lugar tornou-se guia do encontro que oferecia uma imersão às intervenções planejadas pela municipalidade na cidade.

O processo de elaboração do projeto para o Parque da Tamarineira durou anos e havia a necessidade de equalizar as questões entre os órgãos de patrimônio, meio ambiente e saúde mental. Enfim, entregamos os executivos e o contrato foi finalizado em dezembro de 2020. Na gestão atual do município, o projeto objeto do concurso foi desconsiderado, e uma empresa recebeu a incumbência de elaborar um novo projeto, com novo contrato, através de carta convite e a decisão não foi bem recebida pela população.

Ainda em 2011 me submeti a seleção de professor celetista do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Ciências Humanas ESUDA e iniciei oficialmente a vida docente no segundo semestre daquele mesmo ano. Meu primeiro registro na carteira de trabalho, aos 32 anos. Na ESUDA, por cinco anos, fui responsável por disciplinas introdutórias ao projeto de arquitetura e urbanismo e projetos de arquitetura para os dois primeiros anos. Elas se intercalavam ao longo dos semestres e consegui desenvolver algumas experiências metodológicas com base na bagagem teórica trazia da FAUFBA.

Na medida do possível, o debate sobre a construção do pensamento projetual iniciava a partir da leitura do corpo dos estudantes, deles para os colegas e dos colegas para um terceiro sujeito desconhecido ou para um grupo dele sujeitos diversos. Esta ação buscava ampliar a percepção dos estudantes para a espacialidade da vida na escala do cotidiano e suas afetações. Encontrei muitas barreiras para explorar estas experiências, parte porque nesta instituição particular os objetivos comerciais eram claros e parte pela resistência ou pouca disponibilidade de alguns professores que compartilhavam disciplinas comigo tinham em se autoatualizar. As tendências de ensino mais comuns eram as que reproduziam o modo como se aprendeu a projetar e a de fazer da sala de aula uma extensão operacional do escritório do professor.

Enquanto graduanda nunca pensei me tornar professora, talvez por não haver experienciado um ensino crítico, talvez por não saber o que era a arquitetura ou que tipo de arquiteta eu queria ou poderia vir a ser. Lembro que aquela Mariana tímida e

introspectiva que fui, tinha dificuldades para estudar geografia e história porque sua imaginação ativa não a ajudava a ter foco em textos longos. A tática que consegui emplacar era a de criar uma ambiência de sala de aula na sala de casa e fazer leituras com colegas imaginários, inclusive simulando vozes diversas. E esta foi a experiência mais próxima de ensinar que pude conceber na infância.

Devo ter sofrido algum tipo de arrebatamento quando iniciei o estágio docência na FAUFBA. Fiz estágio no Atelier 2 com o professor Marcos Queiroz e Cione Fona e, no Atelier 5, com as professoras Ana Fernandes, Paola Berenstein e Aruane Garzedin. Foram três semestres de estágio docência, e um mundo novo se abriu. Orientar e discutir sobre os processos de projetar havia se tornado meu delírio entorpecente, eu sempre perdia a hora de voltar para casa. Intuitivamente, lembrava das palavras de Pasqualino e criava vínculos afetivos com os estudantes e eles, comigo. Com os mestres, aprendi que era importante esperar o tempo das coisas e a me esforçar para ouvir aquelas pessoas com o maior cuidado possível.

Na ESUDA, eu dava aula em algumas manhãs e noites e passava o resto do dia no escritório em função do Projeto do Parque da Tamarineira e coordenava a equipe de paisagismo e desenho urbano do projeto. Aquela vida *workaholic* da qual eu havia me divorciado em Salvador, me revisitava agressiva, agora em jornada tripla, e precisei me situar novamente. Senti que era o momento de investir em autoconhecimento e buscar reconhecer quem eu era ou o que estava me tornando. Resolvi fazer cursos formativos em terapias integrativas. Esta imersão me deu ferramentas para assentar e equilibrar,

para construir estado de presença, para ampliar a escuta empática sobre mim mesma e também aos demais.

[6]

Fui contratada como professora substituta no Departamento de Arquitetura da UFPE em 2015 após uma seleção simplificada. A intensidade dos trabalhos no escritório diminuía um pouco e consegui gerir os projetos nos intervalos entre os módulos de disciplinas. Ainda passei um semestre dando aulas noturnas na ESUDA, mas não aguentei o rojão e decidi sair. Mantive apenas um vínculo nas aulas das especializações em Projetos, Paisagismo e Design de interiores, cujas aulas eram uma vez por semestre. Na UFPE, fui alocada para dar aulas de Teoria do Desenho Urbano e aulas de Projeto 3 e 4, 7 e 8. A estruturação do curso na UFPE era completamente distinta das instituições pelas quais havia passado e me detive a estudar o projeto pedagógico para compreender o que tipo de arquitetos esperava-se formar. Não havia estudado lá, não conhecia a grande maioria dos professores e não entendia como era a dinâmica de distribuição dos grupos de afinidade. Ainda assim, senti-me imensamente acolhida pelo departamento e consegui me integrar bem às equipes das disciplinas.

Houve um momento em especial que consegui levar para o ateliê a discussão sobre o pensamento corpóreo e suas afetações dentro dos projetos em desenvolvimento. Sua relação com a materialidade, atributos formais e espaciais. Intercalamos o debate sobre

arquitetura com textos literários, filosóficos, instalações artísticas e música para discutir a construção de narrativas, espacialidade e sentidos na unidade projetual.

Anedoticamente, *Ribas Linhas Aéreas* se tornou patrocinador oficial das discussões de alguns grupos de projetos daquele segundo ano. Nossa articulação se dava através dos desvios, distanciamentos e das impregnações corpóreas sensíveis que alguns estudantes conseguiam acessar. Foi uma experiência extremamente rica que finalizou com a oficina de projetos para concurso oferecida pelo professor Luiz Amorim, da qual fui docente colaboradora. Luiz acabou se tornando um grande entusiasta e incentivador do meu trabalho e me convenceu que já era hora de voltar a estudar e entrar num doutorado. Sou imensamente grata a ele, e também às equipes de professores com que pude trabalhar naquele período. Estar ali com o aval daquelas pessoas me fez acreditar que a arquiteta que eu era, era antes de tudo uma professora.

Fazia seis anos que eu havia concluído o mestrado e me dei conta que vivia um movimento cíclico: cinco anos na academia como estudante de graduação, cinco anos projetando como arquiteta, três anos na academia como estudante de mestrado, seis anos me dividindo entre a docência e o escritório de arquitetura. Concluí que Luiz Amorim tinha razão e realmente era hora de me organizar para fazer o doutorado.

Iniciei minha pré-pesquisa completamente influenciada pelos modos de ensinar projeto que eu havia me deparado enquanto estudante e enquanto professora. Ora

reprodutores de uma realidade consolidada, direcionada a responder demandas postas, ora emancipadores e reflexivos, assentadas numa prática afetiva em busca da construção crítica de novas realidades. Compreendi que enveredar pelo caminho da educação já era um caminho sem volta. Imediatamente, recordei de uma viagem que havia feito para acompanhar uma grande amiga da minha comunidade soteropolitana, Glória Cecília, que estava fazendo parte do seu doutoramento na França. Um certo dia entramos na livraria de um museu onde ocorria uma mostra de Didi-Uberman e lá encontramos com Paola Berenstein. Passado o momento de choque do encontro aleatório e improvável, conversamos sobre o futuro e o que eu pretendia trabalhar dali adiante. Depois de um tempo, Paola se levantou e seguiu até uma estante de livros. Na volta sentou sorrindo, me deu um livro amarelo e disse: este é seu ponto de partida. O tal livro amarelo era “O Mestre Ignorante”, de Jacques Rancière.

Rancière (RANCIÈRE, 2015) apresentava a ideia do mestre emancipador que, ao reconhecer a inteligência do estudante, oportunizava uma aprendizagem consciente onde não cabem subordinações. Pensar neste viés, me recordou algumas orientações de Paulo Freire (1978) sobre a criação de comunidades de aprendizagem e de uma prática que reconhece o sujeito em sua integralidade para, junto com ele, organizar uma educação que seja capaz de libertá-lo. Na medida em que fui aprofundando as leituras sobre pedagogias críticas, compreendi que nosso papel como professores era entender o que os estudantes traziam consigo, o que já sabem e o que precisam saber. Essa descoberta, segundo bell hooks (2020), não se dá na superficialidade de um contato

distanciado, ela só se dá quando se é capaz de estabelecer um grau de engajamento, cuidado e respeito em que escolhemos nos conectar com o outro.

Daquele momento em diante, comecei uma busca por professores que estivessem preocupados com uma prática pedagógica emancipatória na arquitetura. Num percurso intuitivo e fortuito, reencontrei alguns velhos conhecidos e me interessei pelas experimentações que a professora Iazana Guizo estava fazendo na Universidade Santa Úrsula no Rio de Janeiro. Conheci-a em intercâmbio do Laboratório Urbano e, desde o Corpocidade de 2008, alimentávamo-nos de preocupações comuns. Iazana foi parte da equipe reestruturadora do curso de arquitetura da Instituição de Ensino que pensava o corpo vivo de volta ao centro da discussão sobre a espacialidade na arquitetura. A proposta incluía uma série de atividades exploratórias a partir das disciplinas tradicionais e ofereceria condição de experiência da dimensão sensorial e corpórea, provocando descobertas nos arquitetos em formação e no próprio corpo de professores. Para ela era necessário, antes de tudo, inventar uma maneira de ser arquiteto. Para aquela equipe, a arquitetura era a expressão de um território, de um modo de ser e de viver, desde uma perspectiva filosófica e mais ainda, de uma aposta no mundo.

Estava certa de que este poderia ser um caminho viável para embasar uma formação de arquitetos e urbanistas cujos sujeitos, estudantes e também professores, estivessem intensivamente envolvidos a partir do desenvolvimento de perspectivas pedagógicas capazes de estimular a capacidade de autorreflexão na concepção de si mesmos. Este

movimento poderia ser capaz de dar vazão às angústias postas no início deste texto, visto que a ideia de reconhecer os estudantes e professores em suas singularidades e individualidades, carregados de toda sorte de assentamentos a partir de suas experiências vividas, é chave fundante da construção de um conhecimento crítico.

Nesta busca, deparei-me com o trabalho que meu antigo coordenador do mestrado da UFBA estava desenvolvendo como professor e pesquisador na UFPB. Com a ideia de "distanciamento como forma de aproximação", Xico Costa (COSTA, 2015a), propunha atividades a partir da criação de dispositivos artísticos e literários para provocar um distanciamento do objeto da investigação arquitetônica. A ideia é que quando estamos muito envolvidos e próximos de uma questão, opera-se em nós um certo tipo de naturalização das coisas e, a partir deste ponto, não somos mais capazes de ser atravessados por elas. Por vezes as questões da arquitetura se colocam tão óbvias que nos cegam, tão perto do que somos e do que nos constitui que pode nos afastar do pensamento sobre ela. A proposta colocada, aponta uma vontade de abrir o campo de criação e pensamento na arquitetura. Porém muitos dos procedimentos e instrumentos consolidados nas práticas pedagógicas de nossas escolas de arquitetura operam em favor de uma naturalização das coisas. Para Xico, há muito a desnaturalizar, pesquisar, deslocar e experimentar.

Como conversamos um pouco antes, minha proposta de pesquisa de doutoramento seria centrada na investigação de práticas pedagógicas desnaturalizadoras dos comportamentos reprodutores e acríticos. A proposta considerava uma etapa

experimental enquanto observadora participante nas salas de aula desses professores para embasar o debate sobre o ensino de arquitetura e urbanismo, traçar metodologias emancipatórias para a aprendizagem no ateliê de projetos. Busquei programas que tivessem aderência ao tema e acabei optando por submeter o projeto à seleção no Programa de Pós-graduação da UFPB. Além de ser um Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, a área de concentração “Arquitetura e Cidade: Processo e Produto” me pareceu bastante pertinente à minha pesquisa. Na proposta eu apontava ainda a possibilidade de cotutela com a Universidade Politécnica de Valência (UPV) focada na linha de pesquisa *Arquitectura y pensamiento: filosofía contemporánea y arquitectura*. Naquele momento a UFPB possuía acordo de cooperação com a UPV.

Submeti o projeto à seleção e fui aprovada. Em setembro de 2017 me mudei para João Pessoa e iniciei os trabalhos com a equipe do grupo de pesquisa Visões Urbanas, sendo acolhida por Xico Costa, como sua orientanda. Em dezembro daquele mesmo ano descobrimos que uma grave doença acometia minha mãe e todos os planos de minha família foram ao chão. Atravessamos dois anos entre vãs tentativas de minimização e cura daquilo que avançava agressiva dentro de seu corpo que era antes abrigo e lugar seguro. A nossos corpos, a experiência violenta do desterro e do deslocamento para lugares outros.

A dor é o desarranjo do corpo, limite e ponto de virada. Com ela atentamos para o que grita dentro, ao que as vísceras todas gritam no âmago profundo e que por razão ou outra não alcançamos ouvir. Sucumbi e este registro se realizou em meu corpo de modo

avassalador, colapsando-me. É preciso desobediência do corpo para escapar às equações bioquímicas, hormonais e fisiológicas desta dança precisa que é estar vivo. Desobedecer às lógicas produtivistas e instantâneas das multifunções. Agarrar o tempo sem que ele corra em demasia e permitir que o gosto nos toque suave. Para escrever é preciso estar em estado de presença e ter disponibilidade para uma digestão lenta, abstraída, parcial, passional e deliciosamente viva. Após perder o estômago e com ele parte da capacidade de digerir a vida, em setembro de 2019 minha mãe encantou-se. Quanto a mim, perdi o equilíbrio e na procura dele trabalhei desde o solavanco deste rompimento até poucos meses antes de hoje: até que meu corpo parasse de produzir anticorpos contra ele mesmo.¹¹

Não me estenderei neste tema, mas as novas condições emocionais e as perspectivas de futuro modificaram completamente a minha disponibilidade para aprofundar na pesquisa visto que possuía uma carga reflexiva imensa sobre o modo de ser estar no mundo como filha, mulher, estudante, arquiteta, pesquisadora e professora. E quer eu quisesse ou não, a pesquisa trazia uma carga extremamente pessoal e apresentava um espelho do meu próprio devir. Restou-me focar nas questões meramente operacionais e objetivas das quais não seria necessário fazer grandes digestões e assim, trêmula, trôpega, segui.

¹¹ Uma versão deste parágrafo foi compartilhada no texto Chegança: um rito para despentear a mesa, assanhar a espinha e revolver o pensamento sentado.

[7]

No início do ano de 2018, me integrei a equipe de docência do Instituto de Educação Superior da Paraíba, o IESP. Eu tinha a demanda de ser menos autorreflexiva, certo? À medida que cumpria os créditos em disciplinas no doutorado, preencher meu tempo com as questões dos estudantes se tornou fundamental. Por dois anos dei aula de Projetos e Intervenções em áreas de interesse Cultural. E, em parceria com a professora Alessandra Soares, propus experiências¹² pedagógicas no ensino de projeto que embrionariamente havia iniciado na ESUDA. Alê era também professora de uma disciplina eletiva chamada Corpo e Espaço cuja experiência resultou na publicação de livro homônimo (MOURA, 2019) e nos deu respaldo para prosseguir. A ideia central era dada a partir da provocação de Margareth Pereira de que era necessário aprender a colocar o corpo do estudante na ponta do grafite. Como é que bota o corpo do estudante na ponta do grafite? Para ela, “nós estamos construindo cidades sem corpo, o corpo está ausente, o corpo do próprio projetista” (PEREIRA, 2008).

Compreendemos, em concordância com o que já alertava o professor Rheingantz, há vinte anos atrás, que o papel da educação do arquiteto no mundo atual ainda não foi adequadamente definido e, ao que se pode perceber, os professores de arquitetura

¹² No segundo movimento conversaremos a partir das experiências desenvolvidas nestas instituições, articuladas a experiências empreendidas por outros professores nas quais fui parte e articuladas ao debate teórico que se constrói ao longo da tese.

demonstram muito mais interesse em "desenvolver a teoria e a prática da arquitetura" do que em desenvolver a teoria e a prática da educação" (RHEINGANTZ, 2005) em arquitetura. Isso diz muito sobre nossa reflexão como coletivo de professores que apenas aprendem na prática da sala de aula o ofício de ensinar e que de pouco tempo pra cá têm sido levados a questionar suas próprias lógicas pedagógicas.

[8]

Feliz ou infelizmente, eu ainda tinha um mísero crédito em disciplinas para cumprir. Dos 32 créditos exigidos pelo programa, era o único que me restava. O professor visitante no PPGAU, Pablo De Soto, propôs uma disciplina on-line chamada Arquitetura Ambiental e eu achei que seria uma boa cursar. Afinal, eu precisava me livrar dos créditos pendentes e vivia meu momento operacional nada reflexivo. A disciplina começou com as leituras dos textos de Débora Danowski e Viveiros de Castro, Donna Haraway, Kopenawa e Krenak (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014; HARAWAY, 2023; KOPENAWA; ALBERT, 2019; KRENAK, 2019, 2020). A ideia central era discutir a arquitetura para um mundo carente de futuro, das emergências ambientais, dos medos e da possibilidade do fim da humanidade tal qual conhecemos.

Não preciso dizer que fiquei catatônica por meses, qualquer um ficaria em dadas circunstâncias. De tão intensas, as leituras me paralisavam e se mesclavam com aquela realidade devastadora que se impunha no mundo. Neste período, as pessoas estavam

indo ao supermercado de escafandro ou quase isso. Peguei Covid-19 na vanguarda pandêmica de 2020 e os encontros on-line se tornaram um escape para organizar a histeria do grupo de estudantes em isolamento.

Depois do impacto sofrido pelos debates da disciplina e pelo que estávamos experienciando em nosso cotidiano: sujeitos apartados da convivialidade e tendo suas atividades circunscritas ao ambiente doméstico ou a ambiências virtuais que mediavam e simulavam encontros, aulas, reuniões de trabalho e celebrações. Nossa percepção sobre a temporalidade e a espacialidade se desorganizaram numa escala sem medida, de mesmo modo, nosso corpo se descompassou da sua natureza de fluxo, movimento e tatilidade. É muito disruptivo e desolador viver este tipo de acontecimento histórico.

A ideia de criar uma narrativa de esperança e uma falsa normalidade para assimilar uma possível catástrofe, foi inevitável para que pudéssemos continuar a existir. Claramente percebeu-se que o nosso modo de fazer mundo não estava dando muito certo. E, caso continuássemos na mesma lógica de desenvolvimento extrativista, de negacionismos, negligências e segregação dos demais seres da terra, incluindo a própria terra, as previsões dos povos cujos pés estão incorporados e enraizados no chão fértil das periferias do mundo, se fariam realidade. Fundamental mesmo era ter disponibilidade para ouvir as palavras do Xamã Yanomami e entender como juntos poderíamos ajudar suspender o céu (KOPENAWA; ALBERT, 2019).

Neste momento lembrei de uma situação que vivi em sala de aula que até então não havia sido apaziguada em mim. O foco da disciplina de Projetos II daquele meu primeiro semestre de IESP, que eu lecionava com uma professora veterana da instituição, era desenvolver um edifício de uso misto. Partimos dos programas e dimensionamentos básicos para as células habitacionais, público alvo, condicionantes, arranjos espaciais, sistemas de circulação, estrutura, materiais, conforto ambiental, simulações de desejos e necessidades, etcetera. O roteiro seguia uma resolução de projetos funcional e padrão, com *usuários* genéricos e mirava na concepção de um projeto legal.

Num dado momento, um estudante não conseguia andar com o projeto e me pediu para conversar após a aula. Ok, eu era uma professora extremamente acessível que ouvia atenta as questões individuais dos alunos, mas ainda estava naquela minha fase operacional e muita coisa passava despercebida. Naquele dia descobri que o aluno era indígena e a lógica espacial constituída em sua memória, impregnada em seu corpo, divergia bastante daquela pretendida pelo roteiro da disciplina, que considerava estritamente a demanda criada por um modo de viver na cidade e a partir do corpo como um dado pré-estabelecido. Para mim, estava posta uma lacuna formativa e, naquele momento, não havia espaço para explorar espacialidades distintas, corpos divergentes, corpos não humanos e mais que humanos, modos de ser gente ou de pensar mundo para além daquele tido como “padrão”. Novamente eu explodi e aquela questão me atravessou tal uma flecha.

De imediato recordei uma fala do arquiteto paraense Fernando Mesquita, do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional. Em abril de 2018, o convidei para apresentar sua pesquisa de mestrado no IESP, em decorrência de uma expedição que ele estava fazendo por conjuntos históricos de pequenas cidades brasileiras e acabaria passando em João Pessoa a caminho de Areia, cidade tombada no Brejo Paraibano. Fernando foi meu antigo colega da especialização e nos apresentou as peculiaridades de Afuá, uma cidade anfíbia, sobre palafitas, na ilha do Marajó (MESQUITA, 2017).

Em uma discussão sobre modos de habitar dos ribeirinhos ele nos mostrou o projeto para a construção de habitações para uma comunidade indígena cujo território era localizado no entorno daquela cidade, elaborado e construído no âmbito do programa minha casa minha vida. A obra era um despropósito sem fim e ignorava o modo de ser daquela gente. Restou aos porcos ocupar as casas-carimbo porque aquelas pessoas não concebiam a ideia de dormir ou preparar seus alimentos no mesmo espaço onde depositavam seus excrementos. Ficamos estupefatos ao perceber que passar uma tabula rasa sobre o território ainda era tido como uma prática de intervenção comum.

A propósito da violência impregnada neste apagamento das necessidades inerentes aos modos de vida de um povo, Nêgo Bispo reforça a nossa indignação:

Se o quintal é essencial no quilombo, qual é a parte mais necessária de uma casa na favela? É a laje. A primeira laje é para o primeiro filho ou primeira filha que se casa, e a segunda laje é para fazer as festas. O que fez, porém, o Minha Casa, Minha vida? Chegou às favelas e tirou as lajes das casas, sua parte mais necessária. Veio para os quilombos e

construiu casas sem quintal, tirou o quintal das casas, sua parte mais necessária. [...]. Foi um ataque brutal, violento, perverso, racista, institucionalmente colonialista. É melhor falar *colonialismo* do que *racismo*, porque alterar a arquitetura, subjugar ou proibir a arquitetura existente é mais do que racismo. Por que não levaram em consideração a arquitetura do povo da favela? [...] A casa tem de ser uma parte dos nossos corpos, temos que suar naquele material, temos que sentir nosso cheiro em nossa casa. A arquitetura colonialista, uma arquitetura sintética, não nos permite isso. (SANTOS, 2023, p. 60–61) (grifo do autor)

Pensar deste modo é diametralmente o oposto da maneira funcionalista que se opera quando projetamos através de práticas impositivas para um *usuário* qualquer. “Usuários são pessoas que, por definição, não produzem espaço, mas o recebem em formas determinadas por outras instâncias, mais ou menos preocupadas com o seu bem-estar.” (KAPP; BALTAZAR; MORADO, 2008). Esta ideia só faz sentido se pensamos uma arquitetura destituída de gente. Gente como eu e você, seres encarnados e viventes.

[9]

Dada a preocupação com os impactos de nossa prática na construção do conhecimento em arquitetura e urbanismo, ainda fortemente arraigada num paradigma da epistemologia ocidental hegemônica, escrevi uma carta endereçada ao *arquiteto do pós-fim-do-mundo*. Era praticamente um pedido de socorro carregado de perguntas sem

respostas sobre o sentido e o futuro da arquitetura em um planeta danificado¹³. Estávamos no *lockdown* brasileiro buscando sobreviver à Covid-19 enquanto o país vivia grave deformação política e instabilidade sanitária e social cujas reverberações ainda nos afetarão por um bom tempo. Temia um possível fim do mundo, preocupada se haveria futuro ou não.

Propositamente escrita de forma visceral, a carta traz passagens que sugerem exaustão e certo nível de desespero nos tempos de crise. Questiona se a possibilidade de saída passa por um processo de descolonização do corpo e das experiências. Ficcionei enviar esta carta ao espaço em busca de um interlocutor em tempo futuro ou dimensões paralelas. A carta foi apresentada como exercício final da disciplina de Arquitetura Ambiental e ao longo destes tempos acabou recebendo uma série de enxertos reflexivos. O texto é acompanhado por uma gravação de áudio simulando a recepção de sua leitura, intercalada com distorções, compressões e ruídos que poderiam ser causados por erros de leitura do *codec*. A carta e o áudio seguem presentes no trecho chamado **antimovimento** para que seja possível compreender a tônica desta articulação e ajudar a reconstituir o referido estado de coisas daquele momento.

¹³ Planeta Danificado em referência ao texto de Anna Tsing: Arts of living on a damaged planet – Ghosts of the anthropocene (2017).

[10]

Considerar o caráter da urgência para repensar nossos modos de fazer mundo atravessa também a necessidade de revisar o papel das narrativas sobre a construção e da validação do conhecimento dado a partir da perspectiva generalista, patriarcal, heteronormativa, branca e eurocentrada. É preciso antes, pensar outros modos de ser, de se fazer sujeitos e coletividades. Isso implica diretamente na forma de conceber e produzir arquitetura e urbanismo, implica no lugar delegado ao corpo na imaginação criadora dos arquitetos e na realidade construída que abriga a nossa própria condição existencial enquanto seres vivos.

Assim como as narrativas, as histórias, a linguagem, os espaços não são neutros e, por não serem neutros, eles operam uma diversidade de influências sobre nós e sobre nossas escolhas. Eles atuam em como as coisas acontecem. A arquitetura, como espaço construído, tem a capacidade de organizar o cotidiano e assim atua diretamente em nossos corpos. Neste sentido, arquitetura não deve ser tratada enquanto uma representação passiva, mas enquanto frutos de nossa produção cultural, como constructos e, portanto, como vetor de subjetivação. A partir deste pressuposto, compreendemos que como arquitetos e professores de arquitetura compartilhamos pouca ou nenhuma consciência reflexiva com nossos alunos sobre o modo como os ambientes construídos, na interpelação com outros corpos, são capazes de afetar e também de ser afetados.

Este é uma provocação política, ética e estética sobre a formação do arquiteto e busca contribuir para uma produção crítica, sensível e consciente da arquitetura e do urbanismo. Ela se funda na urgência em se ampliar o olhar dentro do pensamento sobre a projetualidade arquitetônica e para a experiência da aprendizagem encarnada, um pouco mais além, um pouco mais adentro. Olhar para o que somos, para o corpo, para as sensibilidades e subjetividades individuais e coletivas na construção dos saberes.

[11]

Retomei a tese, completamente desconjuntada, tal como eu mesma estava e precisava me reorganizar. Não havia mais sala de aula para executar minha pesquisa de campo e o debate se tornou fundamentalmente teórico. Reingressei como professora substituta de projetos do departamento de arquitetura e urbanismo da UFPE. Às salas de aula virtuais trazíamos nossas mentes desimplicadas da experiência do estranhamento e das interpelações sensório-afetivas provocadas pela simples presença física de outros corpos em condições similares as nossas.

Podemos dizer que faltava sala de aula à sala de aula. Passamos a operar com gambiarras para conseguir lidar com a discussão dos conteúdos e a operar um esforço sobre-humano na tentativa acessar aqueles corpos-avatars desconectados e distanciados de nós. Para haver uma prática de aprendizagem engajada, era necessária uma sala de aula onde estivéssemos integralmente presentes. Como diz bell hooks:

integridade é inteireza. Estar inteiro é trabalhar com integridade, é se dispor por inteiro numa sala de aula em que nos sentimos parte.

A ideia de sujeito integral foi considerada como fundamental para relacionar as abordagens teóricas sobre a aprendizagem que faziam sentido para o desenho desta investigação. Neste processo, compreendi que o sentido da formação do arquiteto não poderia ser discutido apenas no âmbito da disciplina de Projeto. Por mais que Projeto seja uma disciplina estruturante, que atravessa todos os anos do curso e na qual o estudante se capacitará tecnicamente para atuar na prática profissional, ela jamais conseguirá dar conta da formação de um arquiteto isoladamente.

Para compreender os o sentido da projetualidade na arquitetura, recorro ao professor Elvan Silva (SILVA, 2003, 2006) e ao refrescamento de sua ideia sobre a projetualidade. Esta seria conformada pela categoria que se encarrega de organizar e aprimorar o mundo visível e materialmente construído enquanto realidade sensível, tanto quanto aquela que opera na elaboração dos saberes e conseqüentemente do conhecimento arquitetônico em nosso campo.

Portanto, projetar é um modo de pensar e construir um conhecimento situado que preconiza o engajamento do corpo que experiencia este processo. Estabelecer conexões conceituais, metodológicas e funcionais com as demais disciplinas é necessário para compreender a essência desse princípio formativo da graduação em arquitetura e ainda, quais qualificações este estudante precisaria agregar. Apesar de não estarem

circunstanciadas exclusivamente dentro dos componentes de projetos, as experiências rememoradas e exploradas nesta pesquisa tinham um rebatimento implicado na construção dos marcos fundamentais na construção do pensamento projetual do estudante.

Inevitavelmente as impregnações contra-hegemônicas faziam parte do processo de legitimação dos corpos dos estudantes, dos professores e, também, do meu corpo. Já que nenhuma pesquisa é neutra, tal como não há arquitetura neutra, meu corpo, as memórias, os afetos, os acoplamentos produzidos por cada encontro voluntário ou involuntário produzido neste caminhar e o emaranhado de emoções que ele carrega também são partes do processo. A arquitetura¹⁴ e o ensino dela, demarcam uma maneira de ser e estar no mundo, de se fazer corpo e de se construir sujeito. Sigo Foucault (FOUCAULT, 2013) e declaro que o conhecimento se dá no e a partir do corpo e não há outro modo de fazê-lo. O fazer-se arquiteto só é possível a partir das transformações provocadas pela afetação no corpo. Pensar arquitetura é antes de tudo pensar a nossa experiência política no mundo.

O ensino também não é uma prática isenta e, para o professor Afonso Rheingantz (RHEINGANTZ, 2005), "a construção do conhecimento é produto de uma experimentação constante que avança em conformidade com o potencial e com a

¹⁴ Quando falo Arquitetura neste trabalho, englobo as demais práticas que compõem o campo da arquitetura, urbanismo e paisagismo.

vivência de cada aluno; que ao propor um modelo de raciocínio que legitima ou não a capacidade de elaboração conceitual" nós fazemos uma escolha sobre que caminho devemos seguir coletivamente, em favor uma liberação através da experimentação de novas possibilidades ou para uma fixação dos cânones do projeto de arquitetura e urbanismo.

Neste sentido, incluir as experiências, histórias, narrativas e expectativas dos estudantes e professores, as minhas e também as suas, são fundamentais para a produção do conhecimento crítico e para a ampliação de nossa visão de mundo. O autor sugere ainda, que o foco seja dado ao processo e não aos produtos finais, considerando que a qualidade do produto é consequência do processo. Para Elvan Silva (SILVA, 2006), a ação por si não cria e pode não aprimorar a técnica, mas certamente estimula uma rede de capacidades cerebrais que são parte do percurso ao estímulo criativo.

Para complementar este argumento em favor da experiência corpórea consciente em sala de aula, trago uma reflexão desenvolvida durante a tese da professora Juju Brito (LEITE, 2007) que aponta três questões que dificultam o aprendizado da arquitetura: a primeira é que o aprendizado se distanciou das ações capazes de exercitar os sentidos; a segunda, que o arquiteto está cada vez mais implicado em reproduzir do que confeccionar arquitetura e portanto se envolvimento neste processo se dá de forma muito limitada. Por fim, Juju lembra que há pouca reflexão nas estruturas curriculares sobre a relação entre emoção, uso dos sentidos e as capacidades de percepção e concepção espacial. Pensar nestes termos se faz fundamental para que as dimensões da

coporalidade façam lugar em nossos métodos de ensinar e aprender arquitetura e também no *corpus* do conhecimento de nosso saber arquitetônico.

Em seu ensaio recente, *suportes de viver no mundo*, a professora reforça seu argumento e nos põe a pensar justamente sobre o que andamos fazendo nas escolas de arquitetura quando alimentamos saberes irreflexivos que adormecem nossas capacidades sensíveis. “Em cidades cada vez mais iguais, povoadas de pessoas cujos comportamentos são também cada vez mais iguais; habitamos equipamentos que nos escondem da vida e consequentemente negam a experiência do mundo”. Juju Brito ainda segue em alerta: “seguimos preferindo ser guiados [...] por qualquer comunicado que promova a vida prática, comodidade, rapidez, ganho de tempo. E não nos damos conta de que essa mesma vida prática e homogênea nos rouba justamente aquilo que estimula nossos sentidos, esses captadores de mundo: o experimentar.” (LEITE, 2023).

Escrevo este texto como uma ode à experiência corpórea na formação em arquitetura e urbanismo. É ela que nos dá a condição para encarnar um conhecimento que não pode ser apartado do que somos nós mesmos. É a experiência que dá a chance de nos transformarmos no roçar dos acontecimentos e dos encontros com outros corpos, com outras ideias, outros pensamentos, outros tempos, outros lugares e outros seres.

Herdei a velha Archimedes do meu pai e também o gene do bichinho carpinteiro. Mesmo retornando ciclicamente ao escritório de arquitetura eu já não consigo passar tanto tempo longe da sala de aula e as atividades se retroalimentam. Desde setembro

de 2021 ingressei novamente como professora substituta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE e sigo experimentando a construção de minha prática docente junto a meus colegas e principalmente junto aos estudantes nas disciplinas de projeto. Recentemente, me submeti ao concurso para professora adjunta do Departamento de Arquitetura da UFPE e fui aprovada. Aos quase 44 anos sigo mais consciente do meu papel como educadora, tenho cada vez mais perguntas e menos certezas sobre as coisas, nenhuma delas absolutas.

CARTOGRAFIA DOS CORPOS MISTURADOS

Pensar sobre os fatos vividos de modo a circunstanciá-los e percebê-los em suas conexões e afetações implicadas, desde minha perspectiva atual era necessário para escrever sobre memórias e experiências. Rememorar é como refazer ou fazer outra vez só que diferente. É algo próximo das dobras de Deleuze, que se reconfiguram com os agenciamentos e num desfazer refazendo-se se redesenha em remembramento do que agora já é diferente. “Re-membrar é co-memorar: reprisar, reviver, retomar e recuperar de maneira ativa” (HARAWAY, 2023, p. 48). Escrever é cartografar, é ferramenta de composição, nos ajuda a re-compor e agenciar lembranças e inscrições corpóreas de quem soube ou pôde observar atenta, enquanto acolhia o presente vivido.

Cartografar é um modo de narrar. Cartografar é uma tática narrativa para situar o pensamento, ela constrói sentido e nos permite visualizar certos arranjos antes não perceptíveis. Enquanto ferramenta processual e investigativa, ela nos ajuda na busca por enunciados críticos.

A *pequena cartografia dos corpos misturados* é, antes de tudo, um exercício especulativo de busca. A chamei também de *mapa de fazer perguntas*, justamente por

parecer ser capaz de ilustrar a trama do intangível e me permitir visualizar minha própria existência a partir de um “fora”. Entretanto, dada a impossibilidade de uma observação abstraída ou completamente distanciada dos fatos, decidi retornar ao entramado em que estive metida. Foi preciso ainda delimitar algumas dimensões corporais ou, como chamei, algumas personas que simultaneamente me compunham. Com elas ficou mais fácil perceber quais discursos, obsessões e cismas me acompanhavam no alargado do tempo.

Tornar visível o que carregamos dentro é um tipo de tradução. Ela opera como uma forma de rearranjo de um discurso, que é antes, um recorte, uma notação, uma negociação. Traduções são lacunares e incompletas e elas precisam ser. Não é possível englobar a totalidade de um fenômeno ou de uma existência, tampouco a totalidade de um desenvolvimento temporal de um evento acontecimental. Cairíamos na cilada do registro e das representações, trazidas das ficções de Borges, que Xico Costa costuma referenciar em suas aulas e discussões sobre a superabundância de informações: o deslimites do Colégio de Cartógrafos do Império e do poço sem fundo cavado pelas memórias obsessivas, implacavelmente descritivas e destituídas de qualquer síntese ou recortes de Funes, o memorioso. (COSTA, 2015a)

Deste exercício, que também nasceu nas explorações deambulatórias e diagramáticas do Seminário de Tese 1, compreendi que a problemática do corpo não era nova, nem pontual. Ela é a tônica que me guia e que se refresca em todo meu processo formativo. Ela é meu objeto de investigação mais aproximado e também o mais distante. A

depende da escala que a observo, percebo meu corpo como estopim deste emaranhamento (quase como um bicho que me corrói desde dentro) ou o vejo no trançado espiralar que compõe o conjunto da própria ideia do ensino de arquitetura e urbanismo carrega e que também está vinculado aos modos de construção do saber. A fotografia da obra jornada Incerta de Chiharu Shiota, que abre o primeiro movimento, foi minha primeira tentativa de representar imgeticamente o emaranhado do Grande discurso da Tese.

Tal como uma isca da colônia de bactérias que usamos para fazer pão que a cada uso é alimentada, fermenta e cresce novamente exalando seu perfume fresco e ácido - aquele mesmo que indica seu movimento vivo. É necessário compartilhar as iscas e também que se mantenha um pouco da sua parte multiplicada para garantir a próxima sequência de atividades. Observo que este tempo entre alimentações e realimentações é cíclico e segue numa constância que não se encerrará aqui. Por vezes mais intensa de uma forma e por vezes de outra, mas carregando consigo a semente dum contágio que é da ordem do vivo e é o que possibilita a existência no porvir.

A série de desenhos, imagens e diagramas que se derramam nestas páginas, carregam e si a grande força das circunstâncias que envolvem as questões da pesquisa e ilumina o objeto de investigação desta tese. Desde o ponto de vista do meu aterramento no mundo, recorto percepções e seleciono perspectivas, mas elas não se isolam por si e estão envolvidas em diversos outros arranjos.

A primeira imagem que se segue, apresenta a ideia dos tabuleiros que mediam a nossa formação. Tabuleiros perfurados que recepcionam nossas inteligências, saberes e sensibilidades. Recepcionar é um modo generoso de chamar algo que espreme e afunila nosso percurso. Por resiliência, apatia ou ignorância, somos levados a acreditar que devemos escolher com quais sensibilidades devemos caminhar para o resto da vida, como se fosse o fluxo natural das escolhas profissionais e não houvesse chance para mudanças. Podemos até escolher não carregar nenhuma delas porque fomos ensinados a crer que as sensibilidades não tem lugar no âmbito acadêmico sério, científico e tampouco profissional. Não tem lugar nem as sensibilidades, nem os afetos, nem as invenções, os desejos, as paixões, as brincadeiras, as crises, os sonhos, nem tudo que é próprio dum corpo vivo. Uma grande lástima.

A formação em arquitetura é um caso bastante curioso: de modo geral espera-se que ingressemos na universidade com um pacote de saberes pré-estabelecidos, que sejamos criativos e inventivos (mas não em demasia visto que precisamos adquirir capacidade

técnica e não ultrapassar limites normativos), que carreguemos um alto grau de sensibilidades, que tenhamos bagagem cultural co referentes “adequados” e cultos da produção brasileira e também mundial, que saibamos nos compreender espacialmente e que tenhamos disponibilidade para operar por abstrações. À medida que avançamos no curso alguns paradoxos vão sendo estabelecidos e vamos podando o mundo de possíveis para nos especializar dentro do leque de atividades esperados para um arquiteto.

Durante a qualificação deste trabalho, Pedro Britto lembrou da grande contradição que temos passado enquanto professores e agentes inquietos da educação pública institucionalizada. A universidade é por excelência o lugar do questionamento, onde se acendem as faíscas do saber e por isso, um lugar propício para a alimentação das potências e de vislumbre do mundo de possíveis. Ao mesmo tempo, a universidade ainda está emaranhada numa rede de conservadorismos e apegos que, através de metodologias apaziguadoras arrefecem e apagam as chamas do questionamento e tentam inviabilizar possibilidades da construção de um saber coletivo e contra-hegemônico que seja vivo. Mas como vimos no início deste **primeiro movimento**, o ingresso de corpos e pensamentos dissonantes, capazes de revolver todo o modo de produzir conhecimento desde dentro da universidade, é irrefreável.

Paulo Freire, em um de seus livros mais fundamentais para a pedagogia crítica, *Pedagogia do oprimido*, nos ajuda a pensar sobre a sobrevalorização das abstrações¹⁵ através de uma materialidade objetiva em detrimento das práticas mais próximas daqueles que estão no âmbito do vivo, sempre diversos e complexos e sempre em vias de transformação. “A educação como prática da liberdade, ao contrário naquela que é prática de dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 1987, p. 45).

A respeito deste apartamento do homem do mundo ou do homem da natureza (como se não fôssemos nós, parte dela enquanto seres terrenos que somos), o professor Fernando Lara nos alerta quanto aos excessos que temos assumido na arquitetura para oferecer à abstração uma hegemonia sobre as demais formas de organizar o pensamento. O que ele chama de “overdose de abstração” tendo como consequência a exclusão das emoções e do cuidado dos domínios do conhecimento. Trago aqui as falas de Lara (LARA, 2021) por concordar que nossa disciplina continua a confiar demais nos processos de abstração. “A história nos ensina que a abstração – e mais especificamente a abstração espacial – é uma das principais raízes da desigualdade social, racismo, esgotamento de recursos naturais e mudanças climáticas.”

¹⁵ A abstração nada mais é do que a escolha e a capacidade de selecionar narrativas específicas, a partir de uma experiência específica, que atravessa um corpo específico, num tempo-espaço específico, com o objetivo de reduzir a dissonância e o ruído do mundo.

Não é demais lembrar que esta abstração espacial, emenda Lara, “tem sido uma ferramenta de colonialidade e desigualdade desde que o sistema-mundo tomou forma no século 16, e a arquitetura está profundamente enraizada nesse processo.” Agora estamos aqui na tentativa de ressignificar o sentido que temos dado a arquitetura durante séculos. Novamente lembro das palavras de Pedro Britto durante o exame de qualificação: “Qual a função do arquiteto hoje?” A que serve a arquitetura?

Ao abandonar o conhecimento experiencial e relacional nos afastamos de nossa própria natureza, dos demais seres humanos, dos seres não humanos e de tudo e de todos aqueles que não são parte na humanidade excepcionalizada por si mesma e abstraída através de um poder que se crê hegemônico. “Conhecimento relacional, exemplos concretos, espaços vividos e empatia constituem uma forma poderosa de avançar nosso relacionamento uns com os outros e com os outros seres terrestres.” (LARA, 2021)

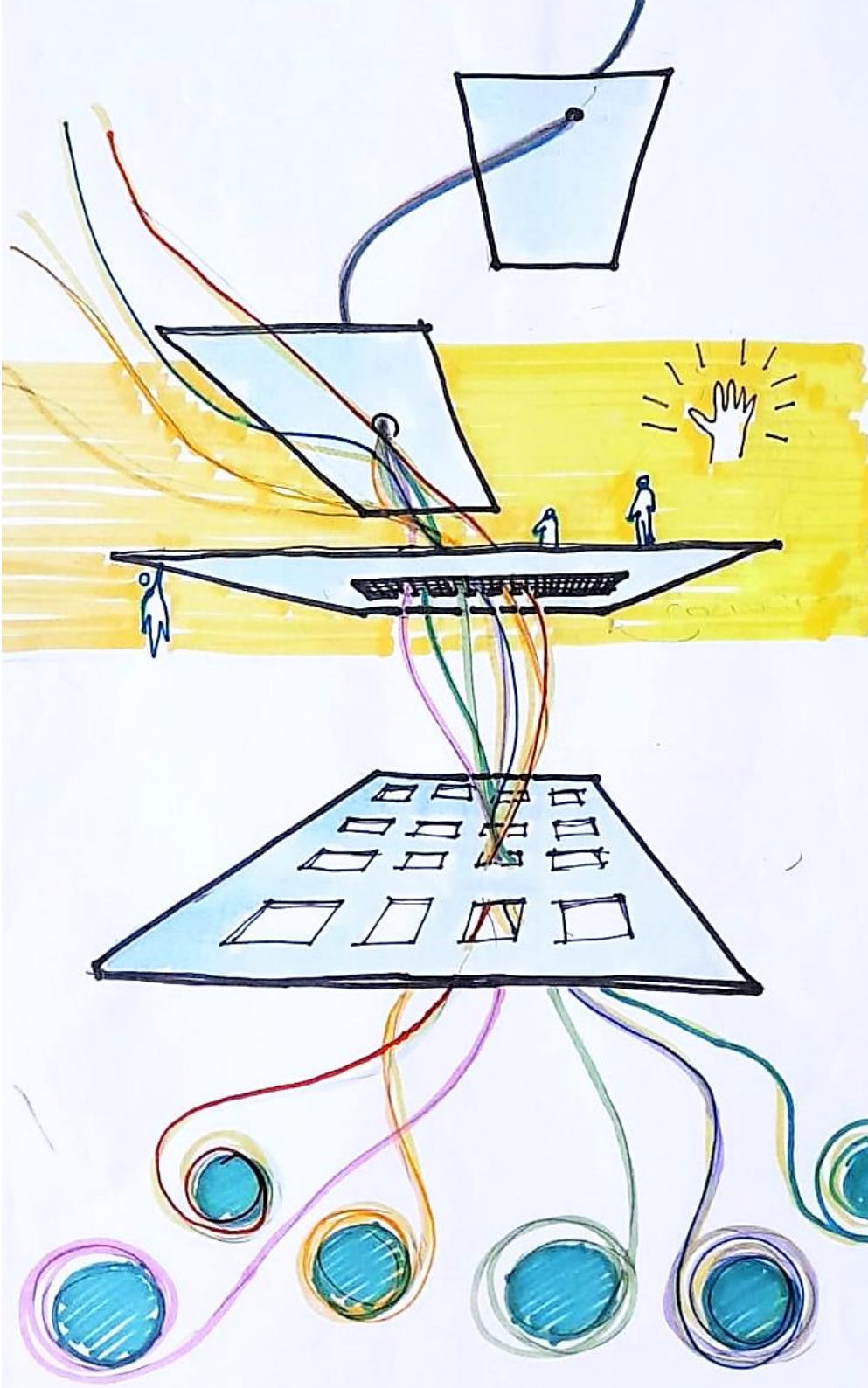


Imagem 4 - Tabuleiros da formação profissional. MRibas, 2017.

A segunda imagem é um recorte da fotografia que tirei no quintal da casa em que vivia em novembro de 2017. Uma touceira de citronela (*cymbopogon winterianus*) que me auxiliava na apreciação da vida e no afastamento de insetos, como troca de serviços prestados eu cuidava dela. O exercício era buscar uma imagem que fosse capaz de falar além do que poderia representar uma primeira impressão dum corpo e com ele, o que trazia dentro. Uma imagem para meu Pequeno discurso da Tese.

Além da imagem, levei para a sala de aula algumas folhas do capim recém colhidas. As coloquei sobre a mesa e especulamos o que víamos, na sequência, começamos a dobrá-las até formar trouxinhas de folhas, colocamos entre as mãos e friccionamos. O cheiro cítrico e doce dominou a sala e ficamos ali envolvidos pela essência exalada pela citronela. Como diz Rufino (RUFINO, 2021):

‘Não basta catar a folha, é preciso saber cantá-la’. Para cada uma delas que brota, um trato. Com do devido pedido de licença aos moradores do lugar, a folha se cata, macera, seca, queima e se sopram palavras de força que despertam o que nela habita. As folhas nos ensinam, porém havemos de silenciar profundamente para ouvi-las.



Será que serve cantar, soprar e ouvir corpo também?

Dali emendamos pensar onde e de que modo nossas pesquisas se inseriam no campo da arquitetura e compreender também onde eu, como pesquisadora, me encontrava neste processo. Esta busca tinha como objetivo construir um diagrama para o Grande discurso da Tese¹⁶. Como explica Xico:

Se trata de entender a própria posição, nessa espécie de constelação ou *nebulosa* em que se encontra metido o aluno no seu papel de mestrando ou doutorando, mas também de cidadão. Ou seja, envolve tudo aquilo que se vê como parte de da própria circunstância, da estrutura acadêmica e das perspectivas de trabalho. Envolve também uma abordagem epistemológica de entendimento das condições existentes e necessárias para obter o conhecimento proposto. (COSTA, 2022, p. 252) [grifo do autor]

Como proposto, caminhei no sentido da reflexão inspirada por modos de diagramar, ajuntar e selecionar informações que havíamos visto em sala de aula. Neste momento meu foco ainda era pensar o ensino de projeto, como comentado anteriormente. E mesmo estando completamente envolvida dentro dos modos de aprender e ensinar arquitetura, o que se operava em mim ainda era um reflexo reacionário da minha própria experiência enquanto estudante e professora. O que não me permitia ter um

¹⁶ O Seminário de Tese 1, lecionado e orientado por Xico Costa, tinha como exercícios de distanciamento como forma de aproximação a construção do Grande e do Pequeno discurso da tese em imagens e diagramas.

distanciamento mais eficiente, tampouco ter outro modo de perceber meu objeto por uma perspectiva não objetivista.

Minha primeira tentativa (imagem 6) resultou num diagrama carregado de palavras, questões e uma grande quantidade de informações para aquilo que deveria ser sintético e que presumia ser da ordem do sensível. Ao longo do tempo, segui adicionando outras palavras e ajustando algumas questões e que na sequência, deixou de fazer sentido.

A primeira configuração da *pequena cartografia dos corpos misturados* foi elaborada ao fim do Seminário de Tese 1 e com ela pude pensar o papel alguns dos meus corpos implicados no fazer arquitetônico e docente em suas gramáticas de ocupação dentro do meu percurso (imagem 7). A Cartografia foi refrescada e atualizada haja vista a proposição colocada no ponto de onde partimos no início deste trabalho, ou seja, nos fins de 2022, a partir da necessidade de revisão para escrita das minhas memórias. Com ela, fui impelida a olhar com mais cuidado como se dava este trançado da ocupação, de onde partiam, quais as circunstâncias do aparecimento, estreitamento e alargamento da densidade que cada um desses corpos ocupava na minha vida (imagem 9).

Cinco corpos e cinco fitas distintas por sua coloração variam e dançam a partir da densidade que cada uma dela imprime no curso dos marcadores temporais. Entrelaçadas e moventes, compõem um desenho espiralar em sentido horário ascendente na execução de sua primeira volta sobre a terra. Também poderia ser lido como uma organização da espacialização dos meus primeiros seis setênios de existência.

Ou o Ouroboros, a cobra que representa o tempo circular e o fluxo do eterno retorno, se movendo em constância enquanto morde seu próprio rabo. Ou ainda, podemos relacionar com a ideia de tentacularidade¹⁷, já que estas linhas sinuosas da viva vivida se entrelaçam durante toda a trilha que, por sua vez não indica um fim, e que são interconectadas com muitas outras coisas e seres para além delas mesmas. É o princípio da circularidade e o tempo de quem fala Nêgo Bispo em sua sapiência quilombola: *é começo, meio e começo*.

É hora de remover os véus (imagem 8). Nas palavras de Haraway: “virar para dentro permite virar para fora: a forma do movimento vital traça um espaço hiperbólico, precipitando-se em estriações como as dobras de uma alface-crespa, um recife de coral ou uma malha de crochê.” (HARAWAY, 2023, p. 125)

As imagens produzidas neste movimento seguem na sequência das páginas seguintes.

¹⁷ Ver mais em *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*, de Donna Haraway, 2023.

Imagem 7 - Cartografia dos corpos misturados, primeira versão. MRibas, janeiro de 2018.

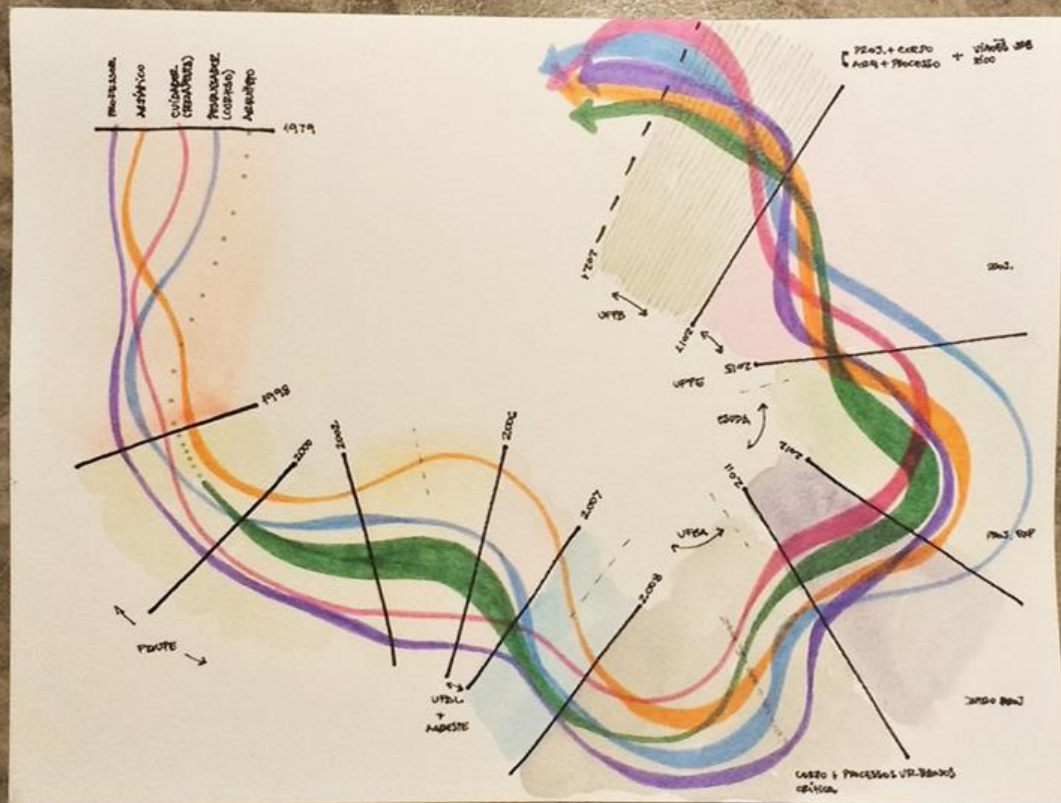
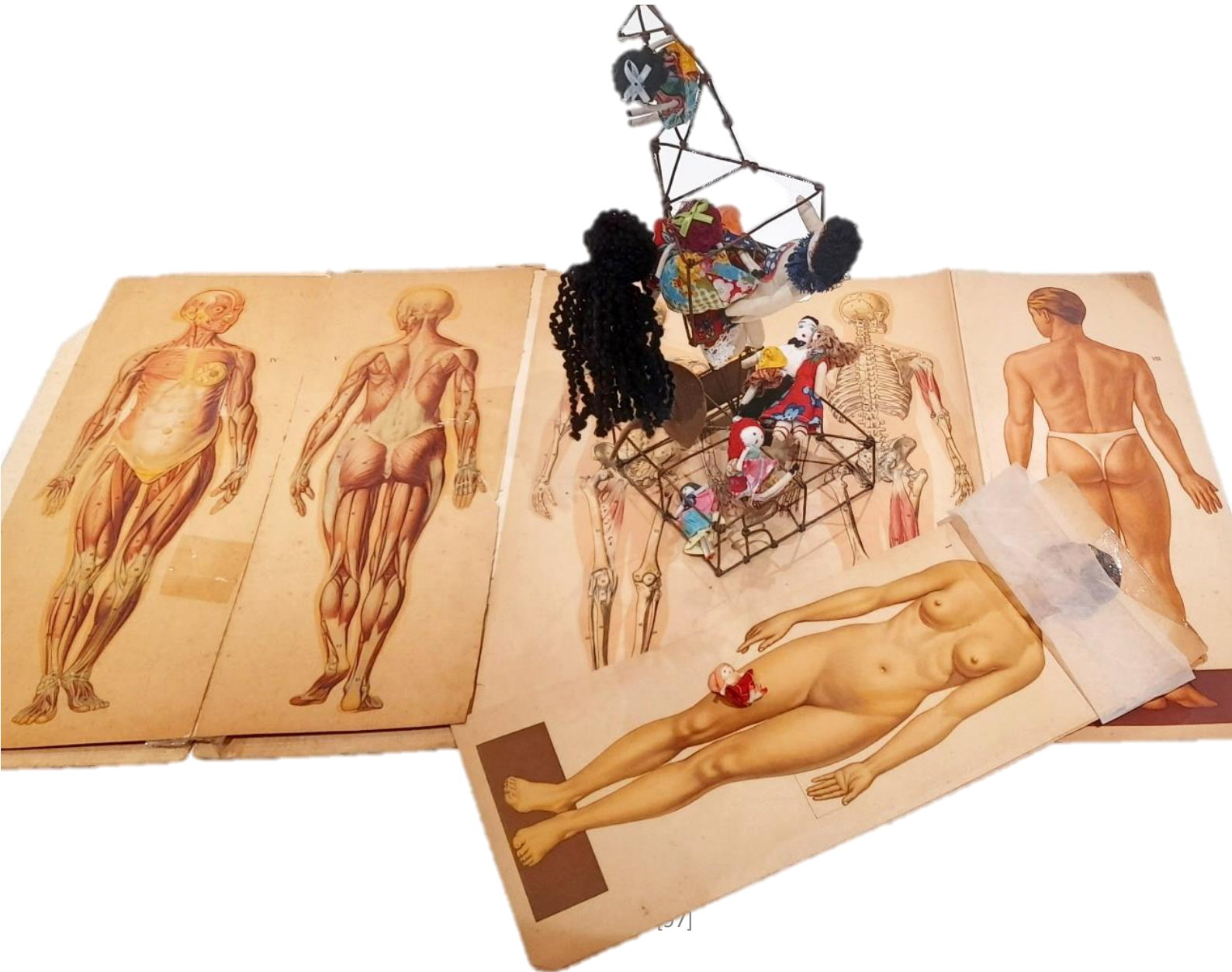


Imagem 8 - Mergulhar dentro é mergulhar fora - ou por que ainda carregamos nossos véus?
Maquete conceitual com o que tinha ao alcance das mãos. MRibas, Seminário do Grupo de
Pesquisa Visões Urbanas, Brain Storm Area, João Pessoa, 2022.



há que aprender a ser capaz de tropeçar-se com alguém [...]. Há que estar disposto a encontrar-se com gente desorientada em situações inesperadas, e também perigosas. As zonas onde se é possível tropeçar-se com alguém são aquelas nas quais o imprevisto pode suceder, e então há de se abandonar a rota pré-estabelecida [...] (CARERI, 2016, p. 127)¹⁸

A esta altura do texto você pode estar se perguntando se tudo que foi escrito até aqui se trata de uma introdução. Sinto em dizer que assim como você, carrego minhas dívidas. Entretanto, considero que tudo se trata de uma condição para situar e contextualizar o corpo e seus enunciados. Desde o corpo desta que escreve e, que ao escrever, arrasta os corpos com quem pôde encontrar e que ainda tem encontrado pelo caminho, inclusive do seu corpo que encontra o meu bem aqui. Até o corpo que configura este nosso campo confuso e complexo de conhecimentos do ensino da

¹⁸ Em tradução livre.

arquitetura. Talvez seja ainda uma maneira de dizer que precisamos aprender a encontrar com o outro, com outros. Ou como sugere Careri, temos que aprender deliberadamente a tropeçar em alguém. É uma questão de disponibilidade.

O exercício deste texto pressupõe que a escrita é tática de movimento, e em seu mover-se se ocupa de sacolejar a memória, o tempo, o território, o pensamento. As afetações deste meu corpo também se deslocam quando escrevo e me inscrevo. Que atravessa e é atravessado enquanto se detém implicado em algo que importa. Caminhar, parar e se perceber vivo. Parar para perder tempo e assim ganhar espaços outros. Ser atravessada me dá a chance de seguir outra e também a mesma, só que transformada. Talvez tudo seja introdução, talvez parte. O certo é que tudo aqui é fluxo que situa e transcorre no curso desta grande história miúda e afetada desde meu corpo inquieto derramado nestas páginas.

Mesmo e apesar de toda sua miudeza e proximidade, este texto é daqueles casos em que o mais íntimo e o mais particular vivido por este corpo que sou, têm a capacidade de serem comuns e tocarem outros corpos que não tenham tido a mesma experiência que tive. Posso pensar que histórias e narrativas carregadas de afecções pessoais também possuem uma aptidão de se espriar e de se tornarem algo na escala do épico. Quero dizer com isto que o pequeno discurso se confunde com o grande discurso desta tese. Estes discursos falam do corpo e de como construímos um conhecimento a partir dele, encarnado. Deste meu corpo, mas também do seu. É uma questão de escala.

Temos que o corpo é o cerne desta pesquisa. É o início e também o lugar de chegada. Parto do corpo e o corpo também é o meu destino final visto que tudo que me acontece, acontece a mim, desde dentro. Seu corpo também é destinatário destas palavras, desde que haja disponibilidade corpórea para este encontro e para as transformações instauradas nestes afetos todos. Desejo que com a leitura deste texto você também possa já ser outra igual e diferente do que era antes de me encontrar por aqui.

Deste ponto de vista, uma introdução já é encontro e tudo faz parte do mesmo entrançado discursivo e dialógico que alimenta a elaboração dos fundamentos da pesquisa. Portanto, desde o início deste **primeiro movimento** mergulhei no processo de escrevivência e com ela a pesquisa se estabeleceu. Os movimentos posteriores nos servem para reforçar e trazer mais de densidade às condições apresentadas aqui e serão discutidas a partir de outras experiências que são capazes de nos situar no corpo, no território e também no tempo. Ainda que suas fronteiras sejam borradas, estas dimensões funcionam como uma baliza na condução dos entrelaçamentos.

A proposta que aqui trago é exploratória e se dá a partir das relações entre os corpos que tropeçam e se dispõem ao encontro na construção do conhecimento em arquitetura. Precisamente me ocupo deste arranjo de fluxos no ensino dos arquitetos em formação. Acredito que é urgente e necessário trazer às salas de aula o debate incorporado e afetivo sobre o papel do corpo na construção de si mesmo sob a perspectiva de uma pedagogia emancipatória que invista na autodeterminação. E ainda, compreender como a tomada de consciência de si afeta nossas relações com os demais

sujeitos humanos e não humanos e com o mundo. É pensar que nossa ação e nossa reflexão sobre quem somos e como nos movemos na encruzilhada da existência, que é por si mesma compartilhada, são partes intrasferíveis do nosso processo formativo e do desenvolvimento de nosso pensamento arquitetônico. Ou seja, esta experiência é parte de nossas existências e experiências particulares, quer sejamos estudantes, quer sejamos professores. Aprendemos no movimento.

Ela também é uma proposta colaborativa visto que seu entramado foi sendo cozido no agenciamento de diversos encontros com outros corpos. As narrativas e relatos de experiências, bem como os debates gestados por elas, são conformadas como uma grande colcha de retalhos, recortes e lampejos de memória de várias pessoas que puderam contribuir com a sua elaboração. Ex-alunos, amigos e colegas professores que, em comovente generosidade, puderam compartilhar comigo suas perspectivas sobre as experiências que vivemos juntos e que são parte indispensável em tudo o que trago aqui. Algumas dessas reflexões seguem junto com o texto e podem se apresentar em forma de áudio, anexos ou aparecerem completamente incorporadas às narrativas.

Postulo ainda que não há conhecimento sem corpo, não há corpo sem experiência, não há experiência sem espaço. Somos talvez um corpo-espaço-experiência situado que aprende de modo relacional, afetivo, incorporado e em constantes e múltiplas atualizações. Assim, tomando por pressuposto que o corpo é o locus de constituição do sujeito e que esta constituição se conforma através das experiências vividas, busco investigar qual é o lugar delegado ao corpo encarnado dentro da formação do arquiteto

e compreender de que forma ele opera na construção do conhecimento. Através da rememoração de experiências vividas, trago reflexões sobre algumas práticas pedagógicas que julgo capazes de nos ajudar no reconhecimento e implicação do corpo sensível e encarnado, consciente e presente do sujeito arquiteto aprendiz.

Muitas questões se colocam, enquanto reflexão, a partir do momento que decidimos seguir por este caminho: É possível estimular a dimensão afetiva, corpórea e sensível na formação do arquiteto? É possível aprender e ensinar a projetar considerando a relação de expressão e criação nos arquitetos em formação a partir de suas existências e experiências particulares? É possível pensar o processo de projeção a partir do reconhecimento da corporeidade de quem o faz? Em que medida? Na contramão de tudo isto também perguntamos se seria possível distanciar o próprio corpo do processo de aprendizagem? Seria possível separar o corpo de quem projeta do processo de projetar? Seria possível um arquiteto sem corpo?

Acredito que estudantes e professores que participam de processos de aprendizagem dos fundamentos de arquitetura baseados em experiências pedagógicas encarnadas desenvolvam uma maior capacidade crítica e sensível em sua produção arquitetônica teórica e também prática visto que estes processos são indissociáveis e implicam num engajamento corpóreo e afetivo do saber. Assim, esta tese propõe tensionar o limiar entre estas coimplicações corpóreas a fim de desenvolver um arcabouço para discussão capaz de auxiliar no estabelecimento de argumentos possíveis dentro da teoria do

ensino da arquitetura e do urbanismo e para pensarmos a construção um debate crítico e sensível no arquiteto urbanista em formação.

Reconhecer que a significação tem lócus em nossa experiência corporal significa conceber que tanto a capacidade imaginativa quanto a conceitual estão enraizadas em nossos processos afetivos e sensíveis. A razão nada mais é do que processos encarnados nos quais nossas experiências são exploradas, criticadas e transformadas em questões. Ela não é um fato, tampouco uma capacidade pré-estabelecida. Tanto quanto a imaginação, ela está intimamente ligada aos processos corporais e, através de nossas experiências, se tornam criadoras.

Portanto, investir no debate sobre o lugar do corpo e na prática da experiência corpórea no ensino da arquitetura é antes de tudo uma crença na possibilidade de construir junto. Uma aposta em modos singulares e ao mesmo tempo coletivos de conceber, pensar e projetar arquitetura e urbanismo. Não se trata de um processo de diferenciação, mas antes um projeto ético, estético e político de produção de si, dos outros, do outro em mim e do mundo, em suas intensidades de pluralidade. Pois esta é uma maneira de recusar modos de encodificação preestabelecidos, modos de manipulação e apagamento das potências de vida. Recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o

mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos (GUATTARI, 1986).

Seria possível dizer onde começa e onde termina o corpo? Seria possível pensar em termos de definição e determinação do que seria um corpo? Não temos aqui a pretensão de construir uma arqueologia das teorias do corpo, mas traçar alguns pressupostos, caros a esta pesquisa, que até pouco tempo pareciam inquestionáveis e que na contemporaneidade começaram a cair por terra, chegando até a se tornar inadequadas. Pensaremos a ideia de corpo a partir de uma perspectiva filosófica e também biológico-evolutiva, com uma série de dispositivos engendrados e seus atravessamentos na compreensão dos sujeitos corporais e também incorporais, humanos, não humanos e mais que humanos.

Partimos do princípio de que a delimitação do corpo não é dada apenas pela pele. O nosso corpo é fluido, resultante de fluxos e afecções. Nossos limites são borrados, hibridizados por gestos e acoplamentos. Em nosso corpo se dá a tradução das escolhas e dos encontros com as formas do mundo. Este agenciamento se dá como uma negociação a partir das deliberações dos desejos dos corpos. A corporeidade é esta atuação do desejo no corpo e ela se dá de múltiplas formas e atravessamentos, construídas e desconstruídas constantemente. A partir desta ideia, o sujeito é o resultado dessa relação de forças numa dinâmica constante.

Ainda é preciso esclarecer que de certo modo, na medida da minha formação acadêmica¹⁹ criei certas resistências ao uso da palavra *metodologia* visto que acendia em mim um certo grau de limitação. Desaprendi estas modalidades que compreendia como prescritivas durante o desenvolvimento de minha pesquisa de mestrado onde fui desorientada por Pasqualino Magnavita. Desorientada no melhor sentido do termo, visto que foi necessário me desfazer de lógicas preconcebidas que eu carregava comigo até então. Era como se eu tivesse uma escada de madeira e a cada encontro com ele um degrau apodrecia e ruía. Ao fim eu só tinha as duas barras laterais e me vi desafiada a criar e instalar novos degraus com os materiais que podia lançar mão naquele momento. Uma escada-gambiarra começava a ser montada com alguns materiais nem eram originalmente destinados a servir de apoio para os pés e dar a condição de subir.

Gosto de pensar na imagem desta escada. Ela me dá a chance de articular arranjos que antes pareciam não fazer sentido, de desarranjar um pensamento que pressupunha a sequência lógica, esperada e inescapável de um método e uma aplicabilidade protocolar. Basta que a liberdade para novas possibilidades seja parte nesta ação de organização dos processos. Pude então encarar a ideia de método enquanto um processo aberto e receptivo aos encontros durante o caminho que esta pesquisa conseguiu traçar. É interessante perceber que eu só consegui desenvolver a ideia deste

¹⁹ Por formação acadêmica me remeto aqui a ideia de uma formação acadêmica objetivista e racionalista que estava ocupava em condicionar e controlar resultados através de uma mediação prescritiva e baseada na construção de manuais.

trabalho quando me impregnei afetivamente da professora que sou e decidi que era viável investigar com este olhar.

Esta pesquisa é um processo narrativo, demarcado pelo que sou e pelo que tenho me tornado nesse corpo atravessado e intensivo. Por isso escrevo como quem conversa porque essa escrita é também construção de mim mesma visto que também é percurso. Aqui, busco seguir o afeto como pista metodológica e sinto que às vezes as circunstancias são imprevisíveis, mas são os arranjos produzidos a partir delas que me fazem corpo e este corpo é quem conduz a palavra que aqui se derrama.

Com os resquícios dos modos tradicionais de construir conhecimento que ainda me possuem, também tentei estabelecer o que seria o estado da arte da temática trabalhada, mas me deparei com um escasso volume de publicações²⁰, com pouquíssimas pesquisas e apenas duas teses. A investigação se delimitou em pesquisas que fossem claramente resultantes de experiências pedagógicas implicadas na corporalidade, práticas ou teóricas e se deu através dos bancos de dados dos Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo cadastrados na CAPES e vinculados à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações²¹ (BDTD). A busca se concentrou em

²⁰ Grande parte das publicações sobre o tema da educação em arquitetura é focada em processos de ensino e aprendizagem do Projeto e apresentam métodos e resultados desta experimentação sem necessariamente considerar as implicações subjetivas e corpóreas dos estudantes e de si mesmos ou sem se desdobrarem para o campo crítico da teoria do ensino de arquitetura.

²¹ A BDTD é organizada e desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações do Brasil. E tem por objetivo dar acesso e visibilidade às teses e dissertações desenvolvidas por pesquisadores brasileiros.

teses publicadas entre os anos de 2017 e 2023, que possuísssem em seu título, resumo ou palavras-chave ao menos uma variação para cada um dos 3 termos: arquitetura, corpo e aprendizagem²². No resultado obtido houve apenas um retorno: a tese de Mônica Olender de 2021, do ppgau da FAUFBA, orientada por Thais Portela. E, com as referências cruzadas de alguns artigos, avançando para outros campos, cheguei na tese de Maria Barbieri, arquiteta e professora de arquitetura, no programa de pós-graduação em comunicação e semiótica da PUC-SP, orientada por Cristiane Grenier. Ambas resultantes das narrativas e análises disparadas pelas experiências em sala de aula das duas professoras enquanto docentes de projetos de arquitetura e urbanismo.

Ao mesmo tempo que esta busca mostrou lacunas, foi possível notar a existência de um fervilhar de ideias e inquietações concomitantes vindas de vários colegas professores e estudantes de pós-graduação a fim de estabelecer o lugar da pesquisa em teoria crítica do ensino da arquitetura e urbanismo e sobre o lugar do debate em favor de pedagogias emancipatórias e aprendizagem encarnada. Tal como um ar dos tempos, ela nos fala da urgência na revisão de nossos pressupostos e na necessidade de nos situarmos enquanto sujeitos implicados e interlocutores de processos formativos responsáveis.

Este levantamento foi capaz de nos mostrar o lugar de vazio da temática nas pesquisas hoje. Ao mesmo tempo que orienta para a necessidade de mergulhar nele com vigor.

²² As variações para a pesquisa nos bancos de dados consistiram no jogo das palavras-chave: Corpo, corporeidade, corporalidade, corpóreo; Arquitetura, arquitetura e urbanismo, projeto de arquitetura, arquiteto, arquiteto e urbanista; aprendiz, aprender, aprendizagem, ensino, pedagogia.

Além da minha pesquisa, acaba de ser finalizada a pesquisa de Ana Rosa Negreiros, arquiteta e professora do curso de arquitetura e urbanismo da UFPI, amiga e colega no programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPB, igualmente orientada por Xico Costa e membro do grupo de pesquisa Visões Urbanas que faz uma arqueologia de sua própria sala de aula, composta e atravessada intensamente por processos artísticos e corpóreos. Uma sala de aula específica, a sala de plástica, mas que ao mesmo tempo possui a capacidade de falar do mundo.

Já que eu estava buscando uma abordagem dos modos de aprender encarnados e considerando toda a impregnação que esta procura implicaria na professora que estava me tornando, decidi empreender uma rememoração experiências de ensino nas quais fui propositora, observadora participante ou participante ativa. Nesta condição, olhar para as experiências das outras professoras passou a não fazer mais sentido. A não ser que eu as tivesse entrevistado e falasse a partir do que as mesmas me diziam sentir. Aliás, essa era uma ideia que se perdeu no caminho por conta da impossibilidade de fazer campo durante a pandemia de covid-19. Após um tempo, compreendi que eu não podia falar das experiências das outros, não podia tomar a voz das outras, o corpo das outras, visto que aquilo não tinha me afetado na carne propriamente. Era preciso falar das experiências onde pude me encontrar.

Rememorar as experiências é diferente de relatá-las. Equivale a um modo de re-viver, de viver outra vez, só que diferente. É a ideia de pensar a experiência de olhar à distância para a experiência vivida, desde meu lugar confortável (COSTA, 2015b), ou quase, onde me encontro no presente, a partir de quem sou no agora. Vestindo as lentes das novas coisas que carrego, a partir de todo aparato teórico, tentar traçar relações e conexões de uma experiência distanciada que está registrada em mim e que agora a olho com outros olhos. Recortar, fatiar, deslocar, misturar, derramar para incorporar outros modos de ser professora e aprendiz. Outro modo de observar e de viver aquela experiência de articular caminhos e possibilidades.

Por mais que essas histórias que aqui trago ocorreram temporalmente no que chamamos de passado, elas invariavelmente acabam se fundindo com o presente. É um processo que acaba convocando várias pessoas, várias outras, outras professoras, arquitetas e estudantes. Traz a memória e exercícios de um cotidiano de sala de aula e são tanto experiências individuais quanto coletivas.

Se pensarmos a ideia de “presente espesso” de Haraway, nosso passado ainda não terminou, trabalhar este passado é também parte do presente porque não estamos isolados no tempo. O presente está imbricado nas vivências e implicado na construção de um futuro não ingênuo visto que é implicado por este presente (HARAWAY, 2023).

Buscamos então, costurar as relações entre corpos, afetos, arquiteturas e a construção do conhecimento que se dá a partir do corpo vivente. No **segundo movimento**, partimos do lugar que abriga a insistente ideia de corpo racionalizado e que povoa as bases do ideário arquitetônico. Um corpo cartesiano, cuja razão é desencarnada e que pressupõe a dominação da natureza e o controle dos desejos e pulsões humanas. Considera que na contemporaneidade não há mais sentido para a manutenção de uma pretensa dicotomia entre corpo e mente, o que, portanto, tornaria esta condição superada.

Reconhece, entretanto, que apesar de vivermos num contexto completamente distinto daquele no qual a revolução científica foi desenvolvida, as atualizações dos modos de exploração e controle das potências do corpo se valem um modo de vida subordinado e assujeitado, em favor da lógica de produção do capitalismo econômico em nossa era digital, muito mais persuasivo e invasivo que outrora. Neste contexto, este homem crê que a sua sujeição é equivalente à sua liberdade. Deste modo, a apropriação e manutenção daquele senso comum da separabilidade entre corpo e mente tem sido fundamental para a docilização dos corpos e apreensão dos afetos.

Uma baliza para pensar o corpo nos ajuda a desenhar que corpo é este que nos é caro. Que corpo é este que é ponto de partida e ponto de chegada desta pesquisa. Considerando que a chegada não pressupõe um fim, mas também um início. Dado a circularidade do tempo e das coisas, como vimos há pouco com Nêgo Bispo, início, meio e início. Neste emaranhamento cíclico e espiralar, conversaremos sobre experiências, encontros, afetos e a construção do conhecimento encarnado. Mesclamos perspectivas

distintas em um balaio de arranjos entre os afetos desde uma mirada espinosista e desde uma pedagogia encarnada, crítica e emancipatória.

Deste modo, ainda no **segundo movimento** conversaremos sobre algumas experiências pedagógicas que não necessariamente estão articulados e que carregam em si o tanto de afetações possíveis que puderam ser re-vividas quando confrontadas pelos encontros com as experiências neste presente agora. As experiências funcionam como dispositivos para nos ajudar a entender das responsabilidades implicadas nos gestos de **situar no corpo, no tempo e no território**. Tendo inclusive a possibilidade de se mesclarem e serem abordadas por quaisquer destes localizadores visto que são inexoravelmente imbrincados.

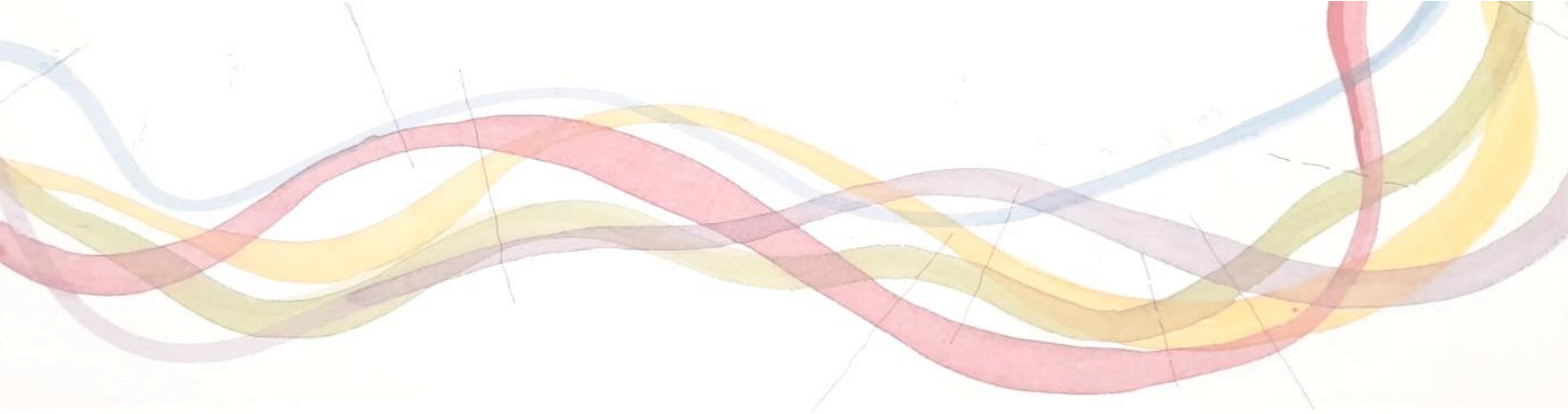
Após a exploração das experiências em buscar da construção de saberes localizados neste segundo movimento, surge o que chamei de **antimovimento: o interlúdio em suspensão**. Com ele, trago a carta para o arquiteto do pós-fim-do-mundo e todas as dúvidas que passaram a viver em mim durante o período pandêmico e a experiência de desterro onde nossa única certeza era medida pela carência de futuro.

Retomo o debate durante o **terceiro movimento** na buscar encontrar modos de nos **re-situar** e recuperar a esperança. Este ato segue na costura que pretende entrelaçar os fios deste trançado que temos tecido juntas até aqui. Compreendi, entretanto, que esta conversa não tem arremates finais, nem vieses que possam contornar as bordas deste tecido com tantas texturas. Ele é parte do que sou eu mesma e da minha própria

construção como aprendiz em processo e de corpus coletivo que venho sendo, no sentido espinosista, buscando apresentar algumas reflexões e incentivar um melhor estabelecimento das práticas e pesquisas em teoria crítica do ensino de arquitetura.

A potência deste movimento está na possibilidade de desenhar algumas saídas às questões colocadas na certeza que elas possuem a capacidade de nos abrir a novas e outras perguntas, talvez sem respostas, para nos ajudar a pavimentar uma necessária reflexão para fortalecer nosso campo.

Bom, ao menos agora sei que a temática sobre o corpo que aprende e que ensina se abateu sobre mim e não foi uma escolha propositada. Às vezes as coisas são apenas como são, elas seguem seu fluxo. Pasqualino tinha razão, *se saber* demais limita a experiência de aprendizagem e de criação. Enquanto professores, somos também aprendizes num processo contínuo de configurações, desconfigurações e reconfigurações. É urgente e imprescindível agregar uma perspectiva pedagógica amorosa e afetiva na sala de aula e repensar nossos modos de ensinar e aprender arquitetura e de nos estabelecer como coletividade. Finalizo este ciclo tratando de tecer novos questionamentos e apontar possibilidades para um **devir arquiteta aprendiz ou quatro fundamentos para dançar com o porvir**. Sigamos juntas.



segundo movimento

UMA BALIZA PARA PENSAR O CORPO

Todo ponto tem seus contrapontos: a planta e a chuva, a aranha e a mosca. Nunca, pois, um animal, uma coisa, é separável de suas relações com o mundo: o interior é somente um exterior selecionado; o exterior, um interior projetado; a velocidade ou a lentidão dos metabolismos, das percepções, ações e reações entrelaçam-se para constituir tal indivíduo no mundo. (DELEUZE, 2002)

Entre os anos de 2019 e 2020 a artista japonesa Shiharu Chiota, na ocasião de sua passagem pelo Brasil, apresentou uma breve explicação sobre sua exposição Linhas da Vida ocorrida no CCBB²³. É dela a instalação cuja fotografia abre o **primeiro movimento** deste texto e que escolhi para representar a imagem do grande discurso da tese. Shiharu, nascida em Osaka, conta que a sua ideia toma por base uma lenda em que quando uma criança nasce ela traz uma linha vermelha atada ao seu dedo mínimo. Esta linha parte do coração da criança e funciona como uma continuidade do seu sistema

²³ CCBB - Centro Cultural Banco do Brasil. A mostra teve montagens nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília com a curadoria de Tereza de Arruda (ARRUDA, 2019).

circulatório para o além-corpo. Ao nascer, já estaria conectada a outras pessoas e nada poderia fazer a este respeito. Nesta linha imaginária pulsam seus desejos vitais, mas também o fluxo de seu próprio sangue, a cultura de seu povo e as memórias de seu território. Por trás desta lenda, paira uma forte compreensão coletiva naquela comunidade japonesa de que existe uma conexão universal entre todos os seres.

A alegoria dos corpos emaranhados na obra de Shiraru me estimula a pensar na ideia de que somos nós, nada mais que um grande complexo de forças de diferentes intensidades e que, através de uma rede de “fios vivos” e em plena atividade circulatória, corpos se encontram uns com os outros e se atam aos demais corpos, vivos ou não, humanos ou não, para conformar o que chamamos de realidade vivida.

Temos por princípio que a delimitação do corpo não é dada pela pele. O nosso corpo é fluido, resultante de uma relação de forças, fluxos e afecções. Nossos limites são borrados, hibridizados por gestos e acoplamentos. Em nosso corpo se dá a tradução das escolhas e dos encontros com as formas do mundo, corporais e incorpóricas entre afetos alegres e tristes. Este agenciamento se dá como uma negociação a partir das deliberações dos desejos dos corpos. A esta atuação no corpo em movimento, que se dá de múltiplas formas e atravessamentos, construídas e desconstruídas constantemente, dá-se o nome de corporeidade. A partir desta ideia, o sujeito é o resultado dessa relação de forças numa dinâmica constante. “Chamamos de sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo a corpo entre os vivos e os

dispositivos. [...] um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação” (AGAMBEN, 2009, p.41)

As ideias prefixadas, deterministas e alienadas, que podem ser ilustradas com a intensa reverberação dos binarismos – como corpo-mente, homem-natureza – que atuam ainda hoje sobre um modo de pensar o mundo homogeneizador e desenvolvimentista, não mais são capazes de significar e dar conta da ideia de corpo contemporânea. Deste modo, compreendemos que não é possível delimitar um corpo desejante, relacional, fluido, instável, dinâmico.

Lembro aqui de Foucault que, em a História da Sexualidade de 1988, nos apresentou a ideia de era fundamental fazer o reconhecimento de uma história dos discursos e da instalação de certos modos de conhecer que formata e determina os modos como pensamos e conhecemos o corpo. É dizer que a maneira como as narrativas e os discursos são instalados e tomados como verdade os tornam capazes de organizar nossa dinâmica de existência coletiva.

Como sabemos, a teoria do corpo é bastante ampla e abrange um universo das relações de construção da ideia, existência e resistências do nosso corpo numa grande diversidade de campos de investigação e vieses de abordagens das mais empíricas às mais científicas. Não tenho a pretensão de dar conta desta abrangência, de construir uma teoria do corpo, nem de compreender qual é o lugar do corpo dentro da história da arquitetura. As ideias sobre o corpo não param de sofrer alterações e a cada dia novas

descobertas são reveladas e novas dúvidas são instaladas. O que cabe a esta pesquisa é compreender de que modo a ideia de corpo é capaz de atuar no reconhecimento dos afetos nos sujeitos que aprendem e ensinam arquitetura e, a partir disto, como a construção do conhecimento encarnado através das experiências pode nos ajudar a desenhar um sentido sensível e crítico para o nosso campo.

A propósito de uma descanonização dos modelos ocidentais modernos de corpo na arquitetura, a arquiteta e dançarina, Clara Passaro (PASSARO, 2021), apresenta em sua tese de doutorado, um debate sobre a utilização, ainda recorrente em nossas escolas de arquitetura, de referentes modernos tidos como icônicos e “definitivos” para o desenvolvimento das relações corpóreas e espaciais em nosso campo. Estes modelos, aqui ilustrados com o desenho “*o homem como medida*”, de Ernest Neufert, na Alemanha de 1936 e com o *Modulor*, de Le Corbusier, na França de 1942. Ambos funcionam com um conjunto de ferramentas elaboradas para subsidiar o processo de projeção dos espaços construídos que criam um referente objetivo e dimensional do corpo com o aporte do desenho técnico antropométrico no mundo ocidental e em parte, no mundo oriental ocidentalizado, a partir de uma perspectiva extremamente restritiva de corpo.

Para que esta elaboração fosse viável seria necessário a definição de um corpo padrão único universal que pudesse disciplinar e ordenar o espaço. O homem branco europeu como base de medida para elaborar um repertório prescritivo de dimensionamentos

desenvolvido por outros homens brancos europeus, validados e difundidos por outros homens brancos europeus.

Antes de apresentarmos as ideias sobre o corpo, que nos ajudará a fundamentar o debate teórico desta pesquisa e sua importância para o desenvolvimento do pensamento incorporado e uma aprendizagem crítica em arquitetura, se faz necessário introduzir a problemática da construção do conhecimento na modernidade. Por mais que a filosofia espinosista tenha aparecido como uma voz divergente no fim deste período e anunciando uma perspectiva iluminista, tomou como base para a sua elaboração o pensamento de Descartes.

Descartes se ocupou com o estabelecimento de um método que fosse capaz de disciplinar as faculdades humanas a fim de garantir um regramento do corpo, da vida, do pensamento, dos modos de sentir e de imaginar. Atento a certos modos de agir que seriam capazes de ordenar e legitimar um saber fundado na certeza da razão que se davam pelo bom êxito da inteligência e a realização do domínio destas vontades sobre tudo que não seja substância pensante. Ou seja, tudo o que não é pensante se torna uma coisa extensa, externa à mente e, portanto, dominável. O corpo e o mundo à sua volta não seriam parte na concepção da razão racionalista que considera a submissão de todas as ciências, dos seres humanos e não humanos e da natureza ao entendimento humano.

Assim, a verdade fundada pela razão lógica, busca o equilíbrio moral e consequente condição para a manutenção da existência do homem. Tornando-se inclusive a “base para uma política de sujeição na medida em que só as ações que submetem o corpo ao entendimento são consideradas ações morais e podem servir de esteio para a política”(LAPORTA; ANDRADE, 2022). Estabelece-se um procedimento metodológico universal que passa a pavimentar um campo seguro para a construção do saber que seja capaz de garantir um conhecimento irrefutável, a produção de certezas e a homologação das verdades.

Ao partirmos da investigação objetivista sobre o que é um corpo, o que contém e o que forma o corpo, nossa resposta e o percurso investigativo para obtê-la também se dará consequentemente de forma objetivista. Quando perguntarmos *o que é um corpo*, nossa busca perpassa inevitavelmente modos pensamento que apontam para teorias essencialistas em suas formas de compreender a corporalidade. A proposição de um conhecimento fundado na repartição das substâncias conformadoras do corpo, através da abstração cartesiana e de seus desdobramentos na contemporaneidade, acaba por promover uma desvitalização da vida corporal. Herdamos da modernidade uma concepção de mundo e um imaginário sobre o corpo desarticulado, especializado, abstrato, mecânico e bioquímico, que separa a criação da criatura e nega o seu devir.

Para a epistemóloga argentina Denise Najmanovich (NAJMANOVICH, 2021), o ponto de partida capaz de nos fazer pensar a partir da experiência do corpo, ou nas palavras da mesma, capaz de “gestar outras paisagens que nos permitam pensar a experiência do

corpo vivente”, se daria com uma mudança na natureza da pergunta inicial. O que nos perguntamos hoje segue as pistas plantadas por Espinoza, que já no século XVII surgia como uma voz dissonante do pensamento hegemônico moderno plantado por Descartes. Seu rastro nos ajuda a traçar caminhos para conceber outros modos de conceber e cartografar o corpo.

A questão cartesiana sobre o que é um corpo, como vimos, orienta um percurso analítico dedutivo seguro que seja capaz de obter certezas sobre sua forma, conteúdo e funcionamento. Quando Espinoza sugere mudar a pergunta para o que pode um corpo e de que um corpo é capaz, se estabelece uma investigação sobre sua potência:

Os homens [...] estão firmemente persuadidos de que o corpo, por um simples comando da mente, ora se põe em movimento, ora volta ao repouso, e de que faz muitas coisas que dependem apenas da vontade da mente e de sua capacidade de arquitetar. O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode um corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo [...] pode e o que não pode fazer. (SPINOZA, 2021, parte III, proposição 2, escólio)

Mudar a pergunta nos dá a chance de revisar nossas relações corpóreas co-implicadas com a natureza, mas também com outros seres e principalmente com nós mesmos. Nesta perspectiva, toda experiência, inclusive o pensamento, a ideação e a construção do conhecimento, é uma experiência necessariamente corporal, implicada e situada. “Tanto a decisão da mente, quanto o apetite e a determinação do corpo são, por

natureza, coisas simultâneas, ou melhor, são uma só e mesma coisa”. (SPINOZA, 2021, parte III, proposição 2, escólio).

Pensamento de Espinoza não busca explicações fora da natureza e é por meio do corpo, das sensibilidades e dos afetos que é possível ter ideias adequadas e experiencias reais, não enganosas da natureza da qual somos parte.

[...] parecem conceber o homem na natureza como um império num império. Pois acreditam que, em vez de seguir a ordem da natureza, [...], que ele tem uma potência absoluta sobre suas próprias ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio. Além disso, atribuem a causa da impotência e da inconstância não à potência comum da natureza, mas a não sei qual defeito da natureza humana, a qual, assim, deploram, ridicularizam, desprezam ou, mais frequentemente, abominam. (SPINOZA, 2021, parte III, pref.)

O contrário, para ele, somos parte neste universo diverso da natureza, sendo ele completamente imbricado, implicado e ativo. A natureza seria então uma totalidade infinita que se autoproduz e não há nela nada que transcenda. Não estamos separados desta natureza, não há nada isolado, cada corpo ou entidade singular precisa efetivamente dos demais para existir.

Para Deleuze, filósofo pós-estruturalista e um dos responsáveis pela retomada da obra de Espinoza nas últimas décadas do século XX, a ordem de estruturação de um corpo espinozista é dada pela “composição da sua conexão. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado” (DELEUZE, 2017, p.240). Neste contexto

filosófico, o corpo humano existe enquanto dura e se define por sua duração. Este corpo, em seu estado atual, estaria ligado a um estado precedente numa duração contínua.

Assim, toda ideia que indica um estado de corpo presente estaria necessariamente ligada a uma outra espécie de ideia que envolve a conexão deste estado de corpo com um estado anterior. Ademais, nossos sentimentos, por si mesmos, seriam ideias envolvidas na conexão concreta do presente com o passado, numa duração contínua já que envolvem as variações de um modo existente que dura. Ou seja, este é um corpo em devir e seria um tipo consciente do existente não finalizado.

Como Espinosa define um corpo? Um corpo qualquer, Espinosa o define de duas maneiras simultâneas. De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidades e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade. (DELEUZE, 2002, p.128)

Nesta perspectiva, um corpo não pode ser definido por sua forma, por sua fisionomia, por suas funções, por seus processos metabólicos, por seus órgãos, tampouco enquanto substância. “Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um *corpus*²⁴ linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade.” (DELEUZE, 2002, p.132). Assim, uma cartografia do

²⁴ Grifo do autor.

corpo seria conformada por um conjunto de relações múltiplas, de maior ou menor intensidade e numa infinidade de composições entre corpos e o conjunto de afetos que atravessam um corpo a cada instante.

Ademais, as dimensões da corporalidade²⁵ não devem ser compreendidas como partes componentes do corpo, mas antes como maneiras de focalizar a experiência que temos como seres corpóreos. Estes modos diversos de focalizar as experiências não são integráveis a um único corpo de conhecimentos e, portanto, não são partes de um corpo tal como um jogo de encaixes. São parte no que somos enquanto seres complexos e múltiplos em nossas formas de ser afetados, de pensar e de operar configurações simultâneas. À medida em que experienciamos encontros com outros corpos, somos afetados integralmente, embora seus efeitos possam ser focalizados de acordo com uma infinidade de critérios que tem por fim preservar a nossa condição de ser vivente da melhor maneira possível.

O nosso corpo físico não existe sem as demais dimensões da corporalidade que nos compõe enquanto unidade heterogênea. Não há possibilidade do corpo físico ou do corpo biológico existir isoladamente. Também como não há possibilidades de o corpo afetivo existir em separado, ou ainda do corpo mental ser autossuficiente. Todas estas

²⁵ Dimensões da corporalidade podem exemplificadas por: corpo biológico, corpo social, corpo pensante, corpo afetivo, corpo relacional, corpo aprendiz, corpo erótico, corpo físico, corpo mental, corpo espiritual, dentre uma infinidade de corpos possíveis....

dimensões implicam em abstrações operacionais do composto simultâneo em que nos conformamos e nos ajuda a visualizar esta condição de inseparabilidade.

Ao fim, temos que “nossa forma de perceber o corpo é influenciada pelo modo como o concebemos, o utilizamos, o imaginamos e o sentimos. Também o modo de o sentir está mediado pelas formas de o imaginar e pelas ações que realizamos”. (NAJMANOVICH, 2015). Para que seja possível criar outras perspectivas sobre o corpo, antes é necessário ter em conta que o conhecimento não é um mero reflexo de uma realidade, ele não é neutro, ele expressa em alto grau de variações modos de sentir o que se vive. Qualquer visão, por mais ampla que pareça ser, é parcial e limitada.

Para Najmanovich (NAJMANOVICH, 2015), “um primeiro passo para cartografar de outro modo é abrirmo-nos à multidimensionalidade de nossa experiência corporal e compreender sua relação com os discursos sobre o corpo”. Os discursos e narrativas são parte de nossa própria experiência corporal e de suas configurações, porém, por si não são capazes de encerrá-las e tampouco são suficientes para esgotá-las ou explicá-las. O que fazemos neste momento é traduzir a nossa experiência corporal em uma linguagem verbal. A linguagem é parte dessa experiência corporal, o que não quer dizer que conseguimos expressar a completude de uma experiência corporal através da linguagem. É necessário, antes nos ocuparmos conosco.

Aqui, me remeto a Foucault (2004), quando abordou o conceito de cuidado de si derivado dos gregos, assinalando que o ocupar-se consigo, com sua existência e fazer

dela uma prática singular é, antes de tudo, um exercício de liberdade. Para Michel Foucault a liberdade só se chega pela prática. "A liberdade é antes de tudo uma prática constante. Prática de si como autoformação do sujeito, mas antes compreender como nos tornamos que somos hoje e como poderemos nos tornar, em nosso presente, algo mais, algo além". (BARBOZA, 2017)

Ocuparmo-nos conosco não diz respeito a ocuparmos apenas com nossas mentes afinal de contas nossa prática é uma prática experienciada e circunstanciada. Segundo Jacques (2007), as experiências se inscrevem em nossos corpos na medida em que as experienciamos e deste modo elas são capazes de nos definir, mesmo que involuntariamente. Não faz mais sentido trabalhar a partir do binarismo corpo-mente, o corpo é parte da produção do pensamento no trabalho intelectual do arquiteto pois significamos corporalmente. "As pessoas não são uma mente e um corpo. Se há qualquer problema funcional nessa relação, perdemos a capacidade de experimentar. A pessoa é certo tipo de organismo incorporado" (GREINER, 2011).

Não há como negar a influência da perspectiva contemporânea sobre o corpo dentro de nossa prática arquitetônica. Isso não quer dizer que tenhamos que nos desvencilhar ou abandonar toda lógica racionalista e funcionalista influenciada pelo cartesianismo e aprofundada pelo movimento modernista do meio do século XX. Mas bem, é pensar de que modo estas perspectivas podem caminhar juntas, de modo a fortalecer sistematicamente a própria arquitetura, incluindo em seu curso, e na sua aprendizagem este corpo borrado que é parte do que somos hoje. Daqui partimos deste corpo que se

constitui no fazer-se do agora, onde somos histórias abertas e não finalizadas. Deste corpo que é invenção de si e do mundo e que se afirma num presente situado.

EXPERIÊNCIA ENCARNADA NA EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO | radical vivo que monta, arrebatada e alumbra os seres e as coisas do mundo. Fundamento assentado no corpo, na palavra, na memória e nos atos. Balaio de experiências trançado em afeto, caos, cisma, conflito, beleza, jogo, peleja e festa. Seus fios são tudo aquilo que nos atravessa e toca. Encantamento de batalha e cura que nos faz como seres únicos de inscrições intransferíveis e imensuráveis. Repertório de práticas miúdas, cotidianas e contínuas, que serpenteiam no imprevisível e roçam possibilidades para plantar esperanças, amor e liberdade. (RUFINO, 2021)

Afinal de contas o que é a experiência que tanto falamos? A experiência nada mais é do que um ato de encarnação resultante dum encontro com outros corpos, palavras memórias e atos; corporais e incorporais, humanos e mais que humanos. Explico. A experiência é o que nos acontece. Ela se arranja tal um jogo de forças que nos atinge, nos atravessa e nos toca em nossa personalidade. Neste ato, que é ação de afetar e de ser afetado, nos conformamos enquanto os seres únicos e inacabados que somos. É uma

prática contínua de fazimento e refazimento de nós mesmos que só é possível quando em encontro com outros corpos, igualmente inacabados, porosos e disponíveis ao risco neste viver-fazer-com. Tudo que existe está submetido a esta dinâmica relacional e por isso mesmo, tudo se compõe em ato, neste arranjar de acoplamentos com outros corpos.

De início, o corpo que nos interessa aqui é de uma natureza que não fixa e que é outra daquele delimitado pelas cisões modernas onde estavam concebidos de modo especializado, segregado e no varejo dos órgãos, substância extensa isolada, passível de controle pela mente e subordinada a um Deus transcendente. Pensamos a partir da perspectiva espinosista²⁶ de que somos um corpo vivo e relacional, que apenas é o que é quando existe em relação a outros corpos. E este existir opera tal como um composto de relações contingentes e variáveis.

Dizendo de outro modo, temos que o ser acontece na experiência do encontro com outros corpos e por eles é afetado e também afeta. Esta experiência, vale lembrar, não é alheia a meu corpo, não é distante do que sou. É antes, uma experiência em ato, corporalmente situada no agenciamento produzido pelas linhas de força desses corpos, espaços e temporalidades específicas. A experiência cria realidades no presente destas ações e produz sentidos no corpo de quem a vive.

²⁶ Referente a filosofia imanente de Baruch de Espinosa, filósofo holandês do século XVII, cuja obra adquire eminência contemporânea nos fins de século XIX. Ver mais na *Ética* (SPINOZA, 2021). As obras de Espinoza tardaram a ganhar fôlego em nossas terras tupiniquins.

E experiência é algo que nos passa a nós mesmos, é algo que nos toca, que nos afeta, que nos acontece. Perceba que há nesta afirmação um sujeito implicado na ação, um eu que sofre, que padece, que se ilumina, que aprende, que se transforma. O professor e pedagogo Jorge Larrosa Bondía (LARROSA, 2015), ressalta que muitas coisas passam ao longo do dia, mas são poucas as coisas que nos tocam a nós.

Dia desses lembrei de uma cena inusitada e cada vez mais comum em nosso tempo. Estávamos no ateliê de projetos 1 com a turma do primeiro ano do curso de arquitetura e urbanismo da UFPE. Naquela semana as equipes de trabalho discutiam algumas implicações das visitas de campo que haviam feito e para isso se agruparam em conjuntos de mesas para organizar uma narrativa comum. Nós, professores, circulávamos constantemente entre mesa e outra para orientar e mediar algumas reflexões das equipes. Num dado momento, observei uma dupla de estudantes dançando no canto da sala e logo pensei: mas que animados, heim?! Segui observando com mais atenção e percebi que dançavam enquanto transmitiam sua ação numa rede de vídeos curtos pelo *smartphone*. Fiquei reflexiva. Por um lado, imaginei que deveriam estar realmente muito à vontade em nossa sala de aula para se disporem ao gesto sem nenhum constrangimento. Por outro lado, tive dúvidas sobre o quanto de envolvimento e presença aquelas pessoas teriam para compartilhar conosco as discussões naquela tarde.

Temos vivido num tempo em que somos tidos como seres multiplataformas, multifoco, multifunção, multitelas. A cada dia, tantas coisas passam e tantas informações chegam

que sequer somos capazes de percebê-las. As coisas passam, mas não nos passam a nós mesmos. Superabundam informações, imagens, opiniões e conteúdos *up to date*, efêmeros e igualmente imperdíveis. Cada vez mais temos ânsia por estar informados e seguir atônitos. Ter informação sobre algo não é igual a conhecer algo. É outra coisa, é algo da escala de uma “antiexperiência”. Seguimos com Larrosa e percebemos que a este “sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e memória, são também inimigas mortais da experiência.” (LARROSA, 2015). Temos que o acesso a tanta informação não nos faz conhecer, nos faz apenas ter informação sobre as coisas, a saber de algumas coisas.

Esse sujeito da formação permanentemente acelerada [...], é [...], um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. E na escola [ou aqui na universidade,] o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece. (LARROSA, 2015)

Há algo neste sentido que se registrou profundamente em mim. Não lembro exatamente a data, mas ao assistir um Café filosófico com a professora e filósofa Viviane Mosé, a questão sobre quem cuidava da elaboração afetiva do indivíduo que se formava na universidade me saltou. Ela colocava ainda que nada isoladamente faz sentido, que

não saímos da universidade especializados em partes no varejo e que o objetivo fim deveria ser formar pessoas. Formar pessoas não é a mesma coisa que obter títulos, ou como lembra a professora e arquiteta Juju Leite: “formar não é informar”. As professoras nos alertam em alto e bom som: qual é o lugar da universidade na formação de pessoas? Qual o lugar do sensível e do afeto na formação de nossos estudantes? Para Mosé, a liga que dá a consistência ao saber situado e sensível passa inevitavelmente pelo reconhecimento do afeto em nossa formação.

Posso pensar ainda, que o saber que me é oferecido pelo veloz assédio das informações que orbitam o cotidiano, que correm por fora de mim, alheio ao que sou em minha pessoalidade, é um saber irrefletido e acrítico. Talvez seja possível que este saber seja um saber equivalente àquele do primeiro gênero do conhecimento de Espinosa (SPINOZA, 2021), onde somos corpos sujeitados e assombrados por receber passivos apenas o que vem de fora de nós mesmos e que não convêm a nossa existência. O que não convém a nossa existência, inevitavelmente nos despotencializa.

A construção do saber se dá de forma situada, portanto não é alheia a composição de um si mesmo. Ela é parte do próprio corpo. Para Espinoza, o saber, o ser humano, o prédio, a cadeira, a célula, o galho, o cachorro, o carrapato ou qualquer corpo cuja substância constituinte seja finita, não se define pelo que é mas pelo que faz a partir do encontro com outros corpos. Este fazer é um fazer transitório visto que se estabelece temporalmente e se reorganiza a cada novo arranjo. Nesta perspectiva não faz mais

sentido pensarmos em termos de verdades universais ou referentes genéricos abstratos pois nada é em absoluto e tudo está sendo.

Nestes termos, a aprendizagem se dá à medida em que vivemos e nos relacionamos, num um conhecer que é afetado e transformado, sempre em relação a outros corpos distintos do meu mesmo. Tudo que a gente experimenta na vida são variações, momentos, transições de algo que se passa no espaço-temporal da relação entre corpos. Tudo é uma questão de afetar e ser afetado. E a experiência do afeto é fundamental para a construção de um conhecimento encarnado. E ainda é preciso parar.

a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2015)

Perder tempo e ganhar espaço, perder tempo e ganhar experiência, perder tempo e oportunizar o acontecimento, dar-se tempo para aprender e inscrever no corpo. Situar no corpo é deslocar e reconhecer o corpo como o lócus do conhecimento que se dá no fazer-se a si mesmo e no fazimento do mundo. Esta localização do saber é igualmente situada no território visto que só somos o que somos porque estamos referenciados e

constituídos pelo território e toda sorte de afetos que traçamos com ele. Como já nos lembrava Freire (FREIRE, 1979): “Não há homem no vazio”. E, mesmo que estejamos fora do nosso lugar no mundo, do nosso território, o carregamos dentro e em tudo o que somos.

Igualmente o corre com o tempo. Situar no tempo é uma ação implicada no presente agora, que não é descolado do passado e tampouco se furta de pavimentar a construção do futuro que é resultante do que lançamos ao solo no aqui e no agora. Situar é um modo de responsabilizar-se, de ter cuidado com os encontros, de atentar-se e envolver-se na construção dos afetos. Pensar um aprendizado situado é assumir que o conhecer se dá na variação das relações com outros corpos, num conhecer-com que antes de tudo é afeto.

As experiências nos estimulam a mudar nosso estado de presença em sala de aula e a disponibilizar nossos corpos para encontrar outros corpos. Esta é uma escolha por conectar, por nos colocarmos em risco e nos encontrarmos no outro. Estar conscientes deste movimento permite que examinemos nossas ações criticamente e percebamos o que é necessário para sermos responsáveis uns com os outros e manifestar nossa disposição para aprender. Para hooks (HOOKS, 2021), esta escolha por conectar-se com o outro, por disponibilizar-se ao encontro, por responsabilizar-se e comprometer-se com a construção de um saber implicado e situado é, antes de mais nada, uma escolha por viver a partir de uma ética amorosa e com ela seguimos aqui.

Os exercícios que trago nas próximas páginas são experiências pedagógicas ocorridas em diferentes momentos e lugares em favor da provocação de um debate sobre a construção de um saber situado e de um conhecimento encarnado na formação em arquitetura e urbanismo. Para esta pesquisa e para o entrançado de narrativas de possíveis que tecemos aqui, importa mais como estes exercícios ecoam e reverberam nos corpos do que os exercícios por si mesmos.

DESLOCAR E RECONHECER | *situar no corpo*

Por trás dos teus pensamentos e sentimentos, irmão, há um poderoso soberano, um sábio desconhecido – ele se chama Si-mesmo. Em teu corpo habita ele, teu corpo é ele.

Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria. E quem sabe por que teu corpo necessita justamente de tua melhor sabedoria? (NIETZSCHE, 2011)

Antes de palavras serem ditas em sala de aula, nós nos encontramos como corpos. [...] Ser acontece a partir do corpo. (HOOKS, 2020)

Este já é um importante ponto de partida para todas as ações que se desenrolarão a partir daqui. Antes mesmo de qualquer palavra ser dita em sala de aula, nós nos encontramos naquele espaço como corpos em presença. Nos reconhecer como corpos implica estarmos presentes. Não é demais lembrar que se “o ser acontece a partir do corpo” e que o ser é o corpo, é necessário ter consciência de si enquanto corpo em construção. Situar no corpo é estar implicado nesta construção.

O que será que os estudantes pensam quando olham para nós? O que nosso corpo comunica? Será que é possível que eles imaginem quem somos e como vivemos no mundo? Será que damos chance para que se compreenda o que nosso corpo tem a dizer? Ao contrário, como lemos os corpos dos estudantes? Os enxergamos também como presenças corporais? Como esta ideia está implicada em nossas aulas? Ainda não implicam?

bell hooks ainda nos questiona sobre o lugar do corpo em nossa formação de professores e comenta que toda a formação como docentes licenciados incentiva a agir como se professores fossem destituídos de um corpo. Bem, isso para aqueles que possuem uma formação enquanto docentes, o que não é o nosso caso como professores de arquitetura. Aprendemos a ser professores na prática da sala de aula, repetindo e reavaliando padrões pelos quais fomos ensinados e conforme as situações que conversamos no primeiro movimento deste trabalho.

Esta afirmação nos ajuda a enxergar que, de modo geral, a nossa formação como sujeitos no mundo e como acadêmicos, tem estado destituída de um corpo vivo que afeta e que é afetado. hooks nos orienta ainda, ou nos suplica, que não cabe mais separar as nossas práticas de vida, os nossos hábitos de ser e nossos papéis como professores. Nós, nossos colegas e nossos alunos, somos este corpo heterogêneo, conflituoso e que experimenta a si mesmo todos os dias. (HOOKS, 2020)

TODA SEPARAÇÃO É UMA ILUSÃO

MOLD

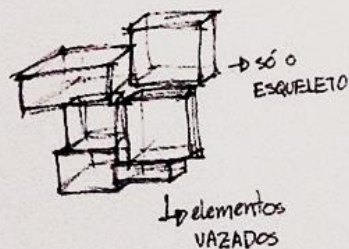


CASULO

Gaston Bachelard

Espaços conectados

Poética do espaço



Há uma separação entre o "casulo" e o espaço envolto, mas como os elementos que constroem o casulo são vazados, acaba havendo uma conexão.

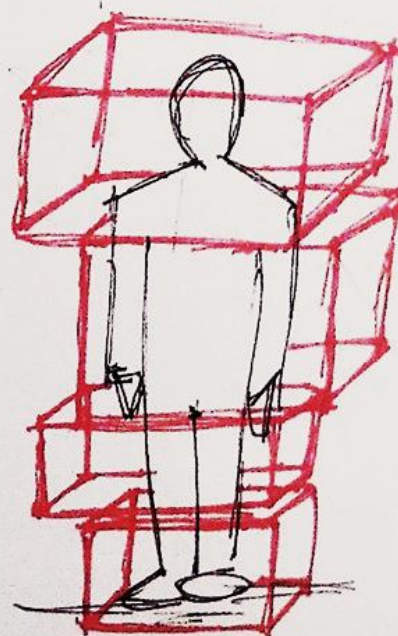


Imagem 10 - Recorte do Manual de Instruções para o MOLD. Estudantes: Igor Correia, Maycon Brayner e Lorraine Azevedo. Plástica 1, Esuda, 2015.

Era junho de 2015 e este é um pequeno recorte do que resultou nosso semestre de encontros e compartilhamentos sobre a espacialidade, na disciplina Plástica 1, daquela turma de calouros do curso de arquitetura e urbanismo da Faculdade Esuda.

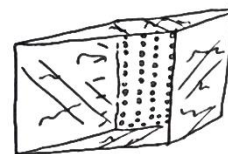
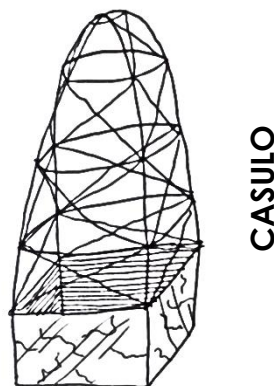
Programaticamente o componente introdutório pressupunha capacitar os estudantes a compreender relações entre os volumes e os espaços. Entre o que fosse massa materialmente ocupada e o que não fosse e, com isso, iniciar um debate sobre o papel da arquitetura enquanto realidade construída e sensível. As pessoas deveriam passar a se localizar espacialmente e neste processo, reconhecer as implicações entre cheios e o que restava de vazios, a partir de um referente abstrato e geometrizado sobre a espacialidade. Mas afinal de contas como poderíamos passar de uma abordagem abstrata para algo que conseguisse tocar os estudantes?

De início, fizemos uma série de leituras para juntos construirmos nossa ideia de espacialidade, fomos de geógrafos a filósofos. Em paralelo, analisamos algumas obras arquitetônicas e seus arranjos compositivos,

Imagem 11 - Recorte do Manual de Instruções para o CASULO. Estudantes: Débora Rosa, Juliana Saldanha e Mateus Oderico. Plástica 1, Esuda, 2015.

▪ INSTRUÇÕES DE USO:

- 1- Deite no chão.
- 2- De olhos fechados, coloque a cabeça na parte frontal da carapaça, onde há uma abertura.
- 3- Abra os olhos quando estiver dentro do casulo e olhe para a frente
- 4- Observe o que está acontecendo e tente se conectar com a sensação de uma nova dimensão



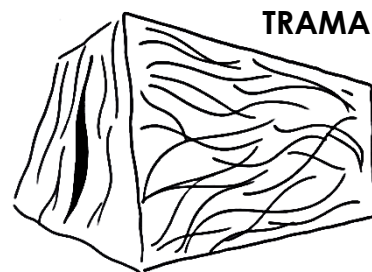
▪ MATERIAL UTILIZADO

- Espelho
- Arame
- Pisca Pisca
- Papel Celofane Nacarado
- Vidro
- Película Fumê
- Papelão
- MDF

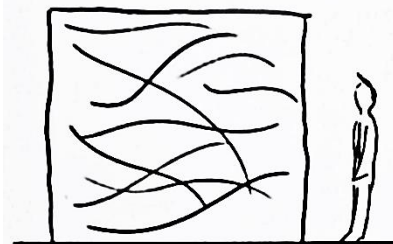
geométricos e topológicos, associando, sempre que possível, aos discursos registrados dos arquitetos responsáveis pelos projetos de referência a fim de compreender melhor estas relações.

Enquanto aproximação analítica, ainda testamos formas de nos portar em alguns ambientes da faculdade. Era uma atividade em equipe, onde permanecíamos por um período de tempo em distintos ambientes da faculdade. Por vezes em aglomerados de corpos buscando encaixe em um pequeno ambiente fechado, tal um jogo de *tetris*, ou em equipes menores espalhadas em um grande ambiente devassado para onde vários outros convergiam. Testamos modos de ser afetados nos espaços e quais afetos se produziram em nossos corpos a partir destas ações. As rodas de conversa posteriores eram sempre animadas e trocamos intensos relatos sobre a experiência e como ela nos havia atingido.

Junto a estes levantamentos, fizemos alguns exercícios em maquete, operando o máximo de abstração geométrica possível, partindo sempre de formas puras, para explorar

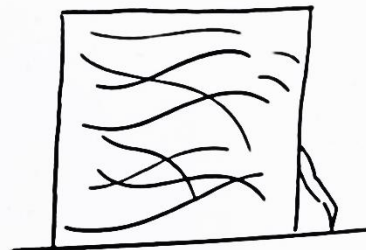


1º OBSERVAR + ENTRADA



TIRAR OS SAPATOS/
SANDÁLIAS

2º ENTRAR NA CARAPAÇA



Sinta

3º SAIR DA CARAPAÇA



alguns dos arranjos analisados na tentativa de representar graficamente aquelas ideias.

Num dado momento do semestre, percebi que muitos estudantes ainda tinham bastante dificuldade de se projetarem para um espaço abstrato que não fosse aquele que eles estavam presenciando ou que não fosse um espaço por eles já vivido. A dificuldade mais expressiva era a de criar um recorte da realidade vivida e registrá-la enquanto síntese gráfica, dentro de uma linguagem representacional esperada em arquitetura.

Lembrando da provocação de Margareth Pereira: “como coloca o corpo do estudante na ponta do grafite?” (PEREIRA, 2008), decidimos por fazer miniaturas de nós mesmos, medidos, desenhados e modelados na escala de 1/200, de todos nós. Chamamos de Mini-Mi. Era a primeira tentativa de colocar um corpo na prancheta e dentro daquelas maquetes analíticas.

Mais adiante, propus inverter a ordem e, ao invés de reduzir nosso corpo à categoria de calunguinhas inanimados, aumentar as maquetes para que nosso corpo pudesse caber. Para que pudéssemos nos envolver corporalmente e experimentar aquela espacialidade projetada em nosso corpo e poder compartilhá-la com outros corpos na escala de 1/1. Este exercício me fez entender que a aprendizagem se dava no corpo, não adjacente, anexo, paralelo, mas no corpo. Nenhum outro método de aproximação seria tão eficiente naquele momento introdutório de elaboração de uma prática espacial e de

compreensão da projetualidade²⁷ como modo de ser tocado por algo, de ser atravessado por algo, de ser transformado por algo planejado, projetado e construído por si mesmo. Chamei de Casulo. Compreendi que a dimensão da corporalidade era dada pela escala do sensível e que podia ser espacialmente construída na experiência de produção de algo para seu próprio corpo. E, tal como um banquete, ser também oferecido como oportunidade de experiência de deleite para outros corpos.

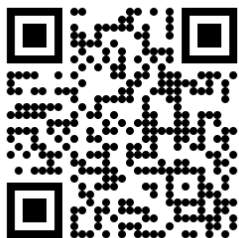
Além dos casulos, carapaças ou células penetráveis, os estudantes da turma desenvolveram um tipo de manual de instruções para provocar modos de convidar outras pessoas a se aventurarem pelas instalações. Passamos uma semana ocupando os corredores da faculdade e as discussões provocadas durante esta experiência ainda me emocionam.

Em conversa recente com uma das estudantes que participaram destas atividades de 2015, hoje arquiteta, pude compreender um pouco do que foi esta experiência desde a perspectiva afetada daqueles estudantes de primeiro período. A chamarei de *D. a aquarelista* e o áudio com sua fala completa, em três trechos, está disponível no *soundcloud*, que é pra onde o QR CODE que acompanha uma parte da transcrição de sua fala nos leva. Ela gentilmente nos oferece a sua voz e um abraço vindo do quentinho de sua memória para nos ajudar a escrever esta história que é, além de um registro

²⁷ Em referência ao termo desenvolvido por Elvan Silva e já referenciado neste trabalho.

pessoal, uma história trançada coletivamente na disponibilidade e afetações mútuas para o aprendizado corporificado em arquitetura e urbanismo.

D. a aquarelista



[Áudio 1] - Eu lembro que quando Mari falou que a gente ia criar um protótipo que pudesse ser ocupado pelo corpo todo mundo ficou meio: nossa, mas como a gente vai fazer isso? Porque era uma cadeira inicial, né? A cadeira de plástico era uma cadeira inicial no curso de arquitetura. Sim, e eu acho que não poderia ter forma melhor de começar o curso. Tirar todas aquelas ideias meio fixas que a gente tinha de como que é, como que era a arquitetura, o que era a arquitetura, né? Expandiu muito o horizonte. Assim, eu acho que não só pra mim, mas como pra toda turma. Assim, poder olhar a arquitetura como uma coisa além [...], de como ocupar os espaços com o corpo, sabe? [...]. Como a gente pode fazer com que o corpo, ele, ocupe os espaços e isso seja uma proposta interessante, uma proposta que traga outras experiências pra a gente que está criando esses espaços e também pra quem está ocupando [...]?

[Áudio 2] - [...] foi uma forma, de humanizar aquele processo. De humanizar o curso. De humanizar a arquitetura [...]. Porque a gente fica muito preso àquela coisa do comercial, da arquitetura comercial, do trabalho, do escritório. [...]. Realmente me encanta muito, que é essa coisa de corporificar. [...]. Eu lembro que quando a gente juntou, né? Numa sala, a gente fez uma exposição juntando todos os trabalhos da turma. E aí foi muito interessante porque movimentou bastante, tipo, os corredores da faculdade e tal. As pessoas realmente queriam

testar aquilo ali e ver o que o que era sabe? Causou a curiosidade. [...], teve uma reação de quem tava ali e quem não tinha participado do processo, mas queria descobrir o que tinha acontecido, o que a gente tinha feito[...]. No nosso caso, [...], que era o casulo, o que é que [acontece] quando eu entrar aqui nesse protótipo? O que é que eu vou ver? O que é que eu vou encontrar, sabe? E eu acho que isso é muito significativo pra arquitetura. [...] Tentar imaginar as coisas além do [que se vê] exatamente, o que sei lá, [além do que] está escrito ali no livro, o que a gente estuda na nas aulas de projeto. Eu acho que é muito mais. [...] Descobrir como criar com o corpo e o que causar com o corpo. [...].

Aqui trago três das propostas apresentadas pela turma e expostas como trabalho final do semestre, com desenhos e textos retirados dos manuais de instruções elaborados pelos grupos de estudantes e fotografias tiradas por mim (Imagem 13). Mold, apresentada pela imagem 10; Casulo, na imagem 11 e Trama, na imagem 12. Abaixo, uma breve nota explicativa sobre o exercício apresentado e exposto, tal um drops do intenso envolvimento reflexivo que estes estudantes puderam alcançar.

MOLD [Estudantes: Igor Correia, Maycon Brayner e Lorraine Azevedo]

Um casulo, uma proteção, um abrigo. Podemos entrar e construir nossa própria forma de habitar um espaço e na forma mais confortável ou que melhor se adapte a nós, sem deixar de fazer conexões com o espaço em volta. Com Bachelard, toda separação é uma ilusão e, portanto, estamos sempre

conectados. Mold nos lembra que antes de criar nossa própria forma de habitar, devemos aprender a morar em nós mesmos.

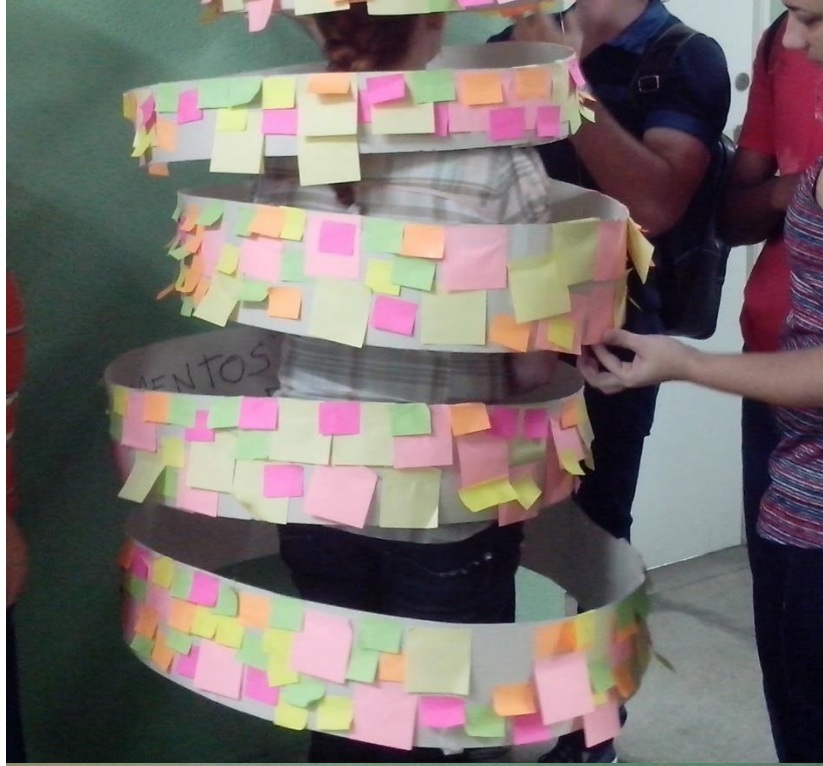
CASULO [Estudantes: Débora Rosa, Juliana Saldanha e Mateus Oderico]

Através da carapaça, queremos provocar o princípio de transformação pela transladação a outra dimensão, caminhando à metamorfose, onde nasce um organismo novo a partir de um desfeito. É a desregularização da realidade partindo de um princípio básico e natural com a intenção de que quem a utilize possa fazer alusão a essa mudança. Para isso, utilizamos um espelho infinito e uma estrutura visual externa em forma de casulo, onde o indivíduo poderá penetrar. Por fim, o sentimento esperado é de compreensão de uma nova perspectiva da realidade.

TRAMA [Estudantes: Ludmilla Aquino, Maria Juliete e Paulo César]

Caixa de atravessar. Suas tramas vermelhas representam os desafios e adversidades que enfrentamos todos os dias. Seu corpo branco, marcado, representa um indivíduo em sua realidade de constante mudança. Vivenciar essa travessia é experimentar inúmeras possibilidades de chegar ao seu objetivo, demonstrando que na vida, cada pessoa tem a sua maneira de traçar seus próprios caminhos. Nosso objetivo é fazer com que o indivíduo que a utilize se sinta confrontado pela dificuldade de cruzá-la e observe o despertar de novas sensações a partir deste atravessamento.

Imagem 13 – Instalação Carapaças Penetráveis. Em sentido horário: GIRAMUNDO, TRAMA, MOLD, CASULO, Plástica 1, Esuda, 2015.



Ainda, costurando com as palavras da estudante aquarelista:



[Áudio 3] - Apesar de ser um trabalho, né? Um trabalho de faculdade que a gente fez há muito tempo atrás. Já fazem o quê? Sei lá, uns três anos que eu me formei, quatro anos. É uma coisa que eu nunca vou esquecer, assim, desses momentos que a gente tinha, dessas aulas de plástica que levavam a gente a enxergar outras possibilidades dentro do que a gente entendia e tinha [como] entendimento de arquitetura. Sim, é muito válido [experienciar essas atividades] e é uma coisa muito preciosa [...] e isso faz com que a gente veja as coisas de uma forma diferente. Leva [a] uma leitura diferente. Uma leitura, até de mundo mesmo, diferente pra as coisas que a gente vai produzir e o que a gente produziu, né? A partir daquilo ali, tipo, a partir daquelas aulas que a gente teve, a partir daquele processo de criação que a gente teve, daquele projeto, como foi que ficou, como reverberou nas outras criações, nas outras, nos outros projetos, nas outras cadeiras da faculdade e dos outros trabalhos que a gente teve que criar. [...] . Até hoje [reverbera] assim.

Reverbera em mim também, querida. E tem sido emocionante revisar estas memórias e pensar, junto com elas, no quanto nos movemos e nos transformamos naquele tempo em que este percurso, que foi preciosamente intuitivo, nos levou a buscar métodos que nos fossem macios e que tivessem a capacidade de tocar a todos nós. Bom, parece que deu certo.

É interessante perceber que os argumentos das equipes se centravam na dimensão inacabada da nossa existência. De certo, não lembro o conteúdo das discussões que tivemos em sala de aula, mas fica claro o ímpeto de cada um por se conectar como um corpo situado que aprende e se transforma no traçar dos caminhos e da rede de relações que este mover-se implica. Antes de tudo é necessário aprender a morar em nós mesmos. Aprender a nos reconhecer como estes seres corpóreos que somos, resultante de fluxos e afetos e de todos os outros corpos que nos compõem.

Estes exercícios invocam uma lógica de construção de consequências que não estão distantes do seu produtor. Assim como para o *Muxarabi portátil para estudantes de arquitetura à beira de um ataque de nervos*, exercício proposto por Xico, desde 2014 na Oficina de Desenho II, da graduação em arquitetura e urbanismo da UFPB, na qual fui estagiária docente em 2018²⁸, a experiência

é o fundamento para que qualquer escritura faça lugar no *corpo de conhecimentos*. Não como acúmulo figurativo, mas como forma estruturante de um sistema capaz de elaborar questões e compor soluções. E saber que na elaboração das questões, estão os fundamentos do sistema de solução dos problemas. (COSTA, 2022, p. 248)

²⁸ As imagens que seguem na próxima página foram feitas por mim durante nossa caminhada com o Muxarabi portátil pelo centro histórico de João Pessoa. No topo da página, estudantes apreciando a vista na sarjeta da Ladeira Feliciano Coelho; abaixo, nosso passeio pelo Shopping Terceirão.

Neste processo de fazer-se reside o percurso fundamental para as problemáticas operacionais em arquitetura. Estas experiências são uma aposta na aprendizagem que tem lugar no gesto, no ato de composição afetada e situada e na encarnação no próprio corpo. Na explicação dele: “A ideia é simples. Se trata de desenhar e experimentar o que se desenhcou. Provar das consequências do próprio gesto de desenhar. Porque desenhar em Arquitetura, é antes de mais nada criar consequências” (COSTA, 2022, p. 244). Se trata de criar consequências para o próprio corpo, de situar a si e implicar-se nesta ação.



Plantando bananeira, pernas pro ar, uma das mãos no quintal, a outra na aldeia e cabeça apontada para o terreiro, lembro que crianças nos ensinam a sentir outro tempo, aquele que não é meramente o das ampulhetas, da experiência individual ou do que se expressa como narrativa datada; mas o espírito que encarna nos grandes ritos que plantam a existência e dão liga à comunidade. Afinal, independentemente do que aconteça, a vida é o rito que nos liga ao tempo. (SIMAS; RUFINO; HADDOCK-LOBO, 2020)

O que nos impede de estarmos presentes neste aqui-agora? Será possível frear a velocidade do mundo? Será possível experienciar um outro tempo? Como cultivar o tempo das pequenas experiências? Como nos reconectar ao tempo da vida e da experiência encarnada?

Para nos ajudar a recobrar as orientações de Careri²⁹ de que é necessário perder tempo para permitir o encontro e ganhar espaço ou, do Grupo Poro³⁰, onde é preciso perder tempo para ganhar tempo, ou ainda, das encantarias de Rufino, onde o brincar nos lembra que a vida é parte nos ritos da Terra e que são eles que nos ligam ao tempo, recorro novamente ao poeta Manoel de Barros (BARROS, 2001, p. 9), que em *uma didática da invenção* nos ensina a pisar devagarinho no chão de folhas onde mora um outro tempo:

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com a faca
- b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
- c) Por que é que as borboletas de tarja vermelha têm devoção por túmulos
- d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação
- e) Que um rio entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
- f) Como pegar na voz de um peixe
- g) Qual lado da noite que umedece primeiro

Etc

[...]

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.

²⁹ Ver mais em *Pasear, Detenerse* (CARERI, 2016).

³⁰ Poro é um grupo artístico de intervenções urbanas e ações efêmeras, formado em 2002 por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada. Ver mais em: <https://poro.redezero.org/intervencao/10-maneiras-incriveis-de-perder-tempo/>

Pisar devagarinho é se aproximar com cuidado. No sentido de Haraway, é ter e criar responsabilidade³¹ com o presente, com os ritos e com os seres humanos e mais que humanos³² viventes no lugar onde se pisa. Aproximar no ordinário, atentar para as belezas do miúdo, para as desimportâncias cotidianas que não são parte em nossos currículos e prescrições formativas, incorporar o tempo e estar presente na experiência vivida que é essencialmente compartilhada. Mas de que modo?

Como vimos no primeiro movimento, “a cidade como arquitetura integrada a um ideal de civilização pode revelar as práticas que a forjam, assim como o esquecimento de saberes que são cada vez menos praticados e acabam encurralados pelo domínio de um modo de vida que reivindica a marcação de um tempo único” (SIMAS; RUFINO; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 90). Um tempo insensível que nos confronta a viver o mundo de forma desencantada e aprisionada. Vivemos assombrados pela agudeza do tempo, assediados pelo imenso volume de informações que passam em nosso entorno, que nos chegam a todo momento, mas não nos tocam, desencarnados de nós mesmos pelos efeitos desta obsessão docilizadora. Como bem lembra Célia Xakriabá, “quem não tem

³¹ Frequentemente Donna Haraway se vale de jogos de palavras e composições em que é possível explorar sentidos que não estavam claramente evidentes. É também um convite às alianças, para fazer junto, para pensar junto, no acoplar das coisas, da vida, dos seres, das coisas e das palavras.

³² Em *Ficar com o problema*, publicado no Brasil neste ano de 2023, Haraway nos convida a pensar os significados de viver-com em mundos mais que humanos: sujeitos não humanos e além do humano, como coisas, objetos, outros bichos, seres vivos, organismos, forças físicas, entidades espirituais e também nós, bichos humanos. Várias autoras contemporâneas, a exemplo da antropóloga peruana Marisol de la Cadena, compartilham o uso da expressão para articular arranjos pós-humanistas e que buscam constituir um porvir de cuidado e alianças com as muitas entidades emaranhadas neste planeta.

tempo, de certa forma, também está aprisionado” (XAKRIABÁ, 2020c). Exaustos e sem tempo, não temos nos dado chance para ouvir e aprender os segredos que se encarnam no roçar da existência. É preciso ter silêncio dentro, ser mais escutatória do que oratória, como já esperançava Rubem Alves³³.

Pensamos que as nossas maneiras de viver são as maneiras de viver o tempo. Vivemos o tempo. Nós somos o presente mais do que estamos nele. Existimos situados neste tempo agora e nossas atividades se desenrolam aqui. O presente qualifica a nossa existência. E, neste presente que é vivo, somos finitos, nós e, em parte, o próprio presente. Tudo que é vivo tem seu próprio tempo e cada ação e reação, sua duração. Em mim mesma, portanto, coexistem várias durações em velocidades relativas e distintas, neste espaço-tempo lacunar que não para de produzir-se de novo e ciclicamente, mas que sempre é outro e igualmente me faz outra de mim mesma.

A própria ideia de sucessão do tempo, que é um modo de se organizar o vivido, é algo que se desdobra a partir do que é perceptível. Percebemos e pensamos a partir dos modos como experienciamos o mundo, sendo afetados e sendo afetantes, decorrentes de cada arranjo de forças. Temos que o nosso presente é algo plural e heterogêneo, e cada um de nós vive num simultâneo de arranjos dessas linhas de tempo coexistentes, ora acesas, ora apagadas, ora desmanchadas, criadas ou recriadas. O presente, portanto, é algo que nos passa a nós. Ele é a própria consistência da nossa existência. O

³³ Ver mais em *Escutatória*, em *O amor que acende a Lua*. (ALVES, 1999)

presente nos acontece. Pensamos a partir deste tempo que é multidimensional, multilinear, onde as dimensões da temporalidade, passado, presente e futuro, se borram e carregam a mesma natureza. E ainda, nas palavras de Zourabichvili, a partir de sua leitura de Deleuze, o que passa

não é mais apenas o presente que dura, mas o presente que passa, e que passa em proveito de outro presente, contrariamente à periodicidade (seja porque uma linha substitui outra, seja porque a composição dos presentes muda). Toda existência imbrica vários meios, mas acontece que já não são os mesmos, ou que o presente múltiplo é acrescido de uma nova dimensão. (ZOURABICHVILI, 2016, p. 101)

Na esteira de Bergson, temos que o presente vivido e concreto que se ocupa necessariamente de uma duração. Este presente se estende sobre o que é o meu passado e se inclina ao meu futuro. Não é uma questão de sucessão, mas de coexistências de temporalidades. Há ainda uma espessura temporal que nos interessa, nos convoca e nos move no sentido da transformação e de uma atualização implicada neste mover-se. Haraway chama de presente espesso este tempo em que estamos verdadeiramente presentes, envolvidos e entrelaçados em diversos arranjos inacabados de lugares, tempos, matérias e significados.

E é nesta atualidade que o que parecia dado ou estável se desestabiliza e onde novas coisas se desenham. Reconvocando Deleuze, temos que pensar é sempre experimentar.

Pensar também é dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. A experiência é sempre atual, é onde nos toca o deslocamento, o que nos atravessa e o que está sendo. É atravessar e ser atravessado. Mas também é oportunidade para encontrar, estranhar, afetar, sentir e ficar, ou talvez se quiser, partir.

As dimensões da temporalidade são borradas e se articulam o tempo todo em nós. Hoje é dia quinze de agosto e já se passaram mais de quarenta dias desde o início do mês. Os ventos correm ligeiro e a sensação desses dias corridos também. Ser atropelada pelo tempo nos desloca de nós mesmas, do nosso tempo próprio, do nosso corpo próprio. O corpo, finitude encarnada, sente e se dói, atropelado fisicamente pela ansiedade dum tempo trator. Respiro em busca do presente, de estar presente e parar esta maratona. Tictac. Um gole de chá, talvez dois. Fecho os olhos e sinto o cheiro do bolo de laranja de vovó Carminha. Outro gole de chá, me abraço. Sinto os dedos dela em meus cabelos. Ela amava um cafuné. Amava seus dedos em meus cabelos finos iguais aos dela. Me emociono e me aninho neste cuidado. Ela me faz parar o tempo, respirar um pouco e ficar com ela aqui em presença e amor.

Houve um período que eu apresentava uma imagem de um bolo de laranja para a turma da especialização da Esuda e contava um pouco da minha memória carinhosa. Cada vez eu contava diferente. Cada vez eu relembrava de uma parte ou ficcionava outra. Às vezes eu sentia o prazer do gosto, às vezes o calor do abraço, outras vezes, o cheiro dos cabelos dela. Líamos Proust e falávamos da sua epifania gustativa com as *madeleines*, de seu arrebatamento para uma outra dimensão temporal, sem pedir e sem querer,

atualizando no tempo do corpo uma outra experiência daquela vivida pelo menino Marcel. O módulo era sobre cores, formas e texturas, mas eu estava muito distante de apresentar um catálogo de formas e suas significações predefinidas, mas o contrário. Construíamos nosso próprio repertório através de experiências com memórias afetivas que cada um carregava. Lembro de um dos relatos de uma estudante que se emocionou imenso quando nos contava como sentia a luz do sol que atravessava as folhas de uma árvore tocar suas mãos. Ela contava e fazia o movimento das mãos enquanto lembrava e re-vivia, rodopiante.

Repito que a vida é o rito que nos liga ao tempo. O presente vivo se constrói e coexiste com as histórias que carregamos dentro, com nossos hábitos, com os acoplamentos e interações que nos compõe, no fluir da nossa existência, e este é um domínio experiencial e claramente situado. Experienciando, reinventamos a nós mesmos e ao mundo. E, que como vimos anteriormente, este saber produzido na experiência é intrasferível visto que é inerente ao ser concreto que o encarna. De todo modo, Larrosa nos lembra que é preciso estar presente para dar lugar aos acontecimentos, que é necessária uma exposição ao risco, uma disponibilidade para ser afetado, uma vulnerabilização. Atravessar o tempo é atravessar a vida, o tempo é presente vivido e estar presente alarga o tempo e a nossa condição existencial. Aqui, voltamos às questões iniciais e pergunto como é possível estar presentes num tempo ocidental que não tem parada?

Na tentativa de deslocar do tempo cronometrado dos intervalos e dos afazeres intermináveis, criamos o hábito de compartilhar experiências gastronômicas e encantarias na sala dos professores do curso de arquitetura e urbanismo do IESP. Não pela gastronomia em si, tampouco pela validação do poder fitoterápico das ervas e práticas energéticas. Trocávamos suporte e cuidado no compartilhamento da aprendizagem e pelas descobertas envolvidas nesse pequeno escambo de prazeres e ritos. Fazíamos alianças afetivas entre pães, bolos, chás, ervas, essências e refrigerantes experimentais e incontrolavelmente explosivos de kefir, compartilhávamos também desejos de uma vida menos sintética e uma crença simpoiética de que as colônias de bactérias, leveduras e outros microrganismos nos ajudariam a criar experiências mais encarnadas no presente em troca do nosso zelo e cuidado com sua multiplicação.

As conversas sobre a falta de tempo, cansaço e toda sorte de afetos tristes que nos despotencializavam eram bastante frequentes. Muitas vezes andávamos exaustos-e-correndo, e também dopados no sentido reportado por Eliane Brum. Evidentes que também eram pautadas conversas sobre os estudantes e o modo como eles viviam assediados pelo mundo de informações instantâneas que também os deixavam exaustos e sem tempo. Como seria possível trabalhar o sentido de presença e atenção para essas criaturas extremamente cansadas? Talvez a parada no tempo que fosse capaz de os envolver residisse justamente no reconhecimento e no compartilhamento daqueles pequenos prazeres.

Nosso disparate, meu e do professor Paulo Rossi, foi propor uma oficina de pão. Que tal seria se pudéssemos fazer uma oficina de pão? A ideia era aprender a ter atenção para o tempo das coisas. A entender os processos de manutenção e cuidados que uma colônia de seres vivos requer. Aprender a esperar o tempo delas, o tempo das reações e não o tempo das gentes de relógio no pulso. Precisamente, o exercício seria centrado na perda de tempo, na relação com outros tempos e a lidar com o tempo de ação de corpos que não são os nossos. Talvez este exercício pudesse nos tirar um pouco da ânsia da instantaneidade neste mundo hiper conectado em que vivemos. *A oficina de pão para estudantes de arquitetura e demais ansiosos* não foi adiante justamente porque não tínhamos tempo suficiente em aula para executá-la.

Trabalhar com a frustração do não fazer também é exercício e escuta e de apreciação do tempo. É um não seguir para recobrar o rumo e traçar outro caminho. Atravessar é também se afastar e aproximar, mas dessa vez pisando devagar e cuidando. O que conseguimos então? Esperar e observar o tempo das coisas.

Ano depois, Alê³⁴ e eu, retomamos o tema e propusemos a elaboração de uma refeição coletiva para as turmas de Projetos 1 em que éramos docentes. Um almoço e um jantar. Eram estudantes do segundo semestre do curso e em suas afobações, alguns deles carregavam muito barulho dentro e quase nenhum silêncio. Sabe quando você está tão eufórico que o ruído do seu próprio fluxo de pensamentos é mais alto e mais cortante

³⁴ Alessandra Soares de Moura

do que o tom das conversas que lhe orbitam? Era essa a percepção que tínhamos daqueles estudantes ansiosos por desenvolver seus primeiros projetos. Olhos inquietos, corpos inquietos e pouca resposta sobre coisas que se passavam no aqui e agora.

Criar silêncio e estabelecer estados de presença era mais importante do que o resultado do banquete. Nosso desejo em envolver aquelas criaturas residia justamente naquilo que lhes parecesse mais banal e mais desimportante: cozinhar e comer. Obviamente que isso causou estranhamento de pronto. Mas eu não sei cozinhar. O que tem a ver cozinhar com projetar? Professoras, vocês são professoras de projeto de arquitetura mesmo? Queríamos antes de tudo, desenvolver modos de desaprender os modos que eles entendiam por aprender. Para desaprender é preciso ter disponibilidade. Volto lá pra Manoel de Barros: desaprender ensina os princípios.

Cozinhar e comer tem a ver com nossas experiências diárias, com as rotinas de nossas casas, com o modo como arranjamos a vida para compartilhar a existência com os demais seres. Tem a ver com cuidar do presente vivido e também deste corpo que somos. Viver o ato, em presença, nos responsabilizando uns pelos outros e dividindo cuidados e atenção nos ajuda a construir nossa própria ideia de mundo e a sermos comunidade. Envolver-se é encarnar-se na experiência. Situar no tempo é estar presente na experiência. É ter o mundo em flagrante nascimento.

Cuidar engloba todas as coisas que fazemos para manter, para seguir e para reparar o mundo que temos. Neste cuidado estão envolvidos nossos corpos, nossos *eus*, a terra e

todos os seres da terra e o que esteja entrelaçado nesta rede de agências que sustentam a vida. Bellacasa, em o pensamento disruptivo do cuidado ainda nos lembra que não há neutralidade no cuidar, o ato jamais pode ser pensado como algo separado de suas especificidades, de seu lugar. Então é possível considerar o próprio cuidado como um “parâmetro de existência com significado para seus próprios territórios” e “pressupõe uma abordagem crítica do presente” extremamente situada (BELLACASA et al., 2023). Cuidar não é uma prática distinta da educação implicada através de uma ética amorosa, como nos falou bell hooks. Cuidar é uma escolha por se importar com o outro em sua alteridade significativa.

Juntos definimos o cardápio, planejamos e organizamos as atividades de cada um, cada equipe fez o que tinha habilidade para produzir em poucas horas. Estabelecemos acordos e compartilhamos saberes. Na imagem seguinte, segue uma composição de fotos onde as aparecemos trabalhando em mossas bancadas, dividindo as atividades, registrando as etapas e impressões e, ao fim, compartilhando o resultado do processo e suas implicações. Só depois disso, pudemos pensar em desenvolver projetos.



Imagem 15 – Cozinhar e compartilhar. Aula de Projetos 1 na cozinha do curso de nutrição do IESP. Fotos de Alessandra Soares. Cabedelo, 2019



CONECTAR E ENVOLVER | *situar no território*

Essas cidades, esses continentes, esses planetas nasceram, como se costuma dizer, na cabeça dos homens, ou, na verdade, no interstício de suas palavras, na espessura de suas narrativas, ou ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos, no vazio de seus corações. [...]. Não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. (FOUCAULT, 2013, p. 19)

Carregamos nosso território, nos carregamos afetivamente em nossos territórios. Carregar-se equivale aqui a um construir-se com. Recarregar-se e reconstruir-se, também. Assim sendo, nos construímos e nos constituímos com o nosso território, nosso chão, mas não só. Mais ou menos perto do mar, mais ou menos perto do sol. Somos nosso território, não existimos apartadas dele. Somos corpos enraizados na terra. É importante pontuar que um corpo enraizado não requer uma fixação, tampouco implica na sua imobilidade. Ao contrário, um corpo enraizado carrega em si a potência do seu lugar no mundo e dos seres que compõem juntos este lugar consigo. Estar impregnadas de nosso próprio território, e de tudo o que ele carrega, nos dá condições

de construir outros mundos possíveis com os demais seres com quem encontramos pelo caminho. Pois é exatamente no encontro que as direções são ajustadas, posto que situar no território é o aterramento da experiência existencial.

Comecei a me empenhar deste texto quando li a dissertação de Vanessa: *a cabeça pensa que sabe, mas é a mão que alembra o caminho* (CORDEIRO, 2023). Vanessa é sertaneja de família cabocla, foi fazer arquitetura na Universidade Federal do Piauí. Veja bem, se ela não tivesse ido até lá, talvez eu não me encontrasse com a potência que é a fala dela. Em Teresina, ela foi aluna de Ana Rosa³⁵, minha pariceira no grupo de pesquisas e professora inquieta tanto quanto eu. Foi Ana Rosa quem me apresentou, orgulhosa, o trabalho de Vanessa, defendido em maio deste ano pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA. Na banca de Vanessa, duas amigas do meu tempo de FAUFBA, estudiosas do corpo e do território e que operam através do desvio queer e afro-diaspórico, abrindo rupturas naquilo que a cabeça pensa que sabe, que fizeram a gente achar que era o certo a saber ou o que deveria saber sobre arquitetura. Mas é o corpo que sabe.

Vanessa desenha uma cartografia amorosa e aterrada através de palavras e vozes suas e das suas para pensar o que é o território. Escreve como quem lança sementes na terra

³⁵ Ana Rosa Negreiros desenvolve no PPGAU da UFPB sua pesquisa de doutorado em que faz uma arqueologia da sala de aula, das práticas e arranjos produzidos pelos estudantes de primeiro ano em seu Ateliê de Plástica na UFPI, mediadas pela arte enquanto dispositivo de distanciamento para a compreensão e desenvolvimento dos fundamentos arquitetônicos.

recém arada e derrama sua linguagem sertaneja no texto como quem demarca um pedaço de chão no terreiro de sua casa. Diante deste arranjo que a constitui enquanto gente, questiona qual é o lugar deste território e das coisas que ele compõe e de que é composto no saber acadêmico.

De início, ela pede bença a sua avó para começar os trabalhos. Pedir bença é o equivalente a chegar com responsabilidade, cuidado e respeito pelo terreiro onde se está pisando, pelas histórias que este chão carrega. É pedir permissão para compartilhar com o já sabido e conectar o que está sendo feito. Vó é chão, é casa, é abrigo, é colo, é acolhimento, é terra, e equivale ao útero da terra, de onde advém as coisas do mundo. Ou como ela mesma anuncia: “o nosso corpo é terra, a terra é corpo, o nosso corpo se faz na terra” (CORDEIRO, 2023).

O território é o conjunto daquilo que nos pertence. Não do que nos pertence como mercadoria ou propriedade registrada em cartório, mas daquilo que temos como herança coletiva dum viver afetado e situado. Somos do chão e somos da terra, nos termos de Nêgo Bispo é mais que isso: nós pertencemos à terra e não ela a nós. Isso muda toda a posicionalidades das visadas modernas que nos trouxeram até aqui porque se apostou num saber circunstanciado a apenas um modo de ser corpo e de ser mundo, a um corpo como coisa que não tem variação e que aprendeu a se relacionar com a terra apenas enquanto superfície e recurso.

Com Célia Xakriabá, a partir de seu texto *corpo-território* (XAKRIABÁ, 2020a), entendi a ideia de que somos chão, que nosso corpo é chão e que igualmente somos seres deste chão, com toda especificidade e parcialidade que ser deste chão requer. É dizer que nós vamos nos fazendo a medida em que fazemos nosso território e a gente acaba reconhecendo este território em nosso próprio corpo. E este é um terreno mole daqueles que se movem e se entranham na gente.

Ao nos movermos por outros lugares, o nosso corpo inevitavelmente demarca uma territorialidade visto que, como vimos, somos um corpo em presença. Neste sentido, Célia diz que o corpo como território “não nasce exatamente de fora, nasce de dentro, e nessa relação, às vezes não tão harmoniosa,” demarca politicamente nossa presença. Somos esta posicionalidades política, específica e situada. Para ela, “não existe território sem corpo e corpo sem território, mas existe uma múltipla dimensão do que é território. Estamos falando de um território-corpo, mas tem um território também do alimento, do pensar, da escuta e do enxergar.” (XAKRIABÁ, 2020a, p. 95). Portanto, o chão carrega uma dimensão afetiva, poética, ética, política que é banhada de significações concretas que se inscrevem em nós a todo tempo, sejam eles históricos, simbólicos ou culturais.

Situar no território é um tipo de dispositivo que nos capacita a ter consciência sobre nós mesmos e sobre o nosso estar no mundo. Portanto não é separado do situar no corpo e do situar no tempo. Visto que é “esse plano comum que nos ampara, nos acolhe cotidianamente, nos comuna e que, muitas vezes só percebemos quando nos falta.” (NOBRE, 2022). Em *aproximar-se do chão*, Ana Luiza Nobre nos convida a pensar neste

arranjo de posicionalidades situadas e nos pergunta, na esteira de Bruno Latour³⁶, onde devemos aterrar? Onde nos cabe aterrar? Com quem queremos estar? Com quem queremos nos conectar e também com quem queremos viver? Pergunta também, agora com Manoel de Barros em sua gramática expositiva do chão, onde o chão pare as coisas do mundo e com as coisas do mundo, o que podemos aprender com o chão hoje?

Antes de começar, nos descalçamos. Entramos naquela sala com paredes de vidro que eu ainda não conhecia. Ela ficava no recém inaugurado edifício central da universidade e funcionava como um tipo de anexo à biblioteca, chamavam de *louge*. Não estou certa se todos estavam preparados para estar descalços. Aliás, não sabíamos o que esperar dali. Pusemos os sapatos no cantinho esquerdo da sala e nos assentamos entre os pufes coloridos e o chão recoberto por uma carpete verde. Talvez para nos lembrar que ali, antes de ser prédio, era mangue. É um registro que evoca um tanto de luto nostálgico pelo que supus existir ali outrora, um apagamento com aterro para criar uma superfície adequada de concreto onde a escola pudesse se erguer. Da janela de vidro fumê, fechada para não deixar escapar o ar refrigerado, era possível avistar o que restava daquela mata ou de mangue protegendo o filete de água que do rio Jaguaribe que resistia.

³⁶ Ver mais em Bruno Latour. Onde Aterrar? Como se orientar politicamente no antropoceno, de 2020.

A oficina chamava Habitar Água e fazia tempo que queríamos levar Iazana Guizzo para nos ajudar a desarranjar os pensamentos sobre o já sabido nos corpos dos estudantes e professores do curso de arquitetura e urbanismo na Uniesp. Iazana é professora do departamento de projetos de arquitetura na UFRJ e tem desenvolvido trabalhos sobre este lugar de ser que é coletivo, simpoiético e implicado. Na universidade, desenvolve um projeto de extensão chamado floresta-cidade, onde trabalha com estudantes a prática da escuta sensível partir da construção de uma rede de saberes entramados com outros modos de ser e de se fazer território³⁷.

Passamos dois dias em atividades de avivamento e descompressão do corpo e do saber. Dançamos, performamos, ritualizamos, acessamos memórias e movimentos de encantaria para exercitar um tipo de atenção plena, demarcamos nossos pés contra o chão entoando sons e nos centramos numa possibilidade de reconexão e aterramento.

Como era possível aterrar estando sentada sobre um piso revestido de carpete sintético a duas lajes de concreto e ferro de distância do chão? Um prejulgamento me antecedeu e eu esperei um pouso onde minha relação com a terra se desse pelo toque. Pelo toque recíproco entre meu corpo e o corpo da terra. Eu só conseguia pensar em como a arquitetura havia me afastado daquele solo, como era possível a arquitetura me ajudar a regenerar aquela relação recíproca de tatilidade fértil? De certo modo me acalmei resignada: tudo nos afasta da terra. Desde aquele calçado que vestia quando cheguei

³⁷ Ver mais em <https://www.florestacidade.com.br/>

ali, a esta cadeira, o modo de pensar e fazer, a estas lajes, meu modo de viver, o apartamento no décimo terceiro andar onde moro, tudo me separa do chão. Lembrei da ideia que conversamos na qualificação sobre o pensamento sentado, sobre o corpo sentado, que aprende passivo, em que tudo lhe circunda, mas nada lhe toca. É um corpo sem assento, desterrado, em suspensão.

Iazana nos guiou a bater os pés com mais força contra aquele chão, para correr e saltar, para agachar e sentir a ação da gravidade sobre nossos corpos e depois, deitar exaustos. Prostrados, fechamos nossos olhos e mergulhamos dentro. Ela acendeu folhas de sálvia, distribuiu bolsas de água sobre nossos corpos e ali nos deixou regenerando entre cânticos. Não havia compreendido que o ato de territorializar falava mais sobre viver e aterrar com o que meu corpo carregava dentro, com suas marcas e afetos, do que com aquele punhado de elementos sintéticos que nos suspendia. Mas aterrar também é encontrar com esta dimensão tátil e palpável do mundo.

Quando mudamos de posição, o horizonte também muda. Agachar o corpo e se perceber nesta reciprocidade tátil e fértil que o agachamento invoca, me coloca diante de outros modos de se construir e ser na terra. Volto a ouvir a voz de Vanessa onde sua avó é também terra e lembro que o chão e o corpo não são apartados. A gente só descobre isso habilitando o corpo para experimentar, habitando o nosso próprio corpo e vivendo um corpo que é capaz de operar descobertas.

Ao contrário, se não habilito meu corpo, terei um corpo limitado e desconectado. Nas palavras de Iazana, este é um corpo que se relaciona com o objeto, mas não com o universo vivido e múltiplo, tampouco com o território, ou talvez apenas parcialmente, que se conecta às vezes. Por isso estes exercícios são propostos para sermos capazes de alterar nosso estado de presença. São dispositivos de metamorfose de si que são também capazes de contagiar e provocar outros corpos.

Em *pensar inclinado*, Didi-Huberman faz um trançado entre Proust e Merleau Ponty e nos apresenta a possibilidade de complementar este argumento quando nos diz das possibilidades que um pensar desde abaixo, carregado de tatilidade e sensibilidade nos abre. Ao invés de manter a estável e confortável perspectiva desde o alto, tal aquela do voo de pássaro que tanto nos é comum em arquitetura, ele parte do estranhamento e instabilidade produzida no encontro acidental de Proust com suas botas. Uma ação tão banal, tão ordinária e boba que poderia passar sem qualquer interferência no estado de coisas de qualquer um de nós. Cansado, ele se prostra, ao se inclinar é atingido de memórias agudas que o fazem deslocar. Aproxima-se do risco e toca as coisas que lhe tocam e é entremado pela sedução de emoções imprevistas. É o que ele chama de visão abarcadora em que o mundo aparece a “uma distância em movimento de vaivém capaz de nos tornar sensíveis a tudo que a vista de baixo puder colocar ao alcance [...] aqui nada é definitivo, o não saber participa desde então, desse outro banquete do olhar.” (DIDI-HUBERMAN, 2015) Esta visão, implica que o sujeito esteja em movimento e “se submete a um mundo em movimento e é subjetivizada em experiências interiores:

para isso deve se abrir aos imprevistos [...].” Deste modo pensamos a espacialidade e a territorialidade como algo diferente da simples externalidade objetificada, daquela que nos trouxe lazana, mas algo como o espaço do próprio corpo, é “o desdobramento de seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo” (MERLEAU-PONTY, 1999).

Território é mais do que a simples demarcação georreferenciada em que as coisas do mundo se dispõem. Território é um processo implicado em nossa condição de vivente. Ele é o meio onde as coisas se tornam possíveis. Quando deslocamos a perspectiva, nos agachamos ou nos inclinamos, o horizonte se desloca. Esta é uma condição chave para pensar e imaginar outras possibilidades e agências. E pensar de modo inclinado, faz com que o território e também o tempo possam voltar a se relacionar conosco de um modo mais gentil e recíproco.

Situar e compartilhar é um ato íntimo e experiencial que requer um envolvimento e a criação de pactos e alianças, afinal de contas éramos sujeitos diferentes uns dos outros. Como me lembrou um dos participantes, estávamos ali com ideias, idades, vivências, expectativas e corpos muito distintos uns dos outros. Para estar presentes foi necessário encontrar um caminho comum. Traçar um meio onde o risco de expor nossas vulnerabilidades não nos despotencializasse. Estar verdadeiramente juntos e compartilhar o aprendizado não requer o apagamento de quem somos, é antes uma escolha por um construir-se coletivamente.

É o encontro potencializador de Espinoza, mas também é o que Nêgo Bispo chama de confluir (SANTOS, 2023). Onde cada corpo que se encontra com outro corpo não deixa de ser quem era, mas carrega consigo um pouco daquele outro por quem foi afetado. E, caso aquele outro corpo afetante tenha sido afetado, ele carrega um pouco deste também. Tampouco negamos um ao outro, nem as nossas diferenças, mas nos aliamos com cuidado e responsabilidade para criar um nós que seja possível.

Não tem como pensar nisto sem lembrar dos Novos Baianos e da música de Luiz Galvão e Moraes Moreira. Jogando meu corpo no mundo eu deixo e recebo um tanto, mas não deixo de ser quem sou porque o que recebo me convém e aumenta a minha potência de existir. Encontrar e estabelecer este pacto de aliança afetiva é confluir. É um fazer-com situado.

Vou mostrando como sou / E vou sendo como posso /Jogando meu corpo no mundo / Andando por todos os cantos / E pela lei natural dos encontros / Eu deixo e recebo um tanto / E passo aos olhos nus /Ou vestidos de lunetas /Passado, presente / Participo sendo o mistério do planeta. [...] ³⁸

Demarcar posição é também situar o saber considerando a sua natureza parcial e precária e abrir possibilidades de rearranjo na agência heterogênea dos encontros,

³⁸ Trecho da música Mistérios do Planeta, de Luiz Galvão e Moraes Moreira. Presente no álbum Acabou Chorare de 1972. Ver mais em <https://www.youtube.com/watch?v=hrtNa2wQna8>

afetações e conhecimentos. Este posicionar-se implica uma responsabilização do alcance de nossas práticas em distintos corpos, humanos e não humanos, complexos e contraditórios, que são estruturantes e estruturados pelo mesmo engenho da composição destes saberes situados. Para Haraway (HARAWAY, 2009), “o único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular”.

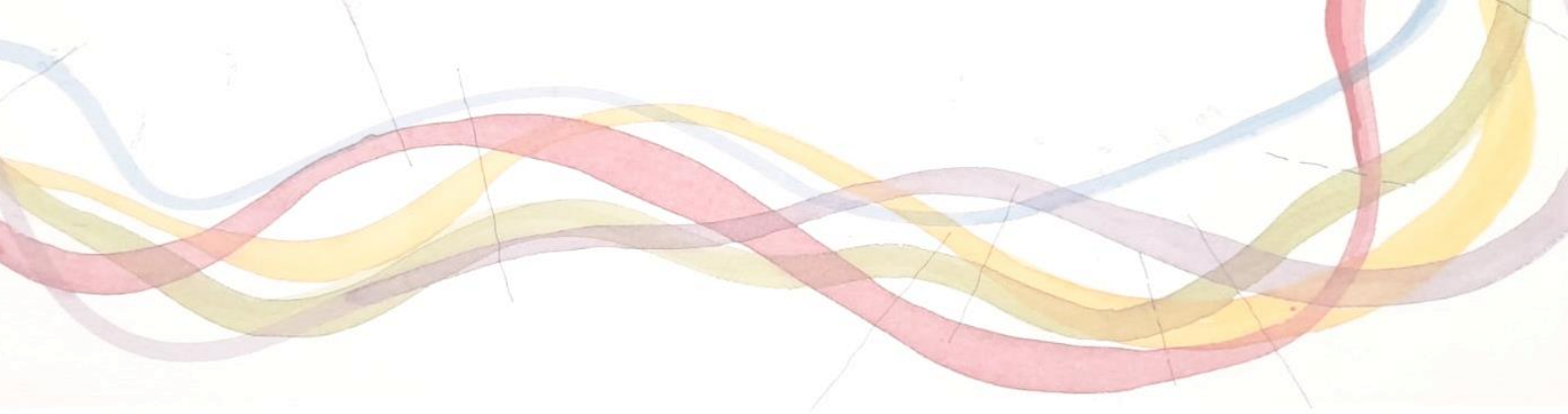
Entendo ainda, que estes lugares particulares não se restringem a recortes isolados em absoluto de algum lugar, mas antes, uma composição de vozes, atos, visões, crenças, modos de ser e de se fazer enquanto coletivos corporificados, incompletos, finitos e igualmente parciais. Ainda, conversando com Haraway, uma importante condição para compreender este arranjo de posicionalidades é aquele onde ela nos diz: “ninguém vive em todos os lugares; todo mundo vive em algum lugar. Nada está conectado a tudo; tudo está conectado a alguma coisa.” (HARAWAY, 2023, p. 58). Portanto, situar no território é um modo específico de envolvimento, conexão, responsabilização e cuidado.

Somos seres terrenos, corpos da terra, participamos de sua substância que é narrada e dinâmica. Importa os vínculos que carregamos com nossos lugares específicos. Importa como e com quem nos encontramos, com quem nos aliamos, como e com quem aprendemos, como nos compomos, com quem pensamos. Importa com quais ideias pensamos ideias, com quais histórias contamos histórias, com quais mundos fazemos mundo. Como estamos dispostas a recriação de conexões?

Na página seguinte, uma composição com fotografias da oficina realizada no Iesp em 2019, onde fui participante.

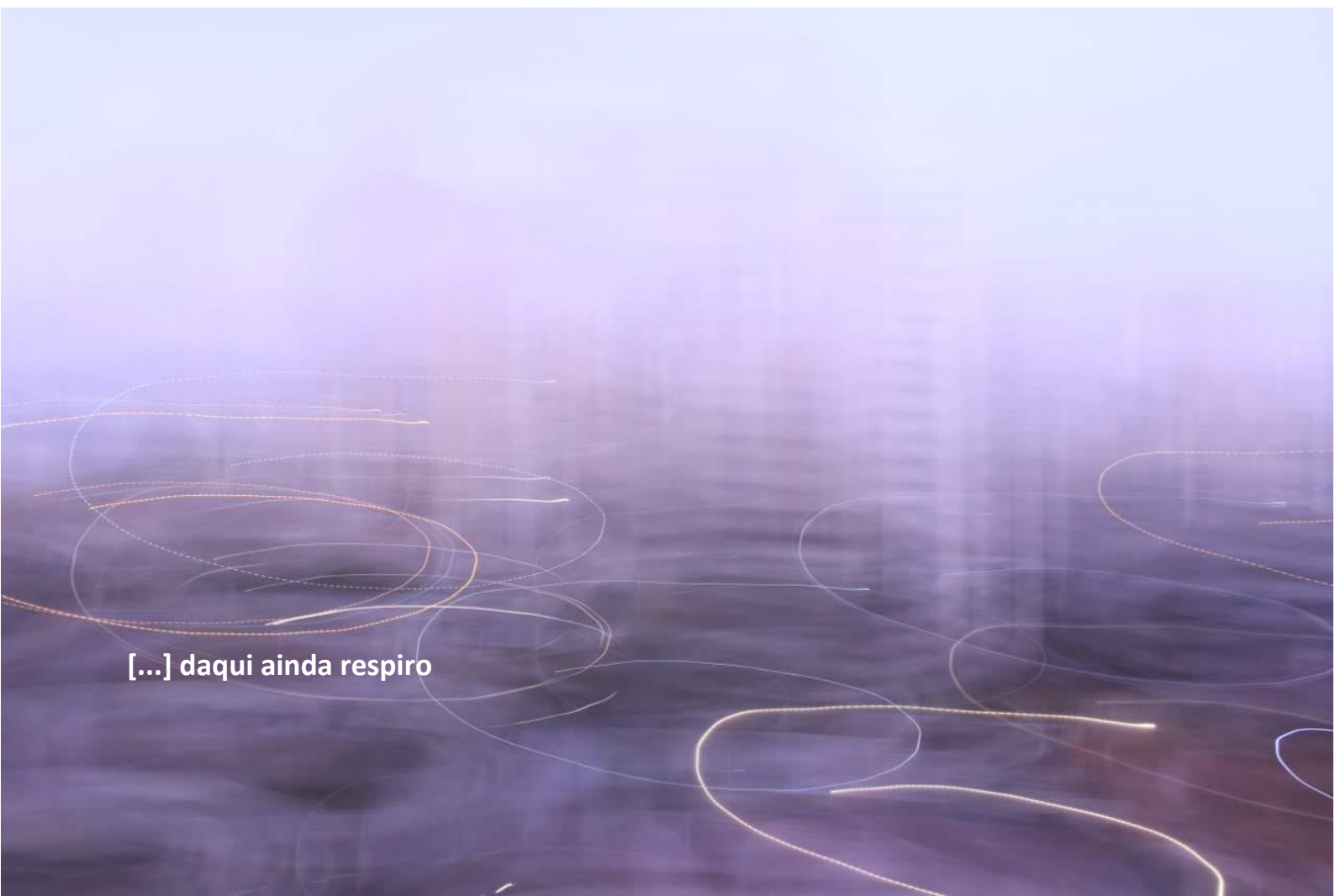


Imagem 16 - Oficina habitar água. Centro Universitário Iesp, Cabedelo-PB, 2019. Fotos: Iazana Guizzo.



antimovimento

Imagem 17 - Lá fora tudo é desterro, aqui dentro também. Fotografia de longa exposição da varanda de casa.
Alcides Vespasiano, Recife, maio de 2020.



INTERLÚDIO EM SUSPENSÃO

Um final que abre. Oportunidade para renovar as maneiras de pensar. Que mundo acaba a partir de hoje? Que presente se desmancha? Qual temporalidade se desfaz? O pensamento depois do fim; pode a pesquisa seguir o ritmo do que não tem mais ritmo? Devemos aproveitar tal ocaso para ver mais além. Não um além situado num futuro histórico, mas um além que é aqui. O aqui transfigurado por outras maneiras de ver. ³⁹

A imagem da página anterior foi tirada por meu companheiro durante nosso isolamento pandêmico. Desde a varanda do apartamento em que vivíamos naquele ano, a gente via a vida passar distante. Eu estava infectada com o coronavírus e nossas reflexões e perspectivas andavam borradas. Tão borradas quanto meus pensamentos, meu paladar, minha pele, borrados como o som que se ouvia e também como os sonhos. Borrados como tudo que se vê nesta paisagem e também do que não se vê. Antes de tudo havia medo, medo do futuro, medo do outro, medo da vida, medo da morte, medo da solidão

³⁹ Nota de abertura do *Caderno do fim do mundo*, pela da comissão editorial. Cadernos de Subjetividade ano 14, nº 21, 2020.

oferecida pelos rompimentos devastadores que se impunham naqueles dias. Des-situamos dilaceradamente no rolo compressor da história. Não sei como, mas era necessário encontrar uma forma de respirar e também de conseguir dormir enquanto estivéssemos em suspensão. Tudo é desterro.

A escrita da carta que se segue teve início em meio a este primeiro lockdown brasileiro do COVID-19 em 2020 e seguiu recebendo enxertos reflexivos no atravessar destes tempos. Neste percurso, o país mergulhou numa forte instabilidade política, ambiental e socioeconômica, impactando diretamente na prática arquitetônica, nas formas de ensinar e aprender arquitetura e também na construção do saber em nosso campo. Foram longos meses de confinamento que antecederam a chegada de uma vacina, outros tantos aguardando a minha vez de ser vacinada, longos anos de expectativas por dias melhores.

Escrita de forma visceral, possui trechos que sugerem exaustão e desespero. Media relatos de uma realidade vivida e deambulações teóricas sobre as possibilidades de sobrevivência ao fim do mundo que perturbou nossos sonhos, especialmente neste país. Costura relações entre este estado de coisas, o paradigma da epistemologia hegemônica e a consequente interferência na construção do conhecimento e de sentidos na arquitetura. Propõe reflexões sobre para onde nos cabe mover nestes tempos de crise. Sugere descolonizar o corpo e as experiências para abrir outras possibilidades de existir num devir-com cuidadoso.

Dado o presente sem porvir, ficcionei enviar esta carta ao espaço em busca de um interlocutor no futuro ou dimensões paralelas. A carta é acompanhada de uma gravação de áudio simulando a possível recepção de sua leitura intercalada com distorções, compressões e ruídos causados por erros na leitura do codec desde temporalidades outras onde reside o arquiteto do pós-fim-do-mundo, se é que arquitetura ainda existe por lá e ainda podemos chamá-lo assim. A partir do QR CODE presente abaixo, é possível acessar a gravação da primeira versão da carta. Ao ouvir, recomendo que ponha fones auriculares. Sem eles, as frequências parecem truncadas e não nos permite escutar a voz que narra com clareza. E sim, o áudio contém distorções.



CARTA AO ARQUITETO DO PÓS-FIM-DO-MUNDO

Em meio à pandemia de Covid-19, escrevo do novo epicentro mundial da doença. Aqui no Brasil, não estamos alcançando suporte efetivo para gerir a crise de saúde pública e não há previsão para dias melhores. Salvo pela esperança de que a própria natureza se encarregará de estabelecer um estado endêmico menos agressivo e devastador antes que se chegue a algum tipo de solução mais definitiva para a sobrevivência da humanidade neste Planeta Terra. Escrevo enquanto choro, aflita.

Desesperadamente, o limite do buraco mais fundo chegou, já ultrapassamos todos os limites dos limites imaginados. A cada entardecer, uma nova fronteira se reconhece ou se suporta por resignação ou simples apatia. Avança sobre nós uma densa sombra cujo ar carrega fétidas memórias e assombrações das ideias torturadas de outrora. Nos percebemos tontos e com taquicardia enquanto tentamos existir entre os novos marcos de fim do mundo, todos os dias.

Para além do vírus, o país enfrenta uma série de ondas neofacistas comandadas por um presidente eleito, ameaças a democracia e crescentes ações para deslegitimação e apagamento das alteridades. Ou como corre na boca miúda: além do vírus, um verme

com grande poder de destruição. O fantasma da lógica de dominação por uma suposta casta superior cristã, branca, colonial, patriarcal e heteronormativa, que mantém seus privilégios sociais com base no assujeitamento de tudo e todos que lhe parece distinto de si mesmo.

Enquanto bebem leite em rede nacional⁴⁰, promovem suas ações em nome de uma suposta pureza racial, mesmo não sendo possível qualquer “pureza” quando tratamos da sociedade brasileira, violentada, mestiça e miscigenada. Uma grande ilusão ideologizada e perseguida a ferro e fogo pelos cidadãos de bem, auto nominados guardiões da nação “brasil acima de tudo, deus acima de todos”⁴¹. As práticas e políticas públicas deste estado de coisas concorrem para o aumento do já tão sensível fosso social com a supressão dos direitos sociais adquiridos, negação e desvalorização do saber científico, desaparelhamento do sistema educacional e de saúde pública, afrouxamento das fiscalizações e regulações ambientais, com a consequente destruição do meio ambiente, investidas às monoculturas do agro pop não popular e da pecuária industrial em contrapartida à agricultura familiar e práticas agroecológicas, colocando em risco a segurança alimentar da população. Ademais, oferecem incentivos legais para grilagem

⁴⁰ Ação transmitida em *live* no canal do ex-presidente Bolsonaro em maio de 2020. O Ato de beber leite branco e puro remete a tentativas extremistas em busca de justificar uma superioridade genética de brancos. De acordo com o antropólogo David Nemer “Não há evidência genética para apoiar qualquer ideologia racista. O que há é, na verdade, um governo tosco e motivado pelo ódio” (CARVALHO, 2021)

⁴¹ Este slogan fascista do governo brasileiro entre 2019 e 2022 fazia referência ao slogan da propaganda nazista, na Alemanha de Hitler. Ver mais em *O movimento parafrásico de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” x “Deutschland über alles”* (CAVALCANTI; AZEVEDO, 2022).

de terras e remoção de demarcações para territórios dos povos originários e tradicionais, além de fortes investidas para missões civilizatórias nesta população, incentivos a perseguições e hostilizações a todo tipo de prática e cultura que seja distinta do que eles compreendem como padrão, dentre tantas outras atrocidades. Praticam um tipo de política do medo e ódio à diferença. As declarações e práticas ultradireitistas da gestão federal sobre os povos, sobre os vulneráveis e sensíveis deixam claro o desprezo e descaso com a pluralidade cultural deste país. Parece inacreditável que isto esteja ocorrendo em pleno século XXI.

Infelizmente ou ironicamente, este recorte do Brasil atual representa uma grande caricatura de mau gosto da história de dominação humana, das práticas colonizatórias para exploração e expropriação de riquezas, de genocídio de povos originários e comunidades vulneráveis, de limpeza social, de alisamento e supressão de muitas formas de saberes próprios, de modos de ser e pensar e de construir seus territórios existenciais para dar condições de instalação da história de perspectiva única e da construção de um pensamento dominante e hegemônico.

Historicamente, a força impositiva de uma epistemologia dominante, e sua ideia de universalidade, foi promovida baseada na força com que a intervenção política, econômica e militar do colonialismo e do capitalismo modernos se impuseram aos povos e culturas não-ocidentais e não-cristãos, como indica Souza Santos (SANTOS; MENESES, 2010). Este processo colonizatório que procurou alisar o mundo e com isso forçou a remoção de quaisquer distinções conseguiu ainda circunscrever às normas

hegemônicas, as experiências culturais e políticas que porventura tenham conseguido sobreviver. E que para poder existir de algum modo, acabaram subjugadas e associadas a algo marginal, provinda de seres humanos inferiores e tendo, portanto, menor valor.

Este paradigma cultural e epistemológico pode ser reconhecido como o paradigma moderno ocidental e representa uma pequena parcela, extremamente limitada e reduzida da diversidade de culturas que circulavam do mundo. Esta perspectiva se relaciona com povos colonizados e dos que vivem nas bordas do mundo subdesenvolvido, mas também, a outras culturas ocidentais que não tiveram vez e voz no período expansionista ou que ainda seguem sob supressão. Revisar e ressignificá-las também pode mostrar que existe um “ocidente não-ocidentalista” capaz de se relacionar com a ecologia dos saberes cartografada pelo sul do mundo e novas relações interculturais, cosmológicas e epistemológicas. (KRENAK, 2019; SANTOS; MENESES, 2010)

A construção da nossa sociedade ainda segue baseada na ideia de dominação epistemológica, uma relação de saber-poder extremamente desigual. Mantemos um tipo de colonialidade capitalística⁴² das relações de poder, reproduzindo estereótipos e muitas formas de exclusão e discriminação. Demarcamos aqui, tal como a epistemóloga argentina Denise Najmanovich (NAJMANOVICH, 2015), que não há epistemologias ou

⁴² Capitalística aqui se aplica no sentido de Felix Guattari (GUATTARI, 2008; GUATTARI; ROLNIK, 1996), onde, independentemente de haver um sistema capitalista implantado, todo o sistema de produção está vinculado ao capitalismo mundial integrado.

construções de padrões de mundo que sejam neutras, aliás, não há neutralidade alguma nestes processos: nem nas narrativas, nem nas linguagens, nem em nós mesmos.

Este padrão de violência “colonial-capitalista”, “sutil, refinada e invisível aos olhos da consciência” (ROLNIK, 2018) fabrica e modela a relação do ser humano com o mundo ideado e consigo mesmo, cria indivíduos normalizados, instrumentalizados e articulados uns aos outros através de sistemas de valores, hierarquias e submissão. Imersos em processos esvaziados, desvitalizados e desimplicados das práticas existenciais coletivas e compartilhadas, estabelecidos a partir de valores universais, assistimos desnorteados a dissolução dos nossos modos de vida e assim acabamos nos insensibilizando (NAJMANOVICH, 2021).

Toda nossa existência é tomada e guiada por uma forma de produção que acaba apresentando-se como nosso empreendedor ontológico especializado na produção de “vida” enfeitiçada. Como se na falta dele não fôssemos mais capazes de pensar ou agir, como se ele mesmo fosse o nosso dentro e o nosso fora. É neste mesmo momento que nascem os indivíduos docilizados e pacificados e morrem as possibilidades singulares de produção da diferença.

Mais que um meio de produção, regime cultural e civilizacional, o capitalismo regula nossa existência, do modo como nos relacionamos com a espiritualidade, com a natureza e nossas famílias, de como gerimos o tempo, nossa capacidade de concepção e concentração, de como trabalhamos e descansamos, das ideias de ócio e tempo livre,

como nos relacionamos e nos reproduzimos, às formas de produzir e validar o conhecimento científico, as nossas formas de sentir e estar no mundo, de sonhar e imaginar (PELBERT, 2016; ROLNIK, 2018). O terrorismo subjetivo é isso, é o que alimenta a ilusão deste ideal de mundo, o grau zero do pensamento crítico, alimenta as máscaras da sociedade em sua liberdade ficcional, nos impedindo de crer na validade de nossas próprias experiências. Nossas capacidades pessoais e subjetivas são incorporadas aos anseios e metas dos poderes hegemônicos e de um tipo de teologia do capital (RIBEIRO, 2022). Este fato não constitui apenas um nexu abstrato de especulação, mas uma lógica de práticas sociais e também políticas.

Outro ponto delicado que precisamos observar diz respeito à produção do saber científico. Na verdade, a sua produção, validação e distribuição. Pensar na estrutura disciplinar do conhecimento moderno que ainda rege nosso modo de fazer ciência é reforçar os preceitos ditados pelo colonialismo capitalístico discutido anteriormente. É preciso lembrar que qualquer recorte de um fato histórico ou de um experimento científico é feito por alguém específico, localizado em um espaço-tempo específico, carregado de interesses individuais, coletivos e econômicos e uma série de cargas políticas, sociais, simbólicas, culturais e até genéticas específicas. Não se pode fazer ciência em suspensão abstrata, mesmo que se pretenda. Não se pode. Além da produção, a validação deste conhecimento passa pelo crivo de grupos cujo desempenho acadêmico seja reconhecido por esta mesma comunidade científica, que podem ou não homologar este ou aquele conhecimento como legítimo. Quem valida algo também o

faz por um interesse e cargas imbuídas. Aqui também pesa os modelos patriarcais e racionalizados de mundo idealizados e hegemônicos que regulam o sistema mundial ocidentalizado.

Nesta lógica de retroalimentação, há uma disciplina restritiva e produtivista na construção do conhecimento e na constituição do que venha a ser considerado um saber válido. A construção deste saber é balizada pela epistemologia dominante através de suas ideias de verdade (KILOMBA, 2019; NAJMANOVICH, 2015). Ao passo que disciplina e organiza o saber, cria outras formas de opressão e desigualdades, reforçando a desigualdade da realidade social de outros modos de produção de conhecimento, fora do campo de verdades reconhecíveis, podendo ou não ser relegados a saberes alternativos ou ditos não científicos.

A construção do conhecimento não é uma prática neutra isenta de afetações e influenciam diretamente que tipos de sujeitos são construídos a partir das implicações e desdobramentos destes conhecimentos nas práticas sociais e culturais. Lembro aqui de Rubem Alves que metaforicamente associava a nossa formação escolar a uma máquina de moer carnes e caso não coubéssemos numa bandeja retangular, representação metafórica para a seleção de ingresso à universidade, não iríamos para as prateleiras e não teríamos visibilidade tampouco valor, estaríamos descartados e não caberíamos naquele grupo (ALVES, 1994). Não produzimos e reproduzimos padrões, então não servimos.

A arquitetura também não se constitui de uma prática neutra. O espaço não é neutro e ele opera uma diversidade de influências sobre nós e nossas escolhas (MASSEY, 2008). Ele atua em como as coisas acontecem. O espaço construído tem a capacidade de organizar o cotidiano e assim atua diretamente em nossos corpos. A arquitetura é algo socialmente construído, situada, circunstanciada e derivada de uma vida cotidiana com exigências temporais, mentais, afetivas, emocionais e sociais específicas igualmente construídas.

Enquanto arquitetos, nós igualmente desempenhamos uma função que é socialmente construída com exigências específicas igualmente construídas. Funcionamos como uma “roda de engrenagem” da produção capitalística do espaço e somos nós também produtos desta construção. Tudo isso envolve muito mais coisas do que um compromisso pessoal com a produção da cidade ou de uma evolução pessoal individualizada. E isso se aplica a qualquer arquiteto, independentemente da escala de sua intervenção ou seu reconhecimento. Mesmo que pareça carismático, progressista ou todo-poderoso, está envolvido com a construção de um mundo artificial para conter a civilização, com o objetivo de moldar os outros a se adaptarem a suas concepções e desejos pessoais e particulares, ou concepções e desejos pessoais e particulares de uma outra pessoa ou de um poder.

As ações promovidas pelos arquitetos e urbanistas, sejam nas escolas, escritórios ou no âmbito da pesquisa, envolvem irremediavelmente relações de saber, poder e produção de subjetividade. Por isso mesmo o arquiteto e urbanista, enquanto profissional, professor ou pesquisador deve ter consciência da conotação política impregnada em seu trabalho. Para que possamos nos afastar das meras reproduções e propagações dos dogmas instaurados de agir e pensar relacionados a uma arquitetura preestabelecida pela matriz conceitual moderna, que é base da grade projetual e construtiva de nossas escolas de arquitetura, enquanto discurso de verdade absoluta, salvo em poucas exceções, observamos que se faz necessário pensar de que modo é possível inserir o debate de um projeto político contemporâneo na arquitetura.

Apoiando o modelo promovido pelo paradigma moderno, acabamos por incentivar uma formação que homogeneíza. Percebe-se, que grande parte dos arquitetos e estudantes age como se fossem guiados apenas pelo processo imagético difundido pela arquitetura e urbanismo capitalista contemporâneo, tencionando-a ao limite enquanto imagem-materialidade e as simplificações da noção de arquitetura são inevitáveis.

Muito de nosso modo de imaginar o espaço acaba sempre em tentativas de dominá-lo. A história da arquitetura, em sua relação direta com a espacialidade, lida constantemente com esta pretensa dominação demiúrgica. Desde nossos primeiros traços, acabamos por experimentar o mundo como presença objetiva, simplesmente apreendendo as coisas como se nos apresentam com pragmatismo e o caráter de contingência da condição de humanidade é deixado de lado. É esta contingência do

espaço vivido em seu rearranjo constante que torna possível a abertura política do campo da arquitetura. Estas mesmas que temos deixado de lado ou tentamos a todo custo circunscrever em modulações materiais de concreto e aço.

Assim, a forma espacial abstrata por si só não pode garantir coisa alguma sobre o conteúdo social, político ou ético das relações que constroem aquela forma. Partindo de Martin Heidegger, Tim Ingold conclui que “as formas que as pessoas constroem, seja na imaginação ou no concreto, surgem dentro do fluxo das atividades em que estão envolvidas, nos contextos relacionais específicos de seus envolvimento práticos com aquilo que as rodeia” (INGOLD, 1995; MASSEY, 2008).

À primeira vista, falar o que quer que seja a favor de uma abertura política no campo disciplinar das arquiteturas pode parecer um paradoxo. Mas devemos ter em conta que não é mais de disciplina que se trata, mas de conjunções relacionais para uma aprendizagem mais intensiva e não extensiva. Cada vez mais a arquitetura tem se afastado das necessidades do ser humano e da sua casa, a terra. Do lugar em que estamos é necessário repensar absolutamente tudo, inclusive nossos modos de construir territórios. O que está em jogo é a sobrevivência humana, não humana e de inúmeros ecossistemas no planeta. Tal como nas epistemologias, reforçamos que não há neutralidade em nossas práticas ou ofícios arquitetônicos. “Eles produzem efeitos concretos sobre outros corpos”, em todos os corpos, desde a “extração de materiais para eles necessários, nas relações humanas por eles engendrados, e até na coprodução

da subjetividade ou nos modos de habitar, pensar e sentir por eles parcialmente arranjados” (GUIZZO, 2019), tudo em absoluto nos afeta.

A ausência de futuro já começou, é a ruína da civilização global e ela anuncia um presente sem porvir, ao menos para a humanidade ou grande parte dela. Esse fim talvez não corresponda à destruição do planeta, mas ao nosso modo de ser e de estar, enquanto humanidade no mundo (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014). A ruína civilizatória se dá paradoxalmente a hegemonia do homem. A hegemonia do dito cidadão, daquele homem reconhecido como padrão e agente do Antropoceno que a tudo submete e explora. Ou melhor, como aponta Haraway (HARAWAY, 2023), agente do Capitaloceno, desta era baseada no crescimento desordenado a custas do consumo das fontes planetárias, no contexto do capitalismo global, provocando um desequilíbrio no sistema Terra que inviabilizará a vida de diversas espécies aqui, inclusive a nossa.

Colapsamos. Já se decreta o fim da economia global como a conhecemos. A crise do capitalismo, apenas foi potencializada pela pandemia e evidenciados seus problemas com mais força. Acredita-se que, independentemente da necessidade de paralização mundial durante a pandemia, o sistema já havia apresentado sua tendência destrutiva (SOUZA, 2020).

Viver e habitar este mundo dependem de uma mudança de paradigma. O planeta já não suporta as transformações humanas em seu corpo. O vírus é uma resposta objetiva da

natureza à ação humana danosa e irresponsável e, caso não alteremos o curso de nossa própria história exploratória, certamente outras pandemias e epidemias eclodirão com poderes devastadores. Toda a ideia que tínhamos sobre a insustentabilidade do desenvolvimento humano predatório e as catástrofes amplamente anunciados por cientistas, xamãs e mães de santo (GUIZZO, 2019), se tornou um saber experienciado e incorporado, vivido em nossa pele e em nos pulmões. Ainda nos falta ar, muito ar. É doloroso respirar aqui.

Ailton Krenak nos (KRENAK, 2020) lembra, que o vírus também é natureza e cumpre o seu papel de se multiplicar e se fortalecer de forma exemplar. Há muita vida além da humana, e dentro do sistema terra somos apenas um ponto temporal civilizatório que criou um mundo artificial para se manter enquanto dominadores, mas não somos o sal da terra, não faremos falta na biodiversidade (KRENAK, 2020).

Do ponto em que estamos, nossas chances de sobrevivência enquanto humanidade, estão centradas nas resistências, entre alegrias e pessimismos, daqueles que ainda são considerados povos atrasados e periféricos. A esperança reside na aprendizagem por outros modos de lidar e experienciar a natureza, individual ou coletivamente. Nas experiências e conhecimentos endógenos e dos processos de produção de conhecimento das ditas sub-humanidades - que apresentem uma relação com a terra e com o mundo material de outros modos, onde Gaia seja parte da organização da comunidade, dos tempos, dos afetos e das produções sociais, biológicas, políticas e econômicas.

A alternativa está no território onde o homem e a natureza não são dispostos em separado e no singular, evidenciando ideias e sensibilidades capazes de reconhecer os diversos modos de lidar com a existência, nas mais diferentes culturas e sociabilidades. É um lugar de reconhecimento e incorporação das diferenças enquanto legítimas e complementares. Sociedades focadas no presente, preocupadas em viver o hoje, da melhor maneira possível. São povos lentos, que não estão preocupados com a produção de futuro, que vivem o presente espesso e se atentam aos chamados do tempo, do corpo e dos demais seres com quem coabitam e coexistem. Estão aí o tempo todo com sua sabedoria secular e ancestral e, de certo modo, escolhemos não vê-los ou ouvi-los, mas já não temos mais tempo para negá-las.

Foucault nos ajuda a compreender que o corpo é o lugar de construção da ideia de sujeito, da construção da ideia de mundo e, ampliando este sentido, do lugar da própria ideia de ser ou fazer-se arquiteto. O corpo e a formação do próprio sujeito são inseparáveis, não há experiência separada do corpo (FOUCAULT, 2013). O corpo é o ponto de partida e o ponto de chegada deste processo, é onde tudo cruza, atravessa e volta. O corpo é o lócus da própria existência. Mas o corpo e o sujeito não se fazem sozinhos.

Precisamos incorporar as nossas experiências na elaboração desta existência, nossos modos de viver e de habitar o planeta dependem de uma mudança de paradigma. O planeta já não suporta as transformações humanas em seu corpo. O vírus é uma resposta objetiva da natureza à ação humana danosa e irresponsável. Toda a ideia que

tínhamos sobre a insustentabilidade do desenvolvimento capitalístico-colonizatório e exploratório-predatório se tornou um saber comum experienciado por toda a humanidade, em maior ou menor grau, e nos dá a oportunidade de criar uma perspectiva diferente para que uma nova história possa ter lugar.

É necessário desacelerar o tempo, acionar os afetos, redescobrir e descolonizar e vitalizar o corpo, cantar, dançar e, como sugere Krenak, viver a experiência mágica de suspender o céu. Essas experiências tem a capacidade de ampliar o horizonte existencial e viver com liberdade (KRENAK, 2019). Cuidar do imaginário é cuidar da realidade porvir, é o foco de nossa ação contemporânea e também é política.

[...]

Não sei em que tempo-espço ou em que dimensão você que me lê está, não sei se tem codec para ler estes dados. Conseguimos sobreviver ou o que nos tornamos a partir daqui? Ainda há horizonte? Ainda somos uma humanidade? Conseguimos criar outros meios de ser humanos e de construir nossos novos corpos e nossos territórios? Ainda existe arquitetura? Aliás, pra que serve a arquitetura?

[...]

As trombetas do apocalipse tocaram na semana passada e nem isso fomos capazes de escutar.

Martela insistente em minha cabeça o verso de Caetano Veloso - “Existirmos: a que será que se destina?

Vou parar de pensar o futuro, enxugar os olhos, olhar pela janela e encontrar o horizonte, acho que é pra lá que mora a utopia.



terceiro movimento



Imagem 18 – Tudo mudou, nada mudou, nada está dado, tudo é mar de possíveis. Aquarela e posca sobre papel de algodão. MRibas, agosto de 2020.

Daqui de onde escrevo a vejo atenta, espacialmente deslocada tanto ou mais que eu mesma. Ela, a Pesquisadora, afasta-se de mim por um acaso de tempo. Três meses e 120km nos separam. Ela é um eu mesma só que outra, transportada por mim, de um passado recente, para este futuro que somos no presente agora. A vejo sentada e sedenta diante de uma tela de computador, ansiosa por acompanhar a cerimônia de abertura de um evento científico em todas as transmissões possíveis que sua tela e sua rede podem suportar. Silenciosamente ela agradece aos presentes pela generosidade exibicionista de fazerem seus streamings on-line, sem eles não poderia estar lá.

À medida em que se ambienta, se projeta para este tempo-espço que acompanha virtualmente. Ela olha e se observa sentada no terceiro banco à direita, próxima ao detalhadíssimo púlpito barroco e nele se perde. Será que ainda suporta o peso de

⁴³ Uma versão deste texto foi submetida ao sexto Urbicentros, em junho de 2023, em artigo chamado “Chegança: um rito para despentear a mesa, assanhar a espinha e revolver o pensamento sentado”. A versão completa do artigo apresenta outros trechos que foram escritos em parceria com Maria Isabel Rocha e Ana Rosa Negreiros.

alguém aí em cima? É imediatamente atravessada pelo som doce de uma flauta e tenta em vão enxergar alguém lá em cima.

A cidade velha é uma joia à espera da lapidação dos nossos olhos para começar a ser vivida, para começar a viver. É a senhora dos profundos olhos azuis quem o diz. Ela é moradora do centro de João Pessoa e lembra que a cidade está aí, todos os dias, o dia todo esperando a lapidação de nossos olhos, mas não só. A hora mais profícua para o início da prática de lapidação dos olhos é a madrugada. A cidade silencia e a coruja pia. É preciso apurmar os ouvidos para ouvir também. A terra esfria. Ao longe, a memória do trem se cruza com as badaladas do relógio do Liceu que canta com as jandaias para acordar outra vez a cidade e o dia. A memória da velha senhora brilha em seus olhos e irradia o poder daquelas pedras que sussurram à volta dela, da Pesquisadora e dos demais participantes do encontro.

A cidade, o centro, o convento, a nave franciscana também já são outras, mas ainda as mesmas. Não nega o que foi um dia, mas traz consigo as oportunidades de vir a ser. Vir a ser é um modo de dar continuidade ao tempo e acolher as possibilidades. A velha senhora lembra da importância do tempo e de suas mutações, lembra que as paisagens mudam o tempo todo, os sons mudam, os cheiros mudam, a temperatura muda, as vivências mudam e se rearranjam no atravessar dos tempos, dos espaços, das gentes e de outros seres. Enquanto convidava cada uma e cada um a abrir seus ouvidos um pouquinho mais, ela se manteve confortavelmente sentada ao longo de sua

permanência na mesa de abertura, afinal, ela pertencia àquele território e carregava suas raízes no centro histórico, era quase como um duplo entranhado dela mesma.

Enquanto as pessoas da mesa abriam suas falas na tentativa de desenhar seus *gestos para habitar o centro*, a Pesquisadora observava toda sorte de sujeitos ali presentes. Sujeitos humanos e não humanos, de carne, de seiva, de madeira, de arenito, de tinta e mais. Exceto a senhora dos olhos azuis, que era quase como a própria cidade velha encarnada num corpo de gente, todos tentavam encontrar algum tipo de ajustamento com o lugar.

Corpos sentados, presumidamente hábeis receptores passivos das informações a eles destinadas, compreendedores dos protocolos de mesa, sabedores dos modos de se portar em uma cerimônia de abertura. Corpos sentados em bancos lisos enfileirados, voltados para frente. Perspectiva única. Sentados enfileirados olhando para frente. Posicionados contra a natureza própria do corpo que é fluxo, que é água, que é movimento. Por isto mesmo, completamente atordoados pelo assédio da opressão simbólico-litúrgica da nave da Igreja de São Francisco. Corpos-pensamentos sentados: neste ponto, talvez não. Uma professora, também sentada à mesa, levantou-se e deu a deixa: vou desobedecer, só um pouquinho.

A desobediência é necessária aqui. Desobedecer para amolecer esta aura de subserviência conservadora colonial que se impregna na matéria. Desobedecer para fissurar e questionar os ritos sociais prescritos. Desobedecer para que o encontro tenha

espaço e tempo para costuras, afetações e acoplamentos. Desobedecer não equivale a negar a existência do que está dado, mas de possibilitar a criação de novas camadas dentre as tantas camadas possíveis. Desobedecer é fundamental para construir uma educação como dimensão política, de um saber comprometido com a diversidade das existências e das experiências. Desobedecer aos ritos dados é oportunizar um porvir implicado.

Outro professor⁴⁴, não presente nesta mesa, mas pertencente à memória que carrego dentro, nos ajuda a pensar ao questionar “como honrar as existências que serpenteiam no tempo e ritualizar a vida como algo que não seja meramente utilitário?”. Para ele, “a educação deve ser entendida como uma forma de erguer existências, mobilizá-las, uma encantaria implicada em contrariar toda e qualquer lógica de dominação”. (RUFINO, 2021, p. 12)

O corpo da Pesquisadora, insistentemente procurava por posições mais cômodas para suas pernas curtas levemente penduradas, para descomprimir suas escápulas apoiadas sobre a régua de madeira que compunha o encosto daquele banco, para ver por entre os participantes da fileira à sua frente, para não atrapalhar a vista dos participantes da fileira atrás da sua, para conseguir enfim aterrar ali. Nesta inquietante e tateante investida em favor de um assentamento, mesmo que precário, seus olhos percorriam

⁴⁴ Aqui me refiro ao professor Luiz Rufino, que em seu livro Vence-demanda: educação e descolonização (RUFINO, 2021), nos ajuda a pensar nas possibilidades de escape para construção de vias possíveis na educação e na travessia desta existência como seres inconclusos e relacionais que somos.

cada reentrância e cada saliência da igreja e seus adornos, e também dos corpos dos outros. Mas que ideia! Tal Taiguara, que traz em seu corpo as marcas de seu tempo, ela lembrou de seu assento noutra evento de mesmo nome ocorrido em de 2016. Estava ao fundo da Igreja de São Frei num novembro fervente do verão pessoense, tentando, a todo custo, ampliar o alcance de sua audição e enxergar as projeções no painel diante do altar. Ambas tentativas fracassadas. Ela precisava de algo que lhe desse paragem e autorização para desobedecer ao que introjetara nela mesma enquanto protocolo a seguir.

As falas continuavam e ela foi enfim capturada quando um dos pesquisadores presentes na mesa anunciou que era o incômodo que o fazia mover. Que eram as questões que nos faziam andar, que nos faziam sair do nosso lugar confortável de observação protegida e consolidada. As falas da mesa se emaranhavam e não havia mais como desatá-las, nem era preciso. O importante era desmanchar a estrutura dos códigos pré-determinados e nos mover, quer com chuva, com sol, com poeira, com barulho, com o vuco-vuco de gentes nas calçadas, com o silêncio e toda fantasmagoria das madrugadas e suas corujas.

Desenhar outros agenciamentos neste palimpsesto que é próprio da cidade vivida e da vida que segue e ressurge outra de tempos em tempos, diversa e complexa. Importa ainda, reconhecer e frequentar os lugares que carregam potências da vida plural que é própria do centro. Por fim, o último convite da mesa e, talvez, o mais empolgado:

ocupem com variedade, experimentem se derramar por mercados, feiras, cemitérios, rodas de samba e, vamos aos bares! Não há centro vivo sem bares.

Estava dada a permissão para a existência de outras linguagens que não fosse aquelas das palestras e das mesas. A ideia de ter corpos-pensamentos sentados não era a tônica do encontro, mas isso só ficou claro para ela quando todos os presentes foram atingidos pelo batuque de terreiro de um grupo percussivo nascido e alimentado naquelas bandas da cidade. Quase como um suplício, um grito e um aval, o coordenador conclamava: “que nos tirem desta igreja e nos guiem em cortejo até a praça do rio branco”. A Pesquisadora titubeou. Todos os participantes titubearam. O que devemos fazer, como nos portar? Podemos desobedecer ao rito e responder ao chamado do corpo ora convocado?

O toque certo do terreiro adentra a igreja, os corpos hábeis e malemolentes deslizam enquanto dançam afoxé carregando seus trajes de celebração. Pouco a pouco os participantes foram se movendo e ficando de pé, arrepiados, emocionados, mas incertos sobre o que fazer. Tentando entender o porquê do vacilo culposo e autorregulador da entrega de si mesmo ao que pulsava dentro, recorri a Haddock-Lobo em Arruaças:

Naquele momento, eu já começava a intuir que as moças que querem dançar são um problema para o reacionarismo, e que sempre representarão um problema, uma vez que seu desejo de dançar é a afirmação daquilo que têm de mais próprio e de que tanto precisam: sua identidade em movimento”. [...] “aprendi que o acontecimento é o que

vem, independentemente de se esperar ou não. No entanto, mais ainda, e só hoje eu tenho a dimensão disso; aprendi que, para que todos esses saberes possam se fazer ouvidos, é necessário um forte empreendimento contra o espírito positivista e o conservadorismo. (SIMAS; RUFINO; HADDOCK-LOBO, 2020)

Se dançar é demarcação da potência do corpo, acolhemos a desobediência oferecida inesperadamente para nos abraçar com o estranhamento, um acontecimento desarranjador de códigos, despenteador da espinha, da nuca e de todos os pelos do corpo, dos corpos ali antes sentados perfilados. Pelo batuque que era estranho àquele lugar, fomos todos atingidos pelo tambor dentro do nosso próprio corpo, nossas membranas também são tímpanos e vibram reverberando aquilo que nos atinge. Vivificamos. O tremor nos move.

Ao mesmo tempo que o som, os corpos que atravessavam a portada também eram estranhos àquele lugar. Inseguros de que o próximo passo era mesmo entrar na igreja, vacilaram e precisaram ter certeza que sim, era hora de entrar em cortejo naquela nave. Não era confortável, não era o lugar daqueles corpos em tempos outros. Este acesso lhes era negado. Entraram dançando com os pés descalços arrastados e agarrados ao chão, chão de cerâmica cozida, terra cozida, carregados de intensas e ásperas memórias, barro daquelas redondezas e também ele modelado e assentado por gente como aquelas que magicamente entravam carregando suas raízes e seus tambores, suas saias e turbantes brancos, tal como águas, lavando, benzendo, desalinando, movendo,

torcendo, tremendo, levantando os corpos e pensamentos antes sentados e ensimesmados.

A dança oportunizada pelo estranhamento me aproximou novamente do corpo da Pesquisadora, os tempos e espaços se mesclaram e agora só somos sendo em comum. Não é mais possível ser só, aliás, nunca foi possível. Não sei por que caímos nessa conversa algum dia. Seguimos juntas nos derramando e ocupando esta cidade, que agora é outra cidade. Construindo a nós e a cidade nesta dança que é o próprio movimento que nos constitui como seres coletivos, que nos constitui-com, que nos faz-com. Em um tempo que é outro e dum nós que possa vir a ser, me desconecto e me despeço. Acabaram todas as transmissões.

[...]

Períodos de convulsão são sempre os mais difíceis de viver, mas é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbis. [...] Nesse grau de expropriação da vida, um sinal de alarme dispara nas subjetividades: a pulsão se põe então em movimento e o desejo é convocado a agir. E quando se logra manter em mãos as rédeas da pulsão, tende a irromper-se um trabalho coletivo de pensamento-criação que, materializado em ações, busca fazer com que a vida persevere e ganhe um novo equilíbrio. Por isso momentos como este de agora são sempre também os mais vigorosos e inesquecíveis. (ROLNIK, 2018, p. 25)

Os desdobramentos psíquicos, emocionais, físicos, sociais e econômicos dos dias de desesperança pandêmica, ainda insistem em nos atropelar e tem demonstrado, neste presente agora, o seu grande poder de desarranjo corpóreo em muitos de nós, em nossos alunos e nossos colegas. Novamente, é preciso demarcar aqui que não somos um corpo e uma mente operando em separado, somos este aglomerado corpóreo de afetações com outros corpos, aglutinados, situados e em constante mutação.

Ainda ontem, ouvi de colegas professores que a pandemia acabou há muito tempo e que já passamos da hora de agir com racionalidade operacional visto que a vida prática segue. Ora, nunca é demais lembrar que a temporalidade das inscrições no corpo não é determinada pela dimensão cronológica do tempo modelado para o domínio produtivista deste sistema-mundo em que estamos metidos até o pescoço e que a cada dia se aprimora em sua deliberada perversão. Inclusive, como vimos anteriormente, nos modos de construção de saberes e dentro das universidades. Por mais que tendamos a racionalizar nossos atos, porque assim fomos programados, respondemos de distintos modos. Somos seres distintos e sofremos de diferentes maneiras e graus de densidade. Violência subjetiva é aquela que nos torna incapazes de agir⁴⁵.

⁴⁵ Para saber mais sobre o tema da violência subjetiva e das implicações de um *inconsciente colonial-capitalístico* em nossa sociedade contemporânea – dadas as novas alianças entre o neoliberalismo financeiro e as forças reativas neoconservadoras – ver o livro *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*, da professora, pesquisadora, filósofa e psicanalista Suely Rolnik (ROLNIK, 2018).

É preciso dizer ainda que nunca vi tantos estudantes e professores apresentando distúrbios de ordem psíquica e emocional dentro da universidade e também nas escolas. Desarranjos derivados dos efeitos colaterais do apartamento dos corpos e da desorientação subjetiva que experimentamos e de todos os medos e opressões que vivemos na pandemia. Após quase dois anos de atividades remotas, o retorno das aulas presenciais em um ambiente de devastação psíquica foi acompanhado pela necessidade de incorporar ao Centro de Artes e Comunicações da UFPE, um grupo de apoio terapêutico e também atendimento clínico em psicologia para discentes no Centro de tecnologia da UFPB, onde estão lotadas as escolas de arquitetura de ambas as universidades.

Muitos de nós temos sido convidados a receber treinamentos para conseguir identificar possíveis desequilíbrios em nossos alunos e alunas e conseguirmos encaminhá-los com o cuidado e acolhimento necessários. E este é apenas um pequeno exemplo da dimensão dos efeitos colaterais da experiência vivida. É urgente que enquanto professores possamos compreender que as questões afetivas importam, a dimensão corpórea importa. Afetos não são propriedades individuais, mas modos de nos constituir enquanto seres relacionais que somos.

A partir deste evento traumático da pandemia, passamos a nos relacionar mediadas por aparatos eletrônicos e uma tela azul se manteve por muitos e muitos meses presente entre nós. Desde reuniões, casamentos, aulas, festas e conferências, uma tela mediava nossas relações. Em uma dessas conferências, onde pude estar virtualmente “presente”,

Krenak alertou que não seria exagero dizer que ali não estávamos nos comunicando de verdade uns com os outros. “Passando por esta experiência cognitiva, estamos, mais ou menos, concordando que estamos conversando”, era preciso lembrar ainda que tudo isto era temporário e se dissolveria em breve.

Ele complementa o argumento apontando que se comunicar é fazer pontes e que estávamos experimentando ali uma comunicação limitada e que requer um outro tipo de presença, isso faz com que nem sempre nos entendamos. Encontrar e formar alianças requer “emaranhamentos cara a cara, de mão em mão” (HARAWAY, 2023, p. 208). Estar presente implica um modo de ser e de se fazer corpo, um modo de ser tocado e de tocar, um jeito de se portar e de se envolver que é situado e esta dimensão não se faz perceptível numa participação limitada do corpo.

Situamos no corpo, no território e no tempo, mas também sofremos um intenso processo de desterramento. De certo modo des-situamos. Des-situar é desarranjar o antes re-arranjado. É indicativo da necessidade do movimento constante, da inconstância do saber que se crê já sabido, de corpos que dançam e que a cada novo arranjo e a cada novo encontro se des-situam e se re-situam dentro dum tempo que é cíclico. Ao mesmo tempo em que o desterro e o desalento provocados pela viagem pandêmica vivida mundialmente, mas tensionadas a partir de individualidades embolhadas e isoladas, ao no máximo em pequeníssimos grupos de iguais, nos afastou

de outros corpos, nos trouxe outras possibilidades de acessar informações e articular saberes que anteriormente pareciam inacessíveis. Diminuíram-se as fronteiras e o espriamento da palavra avançou com mais facilidade pelas redes.

A senhora dos olhos azuis e todos os outros corpos presentes naquele encontro me convocaram a refletir sobre percepções que talvez eu não fosse capaz de atentar estando dentro da cena vivida. Pela demasiada carga de informações existentes e também pela minha afinada destreza pelo desfoque, seria necessário operar um tipo de abstração capaz de selecionar as partes com as quais eu fosse capaz de me envolver. A partir de minha projeção ficcionada, meu corpo foi afetado, minha memória acionada e pode fazer associações outras.

Minha experiência virtual, fisicamente distanciada e temporalmente apartada, me fez perceber um outro modo de comprometer-me com a aprendizagem. Outro modo de relacionar-se com os encontros e seus desdobramentos. Mas é bom que tenhamos claro que este deslocamento me impede de fazer alianças afetivas com os demais corpos que experienciaram aquela situação em presença. Fazer pontes em presença tem a capacidade de alargar a imaginação e mudar as narrativas.

Haraway nos lembra que “devemos reaprender a conjugar mundos em conexões parciais, e não em universais”. Ter respeito e cuidado uns com os outros em suas alteridades significativas é ser também co-responsável pelo modo como vamos desenhando nosso caminho – ou como a própria Haraway sugerem em seus jogos de



Imagem 19 - Print de tela. Aula on-line de Projetos 7. UFPE, 2022

palavras: ter *respons-habilidade* uns com os outros nos faz evoluir juntos. “Nem os bichos nem as pessoas poderiam ter existido ou resistido se não pudessem contar uns com os outros por meio de práticas curiosas e contínuas. Vinculados a passados ainda em curso, eles avançam juntos em presentes espessos e futuros ainda possíveis.” (HARAWAY, 2023, p. 239)

Retomo as palavras de Pasqualino: a gente só deve ensinar o que não sabe. Agrego as orientações do poeta⁴⁶ que nos acompanha desde o início desta conversa, e que em uma *didática da invenção* nos diz que “desaprender oito horas por dia ensina os princípios”.

⁴⁶ Manoel de Barros, poeta pantaneiro e hábil desarranjador de palavras e desfuncionalizador de coisas. Ver mais em “O livro das ignorâncias” (BARROS, 2001)

Assim como eles, Mônica Hoff nos ajuda quando pergunta, em *avizinhar fabulações*, o que queremos desaprender de verdade?

Desaprender não é um exercício simples, implica des-caminhar, ou fazer des-andar uma série de normas, regras, formas e conhecimentos sistemática e historicamente construídos e naturalizados. [...] Trata-se de uma espécie de contrapedagogia em público, em que as formas de pensar, sentir e agir se renovam e se revisam ao mesmo tempo – como medida social mas também como ritual político-estético individual. Tem a ver com habitar nossas experiências diárias, reconhecer nelas regimes de opressão instaurados historicamente, e reinventar este lugar. Significa abandonar certas cadeiras, deixar determinados palcos, recusar certos cenários e jogos e, assim, *não negociar o inegociável*. [...] Desaprender é um basta – necessário e irrevogável. (HOFF, 2021, p. 293–295)

Para isto, precisamos começar a imaginar corajosamente, como nos orienta Krenak⁴⁷. Desaprender exige outros modos de imaginar, requer outros métodos de aprender, outros gestos e também envolve nossos sonhos e um conhecimento que se dá na ordem do vivido, de um fazer-viver-com. Como nos diz Hoff, “aprender cobra nossa disponibilidade. Desaprender (o que está posto) custa nossa coragem” (HOFF, 2021).

O conhecimento que nos interessa é aquele que vibra dentro, que agita o estômago, que embaraça o fígado. Um conhecimento encarnado que não cessa e se arranja entre

⁴⁷ Em entrevista ao programa Roda Viva em 19 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4>. (“Roda Viva | Ailton Krenak | 19/04/2021”, 2021)

afetos, mãos, olhos e vísceras. É um saber que envolve tudo o que somos. Pensar e saber são processos relacionais que requerem cuidado. Pensar com cuidado é uma escolha não inocente que nos situa no tecer coletivo de nossos mundos interdependentes.

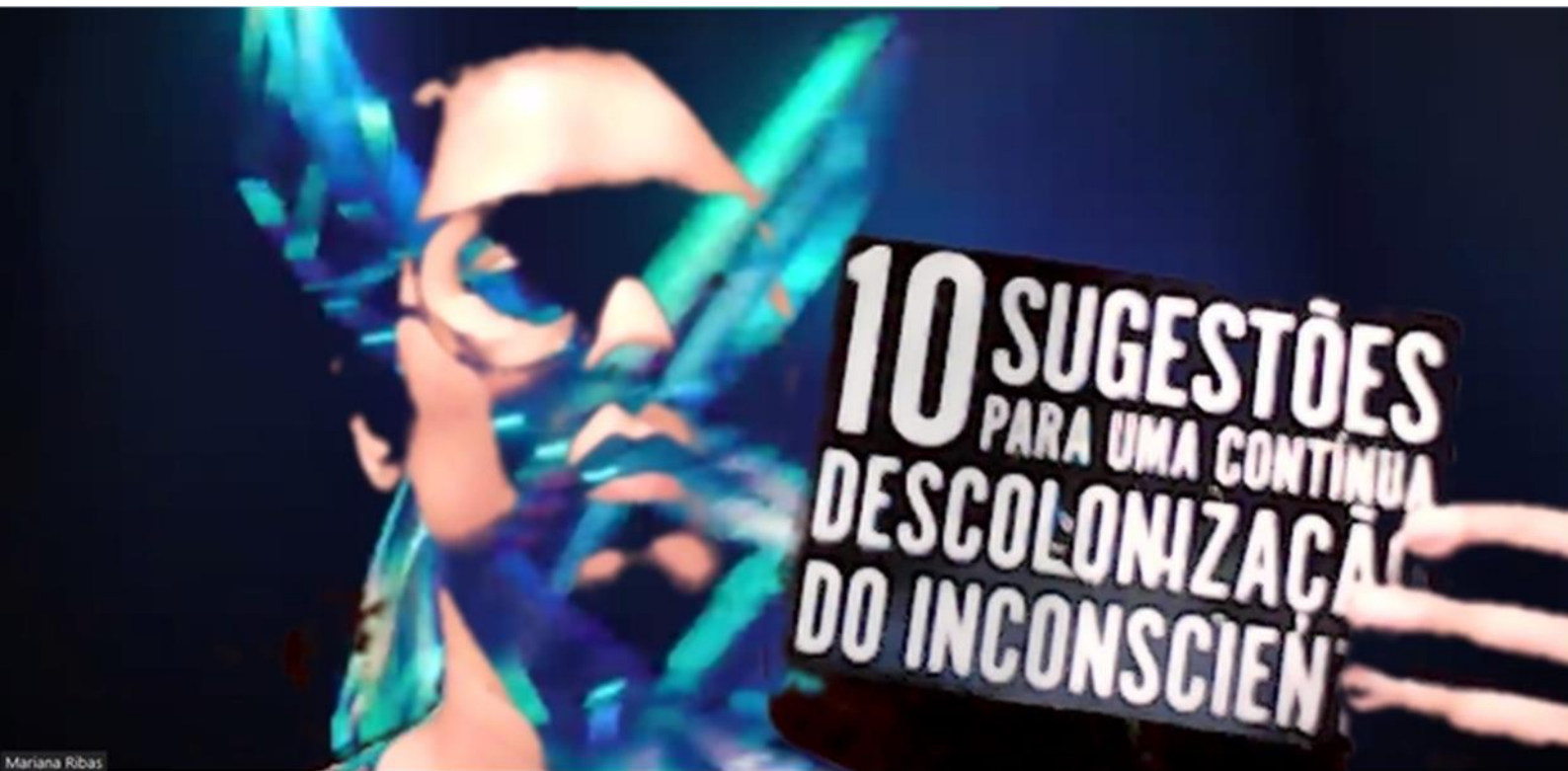
Como faremos para encarnar esse aprendizado reconhecendo nossos corpos, territórios e tempos como dispositivos para um conhecimento encarnado, intransferível e intrinsecamente afetado? Como carregar estas questões para a sala de aula, como pensar em nossos alunos e suas alteridades significantes? Te convido para pensarmos juntas a partir daqui e tentar trabalhar com estas cismas que me perseguem.

Nossas obrigações ético-políticas implicadas na construção destes saberes situados e do conhecimento encarnado são contagiosas, ou bem, ao menos, deveriam ser. Proponho com Rufino, “riscar com nossos corpos outras formas de inscrever a vida, a final, esperar não é meramente um desejo, mas uma necessidade, uma política para a emergência de outras presenças.” Rufino em (SIMAS; RUFINO; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 91).

Infelizmente não carrego uma receita na manga para derramar aqui. Tampouco possuo certezas sobre como faremos para situar o conhecimento encarnado em sala de aula, trago apenas pistas e muitas perguntas. Mas vale lembrar que corpo também é casa e é preciso habitá-lo com responsabilidade e cuidado. Nele tem lugar o nosso fazimento.

Busco novamente nas palavras de Célia Xakriabá um alento de quem se sabe terreno e coletivo, de quem tem a terra como avó e se ampara no saber enraizado e impregnado pelas práticas tecidas de nó em nó antes mesmo de pensarmos estar por aqui. Para *amansar o giz*, ela diz que “é preciso começar fazendo por algum lugar, e a única pista que eu daria nesse sentido é: aprenda a se descalçar dos sapatos usados para percorrer caminhos e acessar conhecimentos teóricos produzidos no centro. Deixe os pés tocarem o chão no território” (XAKRIABÁ, 2020b). Desde aí já seremos pés coletivos cujo conhecimento se dará no território do corpo.

Imagem 20 - Print de Tela. Debate on-line Arquitetura Ambiental. Sobreposição de imagens com postal de Suely Rolnik. MRibas, 2020.



DEVIR-COM ARQUITETA APRENDIZ OU QUATRO FUNDAMENTOS PARA DANÇAR COM O PORVIR

Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo é isto: que as pessoas não são sempre iguais, elas inda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade Maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra de montão. (ROSA, 2021, p. 26)

Nós nos dirigimos aos inconscientes que protestam. Procuramos aliados. Precisamos de aliados. E temos a impressão de que esses aliados já existem, de que não esperaram por nós, de que há muita gente que está farta, que pensa, sente e trabalha em direções análogas: nada a ver com moda, mas com um ‘ar do tempo’ mais profundo, no qual se fazem investigações convergentes em domínios muito diversos. (DELEUZE, 1992)⁴⁸

⁴⁸ Em entrevista a Catherine Backès-Clément, junto com Félix Guattari, em 1972.

Por aqui, finalizamos esta conversa como começamos: mergulhadas no caminho que nos leva a realização da incompletude. Este movimento é um movimento por natureza inacabado e aberto para o futuro, porque é isso que nos faz mover. Do futuro que segue e que nos dá a chance de viver e escrever novas e outras histórias, sabemos apenas das sementes que temos plantado neste presente agora, espesso e frutífero. Para mim, a escrita impregnada deste texto é um grande risco, mas também tem se tornado cura.

Sopro a encantaria trazida por Rufino⁴⁹: “não basta catar a folha, é preciso saber cantá-la”. É preciso saber cantar a educação com respeito e compromisso. E é preciso saber cantar também a arquitetura! Mas vimos que só quando conseguirmos permitir cantar o corpo é que teremos chance de nos desfazer dos emaranhantes contratos de subordinação e pactos hegemônicos tomados por canônicos. Saber cantar e dançar o corpo, festejar com os pés no chão e compartilhar a existência nesta terra. Incorporo o encantamento trazido por Stengers⁵⁰: “não acredito em uma ciência em que não se dança” visto que dançar nos ajuda a des-fender o corpo em alegria. Des-fender é mais que juntar o que antes esteve partido, aos cacos, especializado e fragmentado. É um rito de acoplamento, da incorporação de outros corpos e suas alteridades significativas a nossos corpos e ao nosso porvir.

⁴⁹ Ver mais em *Vence-demanda: educação e descolonização* (RUFINO, 2021)

⁵⁰ Ver mais na entrevista com Isabelle Stengers: *Uma ciência triste é aquela em que não se dança* (DIAS et al., 2016).

Entretanto, alerta Rufino, da mesma folha que se faz o remédio, também se faz o veneno. Estejamos atentos visto que a manipulação faz toda diferença. Importa como vamos soprar a folha, importa com quem vamos soprá-la. Importa com quem fazemos nossas alianças afetivas, com quem compartilhamos nossa rebeldia, desobediência, amor, cuidado e com quem pactuamos a construção de nossa liberdade. Nunca é demais dizer em alta voz que “revolução é recordar aos indivíduos que eles são livres” (CARERI, 2016).

Importa com quais pensamentos pensamos, com quais teorias teorizamos, com quais ideias compartilhamos, com quais corpos nos aliamos. Por isso, às vezes, se faz necessário des-situar e nos despir do que carregávamos no cesto de nossas certezas inabaláveis e duvidar. Desaprender e desobedecer é isso, mesmo que só um pouquinho. Não é questão de reatividade, é questão de autorreflexão e assentamento no tempo e no espaço visto que o pessoal é político e nossas narrativas importam. Des-situar para re-situar e continuar a existir de outros modos, inscritos na diversidade e na coexistência com os demais seres terrenos.

Ao longo das histórias e reflexões entramadas e experimentadas por aqui, enunciadas a partir do composto produzido em meu corpo-aprendiz-encarnado de arquiteta desconfortável e professora inquieta, à medida em que era envolvida e me envolvia com os demais seres e corpos que se acoplaram comigo na constituição de outros corpos e perspectivas, quatro fundamentos se apresentaram como uma grande síntese desta

epopeia não heroica e, portanto, pertencente a escala dum devir-menor em que o fazer-com e o ser-com é chave fundante.

A construção do conhecimento em arquitetura se dá na medida em que nos disponibilizamos ao encontro, tecemos nossas redes e trançamos nossas escolhas sobre o estabelecimento de alianças afetivas com os demais corpos, humanos e não humanos. Considerando que tais redes e alianças sofrem rearranjos e convergem noutras agências na medida em que os aprendizados se dão.

O lugar em que se dá este aprendizado é o corpo. Entretanto, não existe corpo separado da experiência, tampouco do espaço ou do tempo. A aprendizagem sempre se dá de forma situada, com suas redes e alianças igualmente situadas e em relação a outros corpos, territórios e tempos.

O que um corpo aprende não é igual, nem em forma, nem em conteúdo, **ao que um corpo outro aprende**. Dado que não há igualdade entre corpos e dada a rede e alianças afetivas constituídas ao longo de sua existência, das memórias e saberes impregnados em cada corpo.

Cada corpo aprendiz carrega o aglomerado de que é conformado para a sala de aula, quer seja estudante de arquitetura, quer seja professor de arquitetura, e ambos aprendem juntos à medida em que se envolvem com responsabilidade uns com os outros e com os demais corpos.

Ao abordarmos a ideia de projetualidade que, como vimos, seria o saber de nosso campo disciplinar que se encarrega de organizar e aprimorar o mundo visível e materialmente construído enquanto realidade sensível, tanto quanto aquele que opera na elaboração do conhecimento arquitetônico, temos que projetar é um modo de pensar e construir um conhecimento situado que preconiza o engajamento do corpo que experiencia este processo. Deste modo, o ensino da projetualidade não está restrito aos componentes curriculares de projeto, ele é da responsabilidade de todo o corpo docente e é baliza para o *corpus* de conhecimento da nossa formação acadêmica. A dimensão deste ensino é resultado do envolvimento implicado no corpo aprendiz, seja discente ou docente, visto que a aprendizagem se dá na dimensão da corporalidade.⁵¹

Ensinar e aprender arquitetura ultrapassa uma mera resolução de problemas arquitetônicos cujos limites sejam puramente físicos. Como conversamos um pouco antes, importa como nos situamos e como nos arranjamos para construir o saber. Este saber, mesmo estando no âmbito da arquitetura, extrapola decisões de caráter pragmáticos ou técnicos e nos coloca frente a uma complexa e cosmológica experiência sensível e acontecimental de construção e compartilhamento da vida. Conceber um *ethos* arquitetônico incita ao pensamento sobre a educação em si, no sentido em que a educação é a experiência e a prática de vir a ser e que nos “possibilita a codificação de

⁵¹ Em referência ao texto do professor Elvan Silva (SILVA, 2003)

novos seres que sejam capazes de gerar outras respostas ao mundo e gerir diferentes formas de habitar. A educação é o que marca nosso caráter inconcluso enquanto sujeitos e praticantes do mundo.” (RUFINO, 2021, p. 13). E o que nos dá a chance de nos abrir a outras possibilidades para elaborar nossas relações com a própria formação em arquitetura e também nós mesmos. Como diz Leo Name, é antes, uma aposta na desobediência projetiva⁵². Tal um rito para despentear a lógica, assanhar a aprendizagem e revolver o pensamento assentado. Fundamental é a experiência encarnada nesta abertura.

É urgente que saibamos o que andamos fazendo. A educação arquitetônica precisa construir seu próprio corpo de conhecimentos e essa construção só é possível de se dar de forma crítica, sensível, experienciada, situada e corporificada. Talvez pensar um futuro não inocente⁵³, a partir de categorias que não estão claramente dadas seja tarefa difícil. Ao menos, mais difícil do que o impulso irreflexivo de simplesmente reproduzir o que está dado. Lembro que apenas o que ainda não existe é que é da escala do possível.

Nos abrir para a reconfiguração do sensível no campo do ensino de arquitetura, incluindo outras narrativas, outras epistemes, outros modos de ser, de sentir e de se fazer enquanto coletividade, uns com os outros, humanos e não humanos, faz com que enunciados contra-hegemônicos e descoloniais deixem de nos parecer distantes ou

⁵² Ver texto onde o professor Leo Name discute a desobediência projetiva (NAME, 2023).

⁵³ Em correspondência às orientações de Haraway (HARAWAY, 2023).

distintos do que somos. Portanto, é preciso que o *corpus* da universidade se abra a este processo de ampliação das gramáticas e dos léxicos possíveis para que consigamos juntos desenhar o porvir. Aqui, a confluência com outras histórias não só é possível, como é essencial para compor o inadiável amanhã. Acredito invariavelmente que ensinar e aprender uma arquitetura encarnada é celebração e aposta num futuro mais amoroso. Tal como o ouroboros em seu movimento, novos ciclos começam agora, com camadas combinantes e cambiantes, entrançadas neste viver-pensar-fazer-com.

AGRADECIMENTOS

Há quem diga que o processo de elaboração de uma tese é solitário e sofrido. Geralmente é, mas não precisa ser. Não está escrito em nenhum lugar que este rito precise causar dor, rompimentos e alienações, então porque repetimos irreflexivamente que é apenas assim mesmo? Lembro que esta foi a pauta de uma conversa que tive com a querida professora Thais Portela, na cozinha de sua casa, enquanto fazíamos bolo e café para aquecer o coração, logo após um golinho de cachaça para abrir os caminhos. Sim, conversas acadêmicas podem ser regadas de afetos e acolhimentos para o corpo e para o espírito.

Thais é daqueles seres experts em abrir portas e envolver quem busca abraços. Podemos oferecer aquilo que nos é caro e que cremos ser importante para ajudar a amaciar os percursos daqueles que chegam aflitos carregando suas predisposições para sofrer. Também posso pensar em estender este sentimento para a graduação em arquitetura e urbanismo. Há, ainda, uma mística enraizada que diz que precisamos virar noites, andar como zumbis individualistas, ter muito trabalho e estar sempre exaustos para exercitar uma pretensa realidade futura e ter sucesso. Mas que ideia mais besta.



Imagem 21 – Linoleogravura a partir de desenho emocionado feito por Xico Costa durante a defesa da Tese em João Pessoa, 04 de setembro de 2023. Gravura e Fotografia: MRibas.

A aposta derramada durante todo este texto é aquela onde se aprende dentro de uma ética amorosa, com o acolhimento de quem somos em nossa diversidade, no emaranhado afetuoso que nos conforma enquanto sujeitos co-responsáveis uns pelos outros. A linogravura da página anterior foi feita por mim, a partir de um desenho emocionado que Xico Costa registrou durante a defesa desta tese em seu caderno de anotações. Ela pode representar uma bela síntese sobre o que significa este trabalho, em seu conteúdo, mas também na forma como foi elaborado. Num grande e afetuoso emaranhado de nós. Sou uma pessoa que gosta de carregar gentes perto, de esticar tentáculos e de trazer gentes dentro. É certo que esta escritura só foi possível porque pertenço a este lindo amalgamado de muitos outros corpos com quem pude tropeçar, aprender e agregar pelo caminho.

Sou grata às minhas alunas e alunos, às alunas e alunos que atravessaram este percurso e me fazem a aprendiz que sou. Que desde 2011 me apresentam oportunidades para enxergar outros modos e mundos. Especialmente representados por Débora Rosa e Genyeverson, com seus preciosos relatos fundamentais para ampliar o campo de visão desta investigação.

Às minhas mestras e mestres que me amparam e reconfiguram a cada encontro, mestres da academia e mestres da vida. Aos professores com quem aprendi a ser gente e a ser arquiteta e aos colegas que me emprestaram seu olhar para enxergar o que é ser professora. Aos amigos professores com quem pude experienciar os exercícios aqui relatados, Iazana Guizo, Alessandra Soares, Yane Diniz, Sidney Pereira, Paulo Rossi, Pedro Rossi. Em especial ao meu orientador Xico Costa pelas experimentações, mas também pelos novelos de linhas para costurar asas e por me ensinar a ver o tempo com necessárias pausas sertanejantes, com lembretes de não esquecer que sertões coexistem veredas verdejantes. E também por me mostrar que é fundamental festejar a existência.

À banca avaliadora deste trabalho que em sua imensa generosidade e disponibilidade foi fundamental para me fazer mergulhar e encarnar cada palavra aqui posta. À Juju Brito pelo espelho referente amoroso e acolhedor que me mostra que é possível a prática de uma ética amorosa em sala de aula. A Ney Dantas pela calma e paz, pela palavra que abraça e pela insistência para que eu largasse a pesada mochila teórica no pé da montanha, carregada de letras de outras pessoas, para subir apenas com minha sacola viva de coisas importantes e

desimportantes. A Pedro Britto pela inquietude necessária, pela insistência na corresponsabilidade simpoiética da vida e por me ensinar uma doce didática de libertação do elefante enfeitado que viveu em minha casa durante estes longos anos. À Carol Oukawa pela refrescância energética no mover-se acadêmico, pela crença de que é possível agir com sensibilidade e responsabilidade e por acreditar que podemos pensar juntas em uma sala de aula com mais suavidade. Mesmo [e apesar] de toda exaustão que insiste em nos alcançar.

Aos amigos do Visões Urbanas, Ana Rosa, Isabel Rocha, Mateus Bertoni, Flávio Mazadro, Ricardo Lira, Iale Camboim, Camila Benezath, e todos os demais pesquisadores, pelos debates e construções compartilhadas em orientações coletivas e por nos reconhecermos uns nos outros. Perrengues acadêmicos estreitam laços e novas possibilidades se abrem para nós.

Aos lepetit, Lu, Cris, Napaula, Celso, Tuca, Ofir, Luiz, Alê, Moh, Dani e agregados todos por me ajudarem a ter sanidade e a suportar os tempos mais intensos, mas principalmente por celebrar nossas conquistas, por mais miúdas que parecessem ser. Pelas gargalhadas mais gostosas e pelas fugas dançantes. Aos lhamos, Lu, Vini, Ricardo e Helen, minha pequena turma do doutorado, por surtarem junto comigo e conseguirmos fechar este ciclo mais fortes do que chegamos. À Bali e Bella, minhas mãos dadas e meu orgulho, obrigada pelas leituras, trocas e traduções, amoras. Às minhas amigas decoloniais, Cris e Manu, que a quase vinte anos seguem me emocionando numa aprendizagem mútua e cheia de reconstruções de quem somos e de quem podemos nos tornar.

À minha família nuclear e extensa, emaranhada e gregária, porque o cuidado e o amor são chave para a construção de um comum possível. Pelas velas acesas, receitas, chás, rezas, mudas e também todas as lágrimas de alegria e brindes efusivos, Vera, Adelma, Lane, Mita, Ju, Lulu, Nat: é tudo nosso, minhas Flores.

Ao meu pai, irmã, irmão, Paulo, Camila e Filipe, e também a Clarissa e Raphael, pelo suporte cotidiano umbilical e pela confiança irrestrita que temos uns nos outros. Aos amadinhos Markito, Dante e Raffo, fonte da mais pura alegria e que carregam por si uma imensa fé no futuro. A animada e brilhante rama que ganhei de presente: Rosa, Sandra, Vera, Mônica, Henrique e Cacá.

Ao meu parceiro de todas as horas, Alcides, meu cafuné e meu cheiro de boa noite. Que no abraço dançante entre malabares segurava e sustentava os dias para me dizer emocionado que o cotidiano seguia firme e que esta era só mais uma travessia, que tudo estava sob controle e era só eu continuar no caminho por mais um tempo.

Agradeço também ao programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPB que me acolheu e à CAPES pelo suporte financeiro. E ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE que me recebe para uma nova jornada.

Por fim, sou grata à minha mãe encantada, pela força e insistência, por me fazer prometer chegar até aqui entre lágrimas e abraços a poucos dias de sua partida. É a ela que dedico este trabalho. O afeto é o fio que nos costura neste grande emaranhado de nós. Eu sou porque nós somos.

Obrigada ainda a você que me lê, nos vemos no próximo carnaval! Até breve.

ÍNDICE DAS IMAGENS

Imagem 1 – O grande discurso da tese. Fotografia da obra Uncertain Journey da artista Chiharu Shiota, foto: Christian Glaeser, 2010.....	19
Imagem 2 - Fotografia da obra Uncertain Journey da artista Chiharu Shiota, foto: Christian Glaeser, 2010.....	20
Imagem 3 - Pequena cartografia dos corpos misturadas ou mapa de fazer perguntas.....	82
Imagem 4 - Tabuleiros da formação profissional. MRibas, 2017.	90
Imagem 5 – O pequeno discurso da tese. Citronela do quintal, fotografia. MRibas, João Pessoa, 2017.	91
Imagem 6 – Primeira tentativa de diagramar o Grande discurso da Tese. MRibas, 2017.	95
Imagem 7 - Cartografia dos corpos misturados, primeira versão. MRibas, janeiro de 2018.	96
Imagem 8 - Mergulhar dentro é mergulhar fora - ou por que ainda carregamos nossos véus? Maquete conceitual com o que tinha ao alcance das mãos. MRibas, Seminário do Grupo de Pesquisa Visões Urbanas, Brain Storm Area, João Pessoa, 2022.	97
Imagem 9 - Cartografia dos corpos misturados ou Mapa de fazer perguntas. MRibas, setembro de 2022.....	98
Imagem 10 - Recorte do Manual de Instruções para o MOLD. Estudantes: Igor Correia, Maycon Brayner e Lorraine Azevedo. Plástica 1, Esuda, 2015.....	139
Imagem 11 - Recorte do Manual de Instruções para o CASULO. Estudantes: Débora Rosa, Juliana Saldanha e Mateus Oderico. Plástica 1, Esuda, 2015.....	140
Imagem 12 - Recorte do Manual de Instruções para a TRAMA. Estudantes: Ludmilla Aquino, Maria Juliete e Paulo César. Plástica 1, Esuda, 2015.....	141
Imagem 13 – Instalação Carapaças Penetráveis. Em sentido horário: GIRAMUNDO, TRAMA, MOLD, CASULO. Plástica 1, Esuda, 2015.	147

Na próxima página: Imagem 14 - Muxarabi portátil para estudantes de arquitetura à beira de um ataque de nervos, Oficina de desenho II, Xico Costa. Foto: MRibas, 2018.	150
Imagem 15 – Cozinhar e compartilhar. Aula de Projetos 1 na cozinha do curso de nutrição do IESP. Fotos de Alessandra Soares. Cabedelo, 2019	163
Imagem 16 - Oficina habitar água. Centro Universitário Iesp, Cabedelo-PB, 2019. Fotos: Iazana Guizzo.....	176
Imagem 17 - Lá fora tudo é desterro, aqui dentro também. Fotografia de longa exposição da varanda de casa. Alcides Vespasiano, Recife, maio de 2020.	178
Imagem 18 – Tudo mudou, nada mudou, nada está dado, tudo é mar de possíveis. Aquarela e posca sobre papel de algodão. MRibas, agosto de 2020.....	198
Imagem 19 - Print de tela. Aula on-line de Projetos 7. UFPE, 2022.....	212
Imagem 20 - Print de Tela. Debate on-line Arquitetura Ambiental. Sobreposição de imagens com postal de Suely Rolnik. MRibas, 2020.	215
Imagem 21 – Linoleogravura a partir de desenho emocionado feito por Xico Costa durante a defesa da Tese em João Pessoa, 04 de setembro de 2023. Gravura e Fotografia: MRibas.	224

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. 1. ed. Chapecí, SC: Editora Argos, 2009.
- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 2. ed. São Paulo: Ars Poetica, 1994.
- ALVES, R. **O amor que acende a lua**. [s.l.] Papyrus Editora, 1999.
- ARRUDA, T. DE. **Chiharu Shiota: Linhas da vida**. São Paulo: Base 7 Projetos Culturais, 2019.
- BALTAZAR, A. P. Não existe arquitetura decolonial porque não existe ensino de arquitetura decolonial porque não existe arquitetura decolonial. **Redobra**, v. n. 15, ano 6, p. 121–136, 2020.
- BARROS, M. DE. **O livro das ignorâncias**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BARROS, M. DE. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfaguarra, 2016.
- BELLACASA, M. P. DE LA et al. O pensamento disruptivo do cuidado. **Anuário Antropológico**, n. v.48 n.1, p. 108–133, 28 abr. 2023.
- BRUM, E. Exaustos-e-correndo-e-dopados. **El País Brasil**, 4 jul. 2016.
- CAMPELLO, F. **Crítica dos afetos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- CARERI, F. **Pasear, detenerse**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2016.

CARVALHO, I. Cinco vezes que Bolsonaro, ou pessoas ligadas a ele, recorreram a símbolos nazistas. **Brasil de Fato**, 25 mar. 2021.

CAVALCANTI, C. R. DA S.; AZEVEDO, A. P. DA S. G. DE. O MOVIMENTO PARAFRÁSTICO DE “BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS” X “DEUTSCHLAND ÜBER ALLES”. **Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, v. 7, n. 1, p. 51–64, 18 maio 2022.

CORDEIRO, V. A. **A cabeça pensa que sabe, mas é a mão que alembra o caminho**. Dissertação de Mestrado—Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2023.

COSTA, X. Imagem e experiência de apreensão da cidade. Em: JACQUES, P. B.; BRITTO, F. D. (Eds.). **Experiências Metodológicas para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea**. Salvador: Edufba, 2015a. v. Caderno III: Alteridade, Imagem e Etnografiap. 52–83.

COSTA, X. Relato de uma escrita possível. Em: JACQUES, P. B.; BRITTO, F. D. (Eds.). **Experiências Metodológicas para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea**. Salvador: Edufba, 2015b. v. Caderno III: Alteridade, Imagem e Etnografiap. 91–113.

COSTA, X. **Sete léguas e meia de prática e ensino em arquitetura e urbanismo**. João Pessoa: do Autor, 2022.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2014.

DELEUZE. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução: Peter Pal Pelbart. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. **Espinoza e o problema da expressão**. Tradução: Luiz B. L. Orlandi; Tradução: GT Deleuze. São Paulo: Editora 34, 2017.

DIAS, J. et al. Uma ciência triste é aquela em que não se dança. Conversações com Isabelle Stengers. **Revista de Antropologia**, v. 59, p. 155, 14 out. 2016.

DIDI-HUBERMAN, G. Pensar Inclinado. **Calibán** 'Revista Latino-Americana de Psicanálise, v. 12, n. 2, p. 147–155, 2015.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: [s.n.].

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GOLDBERG, N. **Escrevendo com a alma**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

GUATTARI, F. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. [s.l.] Vozes, 1996.

GUIZZO, I. **Reativar territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo**. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2019.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41, 2009.

HARAWAY, D. J. **Ficar com o problemema: fazer parentes no Chthluceno - 1ªED.(2023) - Donna J. Haraway - Livro**. Tradução: Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HOFF, M. O que você quer desaprender de verdade? Em: MOULIN, G. et al. (Eds.). **Avizinhar fabulações**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2021.

HOOKS, BELL. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, BELL. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, BELL. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

INGOLD, T. Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world. Em: **Shifting contexts: transformations in anthropological knowledge**. The uses of knowledge. [s.l.] Routledge, 1995. p. 57–80.

KAPP, S.; BALTAZAR, A. P.; MORADO, D. Architecture as Critical Exercise: Little pointers towards alternative practices. **Field: A free journal for Architecture (Sheffield)**, v. 2, p. 7–29, 2008.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KING, S. **Sobre a escrita: a arte em memórias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPORTA, B.; ANDRADE, É. O Sujeito Disciplinar: Uma Análise Das Regras Para a Direção ao Do Espírito. **Cadernos Espinosanos**, v. 46, p. 49–81, 2022.

LARA, F. L. Precisamos de uma arquitetura política para resistir a uma arquitetura civilizatória. **arq.urb**, n. 29, p. 04–07, 2020.

LARA, F. L. Paulo Freire como antídoto à hegemonia da abstração. **Arquitextos**, v. 256.00, 2021.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LEITE, M. DE J. DE B. **Formar não é informar: um percurso sensível na formação do arquiteto**. Tese de Doutorado—[s.l.] Universidade de São Paulo, 2007.

LEITE, M. DE J. DE B. Suportes do viver no mundo. **Passeio**, Movimento. 2023.

LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro De Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESQUITA, F. J. L. DE. **Arquitetura vernacular ribeirinha, patrimônio cultural nas Amazôniaas: o caso de Afuá-PA**. Dissertação de Mestrado—Rio de Janeiro: Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural - IPHAN, 2017.

MOURA, A. S. DE. **Corpo e espaço: experiencias metodologicas no ensino de arquitetura e urbanismo**. João Pessoa: Mídia Gráfica, 2019.

NAJMANOVICH, D. **El cuerpo del conocimiento, el conocimiento del cuerpo**. Disponível em: <<http://denisenajmanovich.com.ar/?p=1663>>. Acesso em: 20 maio. 2023.

NAJMANOVICH, D. ¿Qué puede un cuerpo? Paisajes y cartografías de los cuerpos deseantes. **EL HORMIGUERO Psicoanálisis ♦ Infancia/s y Adolescencia/s**, 27 set. 2021.

NAME, L. Desobediência projetiva? Esboço para o ensino de arquitetura. **Arcos Design**, v. 16, n. 2, p. 217–236, 2023.

NOBRE, A. L. Aproximar-se do chão. Em: MOULIN, G. et al. (Eds.). **Habitar o Antropoceno**. Belo Horizonte: BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022. p. 256.

PASSARO, C. **Três Giras Por Uma Descanonização de Modelos Ocidentais Modernos de Corpo na Arquitetura (na Dobra com a Dança): NEUFERT*, MODULOR e LABAN**. Tese de Doutorado—Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2021.

PELBERT, P. P. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2016.

PEREIRA, M. **Entrevista**. , 2008. Disponível em: <www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/02_03_entrevista.htm>. Acesso em: 21 abr. 2017

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante - Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RHEINGANTZ, P. A. Por uma Arquitetura da Autonomia: Bases para renovar a pedagogia do Atelier de Projeto de Arquitetura. **revista ARQTEXTO**, v. Ano IV, n.1, n. Departamento de Arquitetura: PROPAR. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

RIBEIRO, S. **Sonho manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Roda Viva | Ailton Krenak | 19/04/2021. , 19 abr. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4>>. Acesso em: 24 out. 2023

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Companhia de bolso, 2021.

RUFINO, L. **Vence-demanda: educação e descolonização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

SAFATLE, V. Uma gramática só não basta. Em: **Crítica dos afetos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SANTOS, B. DE S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. 2a. edição ed. Coimbra: Almedina, 2010.

SANTOS, A. B. DOS. **A terra dá, a terra quer**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SILVA, E. Novos e velhos conceitos no ensino do projeto arquitetônico. Em: **Desafios e conquistas das pesquisas e do ensino de projeto**. Rio de Janeiro: EVC, 2003.

SILVA, E. **Uma Introdução Ao Projeto Arquitetônico**. [s.l.] UFRGS, 2006.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SOUZA, M. D. “**Vírus é o produto da natureza, e crise é o produto do neoliberalismo**”, aponta **dossiê**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/08/virus-e-o-produto-da-natureza-e-crise-e-o-produto-do-neoliberalismo-aponta-dossie>>. Acesso em: 15 set. 2022.

SPINOZA, B. DE. **Ética**. Tradução: Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

XAKRIABÁ, C. Corpo-território. Em: **Mundos Indígenas**. Belo Horizonte: Espaço do conhecimento UFMG, 2020a.

XAKRIABÁ, C. Amansar o giz. **Piseagrama**, v. 14, p. 110–117, jul. 2020b.

XAKRIABÁ, C. **Curar a Terra é Curar a Nós Mesmos**. , 4 set. 2020c. Disponível em: <<https://yam.com.vc/sabedoria/791662/celia-xakriaba-curando-a-terra-curamos-a-nos-mesmos>>. Acesso em: 18 ago. 2023

ŽIŽEK, S. **Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

